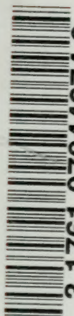
Obras Completas de A. F. de Castilho



[...]EZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 || 45, R. Ivens, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 31.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV—Felicidade pela Agricultura (1.º vol.)
V—Felicidade pela Agricultura (2.º vol.)
VI—A primavera (1.º vol.)
VII—A primavera (2.º vol.)
VIII—Vivos e mortos—Apreciações moraes, litterarias, e artisticas (1.º vol.)
IX—Vivos e mortos (2.º vol.)
X—Vivos e mortos (3.º vol.)
XI—Vivos e mortos (4.º vol.)
XII—Vivos e mortos (5.º vol.)
XIII—Vivos e mortos (6.º vol.)
XIV—Vivos e mortos (7.º vol.)
XV—Vivos e mortos (8.º vol.)
XVI—Excavações poeticas (1.º vol.)
XVII—Excavações poeticas (2.º vol.j
XVIII—Excavações poeticas (3.º vol.)
XIX—O Presbyterio da montanha (1.º vol.)
XX—O Presbyterio da montanha (2.º vol.)
XXI—O Outono (1.º vol.)
XXII—O Outono (2.º vol.)
XXIII—Quadros historicos de Portugal (1.º v.)
XXIV—Quadros historicos de Portugal (2.º v.)
XXV—Quadros historicos de Portugal (3.º v.)
XXVI—Quadros historicos de Portugal (4.º v.)
XXVII—Novas excavações poeticas (1 º vol.)
XXVIII—Novas excavações poeticas (2.º vol.)
XXIX—Camões, drama (1.º vol)
XXX—Camões, notas (2.º vol.)
XXXI—Camões, notas (3.º vol)

NO PRÉLO:

XXXII —Camões, notas (4.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
XXXI

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO
SOBRE UM DRAMA FRANCEZ
DOS SNRS.

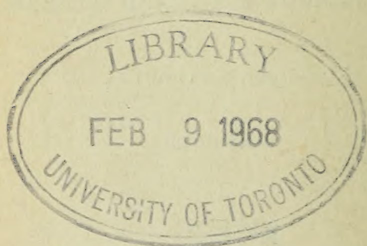
VICTOR PERROT e ARMAND DUMESNIL

3.ª EDIÇÃO PORTUGUEZA

VOLUME III



LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1906


LIBRARY
FEB 9 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

NOTA XI

HONRAS POSTHUMAS

(Tomo 1 pag. 25, linha 7 e seguintes—*Camões e D. Sebastião, essas duas Columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos, esses dois homens, ambos inquebrantaveis, ambos de alma fogosa e poetica, ambos coroados para holocausto, ambos mal apreciados em vida, e depois de espantosa morte, privados ambos de mausoleo.*)

Todas estas coincidencias são realmente bem para notar, e os tornam, como se diz no texto, «ainda hoje vertentes de poesia para todo o mundo...»

O desapparecimento do Rei deu origem a imposturas graves e de tragico desfecho, que por algum tempo occuparam as attenções da Europa; e creou a crença popular, ainda não de todo extincta, de seu encantamento n'uma ilha encoberta. D. Sebastião ficou sendo para os seus, o que é para os Inglezes o fabuloso *Arthur* ou *Arthus*, instituidor da *Tavola redonda* no seculo sexto; n'uma sanguinosa batalha morto e perdido, segundo uns; perdido e não morto, nem então, nem ainda agora, segundo outros. ¡Assim se tocam os extremos! De uma tamanha miseria, como é baquear-se um homem despedaçado de cima

de um throno, e não achar sequer sepulcro onde cahir, desabrocha-lhe a celebridade e a apotheóse. Assim havia já succedido a Romulo. A sepultura de Arthur, creu-se na palavra dos romances gallos antigos havel-a Henrique II descoberto no cemiterio de *Glastensbyry*; de D. Sebastião, está o nome n'um tumulo da egreja de Belem, mas com a clausula muito prudente da duvida:

CONDITUR HOC TUMULO, SI VERA EST FAMA, SEBASTUS,
QUEM TULIT IN LYBICIS MORS PROPERATA PLAGIS.
NEC DICAS FALLI REGEM QUI VIVERE CREDIT,
PRO LEGE EXTINCTO MORS QUASI VITA FUIT.

Ora, emquanto assim no templo magnifico fundado por D. Manuel, o Feliz, na praia de Rastello, D. Sebastião, o Desejado, nada mais tem por ventura no seu moimento que o seu nome, e os seus ossos voam pelos desertos, ludibrio dos ventos d'Africa, Camões, na modesta egrejinha das decrépitas freiras de Sant'Anna, sem inscripção, e chorado como perdido na voz de todo o mundo, jaz, conserva-se, e existe realmente.

Quando Cicero, seculo e meio depois da morte do celebre Archimedes, logrou a fortuna de lhe descobrir o tumulo, não sentiu mais ufano jubilo, que o pobre de mim, na hora em que, dois seculos e meio depois da morte de Camões, pude dizer á minha consciencia — «Achei o; a sua sepultura eil-a aqui.»

O meu amigo o snr. Garrett, não menos encantado do que eu com o descobrimento, me pediu em 1844 para a terceira edição do seu *Camões*, uma noticia d'aquellas in-

vestigações; dei-lh'a com a melhor vontade; até pela honra que me resultava de ver o meu nome n'um cantinho d'esse monumento, que o snr. Garrett soube fabricar de diamante á gloria de Camões e á sua propria. Sem protestos de mentirosa modestia, pois a não tenho n'este negocio, eis aqui textualmente o que se lê na penultima nota d'essa edição terceira:

«¿Onde jaz, portuguezes, o moimento
«que do immortal Cantor as cinzas guarda?...

«Camões foi enterrado em sepultura humilde e raza ao lado esquerdo da porta principal da egreja do convento de Sant'Anna, que então servia de parochia. Dezasseis annos depois, D. Gonçalo Coutinho, o mesmo que tão affeiçoado lhe fôra n'outro tempo, mas que parecia tel-o desamparado nos ultimos dias da sua atribulada vida, e de todo olvidado depois de morto, D Gonçalo Coutinho, agora com diligencia e cuidado procurou o logar quasi esquecido — em dezaseis annos! — da sepultura do Poeta; achou-o com não pequenas difficuldades, por não haver indicio, diz o snr. Bispo de Vizeu, Lobo, que o fizesse logo advertir; mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da egreja, e assentou sobre ella uma pedra, em que fez gravar aquelle tão conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

Aqui jaz Luiz de Camões
Principe
Dos poetas do seu tempo;
Viveu pobre e miseravelmente:
E assi morreu
Anno M D.L XXIX.

«Martim Gonçalves da Camara, o famoso Escrivão da Puridade d'el-Rei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou que lhe chegasse o arrependimento, tambem agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lapida aquell'outro epitaphio em disticos latinos, composi-

ção do padre Matheus Cardoso, jesuita, toda hyperbolica, engenhosa e de conceitos, que, ou me engano muito, ou, por si mesmos, esses versos latinos se denunciam hypocritas e fingidos, quanto a singela prosa portugueza da outra inscripção mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

«O chronista franciscano attesta ter visto, e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da egreja no sitio onde fôra a primitiva sepultura do Poeta, e ali foram postos em seu obsequio com emblemas e tropheos militares.

«No terremoto de 1755 o tecto da egreja, que era de abobada cahiu com todo seu peso sobre o centro d'ella, e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram em pé, e o resto do pavimento de ambos os lados da egreja tambem não foi arruinado, segundo ainda hoje testemunha a existencia de muitas lapidas, inscripções tumularias, brazões, etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

«A egreja concertou se. As freiras, que até ali não tinham tido senão côro de cima, fizeram côro de baixo tambem, tapando a porta principal da egreja, que era fronteira ao altar mór, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões, em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sitio em que a grade do côro de baixo agora parte a egreja quasi a meio.

«Mas depois d'estas obras, a ninguem lembrou perguntar se se pozera, ou não, sinal n'aquella sepultura; todos se contentaram desmazeladamente com dizer — «Perdeu-se com o terremoto.» E passou em julgado. Envergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um opprobrio, uma affronta nacional, mas não se tratou nunca de ver se era possivel reparal-a.

«So n'este seculo um homem, não suspeito de enthusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José Agostinho de Macedo, por vezes foi ouvido dizer a varias pessoas inda vivas, que a sepultura não estava perdida e que o terremoto só destruíra a loisa, não o jazigo.

«Provavelmente não havia empenho no presumido

rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou esta incuria geral portugueza se ficou na perguiça de que nada parecia poder já despertar-nos.

«Em 1825, quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente estas circumstancias locaes, e não tinha nem o menor vislumbre que fosse possivel virem a descobrir-se as cinzas de Camões A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoi* de proençal, ou, com mais exacção—acre sirvente que fustiga um crime publico—em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação Rei, e Governo, todos peccaram de culposa incuria em não ter feito a minima diligencia para descobrir o monumento da sua maior gloria. Volumes de providencias do Marquez de Pombal, milhões de despezas em desentulnos, concertos e edificações novas; ¡ mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descobrir o jazigo de Luiz de Camões!

«Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta cego, e sem valimentos, o emprehender a desaffronta da Nação e o desagravo do seu grande Genio.

«Na sociedade que se formára em Lisboa em 1835 com o titulo de Sociedade dos Amigos das Letras, o snr. Castilho propoz que se não desse toda a esperança por perdida, que elle tinha fé que ainda talvez se podesse achar a sepultura do nosso Camões; que ao menos se fizessem as diligencias com zêlo e empenho

«Nomeou-se uma Commissão: o Governo e o snr. Patriarcha da Silva deram as licenças devidas; foi cuidadosamente, e com todas as solemnidades, explorada a egreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no proprio sitio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortaes do immortal Cantor dos Portuguezes, apparece com effeito uma lage comparativamente nova, sem letra nem divisa, cobrindo um vão arcamaçado e ladrilhado com dois ou tres degraus que a elle descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insufficiente para um carneiro ou jazigo de familia, como outros que ha na mesma egreja. Dentro d'este vão uma ossada com alguma terra pouca.

«Para mim, para todos os que, á mingua de authenticas formaes, pódem crer em reliquias authenticadas com probabilidades tão visinhas de certeza,

para mim é moralmente certo, é provado (quanto humanamente se póde provar em casos taes) que ali estão as cinzas de Camões. O logar é o da Historia; de todos os sinaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulcro venerado, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Apparece uma nova, como é nova toda a linha média do pavimento da egreja. Não apparece, apesar das mais escrupulosas diligencias, memoria de jazigo, carneiro, ou sepultura particular, de nenhuma pessoa ou familia que depois do terremoto alı viesse enterrar-se. Estamos como no tempo em que D. Gonçalo Coutinho procurava a já esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se difficuldades que fazem hesitar, mas que são muito venciveis; nenhuma razão se offerece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

«Pelas sabidas occorrencias de Setembro de 1836, tempo em que a Commissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos Um relatorio circumstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai apparecer brevemente ao Publico.

«O meu amigo o snr. Antonio Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resumi, está actualmente dispondo aquelle relatorio, de cuja publicação resultará certamente o generalisar-se a convicção de tão grande descoberta, e vir emfim a Nação portugueza a recuperar o seu Palladio literario. ¿Dar-lhe-ha ella depois santuario mais digno, mais duravel, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemol-o ao menos.»



A memoria, a que o snr. Garrett se refere não chegou a sahir: outros cuidados m'o impediram então; nem tão pouco sai agora aqui, onde tambem coubera, por se me haver quasi toda descaminhado n'este meu peregrinar de judeu errante. N'ella dava eu conta á Sociedade dos Amigos das Letras, em Lisboa, dia por dia, e hora por hora, de tudo que nós, a sua Commissão, a saber: os snrs.

Assis Rodrigues, Lente de escultura, Engenheiro Feijó, e eu, auxiliados dos nossos consocios Morgado d'Assentiz, Gonçallo Vaz de Carvalho, e meu irmão Augusto Fred rico de Castilho, haviamos feito na exploração da egreja de Sant'Anna desde 7 de Setembro de 1836 até 12 do mesmo mez.

A inspecção minuciosa dos logares, assim do que n'elles estava patente, como do que se excavou e descobriu, as tradições conservadas entre as Religiosas, e o exame attento e comparativo das varias noticias impressas em biographos e chronistas, e dos livros de obitos da freguezia, o raciocinio das probabilidades, fundado em mil conveniencias, e não contradito nem invalidado por circumstancia, inducção, ou suspeita alguma, tudo nos deixou unanimemente convencidos (com uma convicção que todos assellariamos com palavra de honra e juramento) *Primo:* de que uma campa grossa e liza, que no meio do templo jaz, de pedra liós com 12 palmos de comprimento e 6 avantajados de largura, cobrindo um vão de 9 palmos e 6 polegadas de comprido, 4 palmos e 7 polegadas de largo, e 8 palmos e 5 polegadas de fundo, fôra ali posta para supprir a primitiva campa, esculpida com epitaphio, estragada sem duvida pelo terremoto, pois que de existir ainda a primeira, passados 130 annos temos nós certeza e prova na Chronica franciscana; e da impressão d'essa Chronica até o terremoto de 1755, só 46 annos mediaram, tempo de que existe registo de enterramentos em Sant'Anna, pois o ha sem interrupção desde o anno de 1588.

Secundo: de que n'aquelle jazigo se não depositou outro algum corpo, depois que para lá se trasladaram da entrada da egreja os ossos de Camões.

Tertio: de que, por consequencia, os ossos, que achámos dispersos no pavimento ladrilhado d'este subterraneo, e que todos nós tomámos nas mãos com summo respeito, eram os do Poeta.

Verdade é que esses ossos, bem examinados, não davam um esqueleto completo, e aliás se encontrou entre elles algum de mais, como bem verificou o snr. Assis Rodrigues. Todas estas differenças para mais e para menos, podem, e devem, ter sido resultado, em parte, da trasladação da primeira jazida para esta segunda, pois na primitiva sepultura se podiam ter já misturado com alguns outros; em parte, de se haverem resolvido aqui em terra com a lima surda do tempo, pois alguma pouca terra se encontrou entre elles; e em parte, porventura, de que se atirariam para ali na confusão das obras da reedificação alguns outros que andassem a granel.

Em summa: entre aquelles despojos estão indubitavelmente reliquias de Camões.

Não faltaram Portuguezes honradissimos, que nos aconselharam a dissimularmos esta verdade, receosos de que, sabendo-se que não era aquelle o esqueleto do Poeta inteiro e estreme, se resfriassem as boas vontades de o honrar. Fôra essa uma fraude piedosa e santa, se jamais as houve; mas a verdade candida, ainda que triste, nos pareceu preferivel; e quanto a resfriamentos de vontades,

mui fracas haviam de ser, e muito pouco para d'ellas se fazer conta, as que por tão futil consideração se demovessem.

Até aqui vinha a primeira edição.

Agora, doze annos depois, temos para juntar á historia novas noticias sobre o sepulcro e ossos de Camões na estudadissima vida do Poeta, elegantemente escrita pelo snr. Visconde de Jurumenha, e preposta á sua novissima edição das obras de Camões. Ahi se lê em relação á materia sujeita o seguinte: [1]

«Levaram o seu cadaver á egreja das freiras franciscanas da invocação de Sant'Anna, que então servia de freguezia, e estava proximo da sua casa, e ahi foi dado á sepultura *pobre e plebeiamente*, diz Pedro de Mariz, logo ao entrar da porta principal ao lado esquerdo. Não nos devemos admirar da frieza com que o trataram então os seus compatriotas, se nos lembrarmos que morreu em uma epoca em que todas as lagrimas eram poucas para chorar as desgraças da Patria; não obstante, apenas o tempo deu o alivio possivel, ou, para melhor dizer, a resignação necessaria para o sofrimento da calamidade publica, dezasseis annos depois o trasladou para outra mais honrada sepultura D. Gonçalo Coutinho, cavalheiro illustre da casa de Marialva, e grande amigo do Poeta, e sobre a sua campa lhe mandou gravar este singelo, mas expressivo epitaphio:

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEO TEMPO.
MORREO NO ANNO DE 1579.
ESTA CAMPA LHE MANDOU POER D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ NINGUEM

[1] Tomo I pag. 150.

«É para advertir que Pedro de Mariz, e Faria e Sousa, e seguindo-os outros muitos, accrescentaram á inscripção as palavras=*viveu pobre e miseravelmente*= que ali se não encontravam, pois a inscripção, tal qual a apresentâmos, foi trasladada da propria sepultura do poeta pelo chronista da Ordem, que por esta occasião rebate o editor das obras do Poeta publicadas no anno de 1772, que novamente repete este mesmo erro; admira-me como Faria e Sousa, que escreveu com tanta investigação sobre o Poeta, se não deu ao trabalho de visitar a sepultura, n'aquelle tempo ainda não vedada ao Publico, para nos dar mais minuciosas informações relativas ao local onde repousam as cinsas do Poeta. Mais a baixo da primeira inscripção, com licença de D Gonçalo Coutinho, lhe mandou pôr outra mais diffusa e hyperbolica, escrita em versos latinos, Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da Puridade d'el-Rei D. Sebastião, e seu valido, aquelle mesmo que dizem que em vida do Poeta lhe fôra adverso; foi esta composta pelo padre Matheus Cardoso, da Companhia de Jesus, e dizia assim:

Naso Elegis, Flaccus lyricis, Epigramate Marcus,
Hic jacet Heroso Carmine Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia, famam:
Unam nobilitant Mars et Apollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine: at Indo,
Et Gangi telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii haud gazas ex Oriente tulit.
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense:
At plus cum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani vertere Poëtam:
Quælibet hunc vellet terra vocare suum.
Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
Est sibi, par nemo nemo secundus erit.

«O chronista franciscano já citado faz menção de outra memoria que ali mandou collocar o contemporaneo do Poeta, Miguel Leitão de Andrada, o autor das *Misceilaneas*, a qual ainda se conservava quando o chronista escrevia, porém não a descreve Em um manuscrito do anno de 1638 encontrámos a sua descripção, isto é, no livro de Diogo de Mouro de Sousa. Consistia em uma tarja de azu-

lejo com uma cruz no meio, collocada na parede junto á sepultura, e no pé da dita cruz esta inscripção:

> O grão Camões aqui jaz
> em pouca terra enterrado,
> nas terras tão nomeado,
> de espada tão efficaz
> quanto na penna afamado.

«E nas ilhargas do proprio pé da cruz, estes dois epitaphios por esta forma:

EPITAPHIUM	EPITAPHIUM
MIGUEL LEITÃO D'ANDRADA	ORDINARII SUB CENSURA
GRATITUDINIS ERGO POSUIT.	PERMISSU ET D. PATRONORUM.

E de cada lado da cruz ficava uma figura, uma d'ellas com um ramo verde em uma mão, e a outra sustentava um livro com um tinteiro e penna. Os dois epitaphios que estavam sobre a sua sepultura se achavam em partes gastos, no seculo passado, como testifica um escritor d'aquella epoca que descreve este mosteiro.

«Muitos outros epitaphios, tanto na lingua latina como em outras linguas, foram escritos em louvor do Poeta por differentes enthusiastas, sem o pensamento comtudo de serem postos na sepultura.

«A aquisição da perpetuidade da sepultura, obtida por compra aos padroeiros da egreja que eram os sapateiros da Padaria, feita por D. Gonçalo Coutinho, os testemunhos de veneração ali collocados por elle e pelos outros dois fidalgos, e que n'aquelle local se conservavam ainda pelo terremoto de 1755, a mesma clausura em que ficavam os despojos mortaes do Poeta confiados ás virgens do Senhor, sempre cuidadosas na boa administração interna dos templos confiados á sua guarda, davam logar a esperar que estes pequenos padrões do reconhecimento nacional se conservassem intactos; porém desgraçadamente não aconteceu assim, e antes estivessem expostos ao Publico, pois eriam sem duvida mais facilmente despertado a ideia de lhe levantar condigna sepultura, conservando-se incolumes tão preciosos restos mortaes. As Religiosas porem, mais occupadas das coisas celestes do que das terrenas, apagaram todos os ves

tigios apparentes, por obras a que procederam no côro inferior onde estes se achavam. Para sobradar o côro, as lages foram arrancadas, porém felizmente não mexeram nas covas, como depois se reconheceu; e os azulejos que estavam na parede foram egualmente arrancados, e esta, coberta com retabulos de altares que acompanham as paredes de um lado e outro do côro.

«Por zelosa proposta.............do snr. Antonio Feliciano de Castilho, feita perante a Sociedade que se installou em Lisboa no anno de 1835 com a denominação dos Amigos das Letras, se resolveu a exploração da sepultura do Poeta. Nomeou se uma Commissão, e, obtida a competente licença por parte de S. Em.ª o snr. Patriarcha, e a do Governo, a Commissão começou as suas explorações no dia 7 de Setembro de 1836; porém apenas encetados os seus trabalhos, o rufo do tambor chamou os exploradores, uns a serem actores, outros espectadores, de uma d'estas tristes lutas fratricidas, que vai em mais de trinta annos ensanguentam o solo portuguez.

«Preparava me eu pessoalmente a visitar este local para denunciar ao Publico o fruto das minhas observações, á vista das indagações externas a que havia procedido, e S Em.ª o snr. Cardeal Patriarcha D. Guilherme Henriques, movido pelo amor das Letras patrias, se dignava prestar-se a conceder a precisa autorisação para poder concorrer ao logar determinado, quando o Governo nomeou uma nova Commissão para este fim, de que tive a honra de fazer parte, começando a Commissão desde logo os seus trabalhos, e encarregando especialmente d'aquelles que diziam respeito á arte o seu intelligente collega o snr. João Maria Feijó, Capitão de engenheiros, e Lente de architetura civil, e curso de construcção na Escola do Exercito Os archivos que foi conveniente examinar, o foram cuidadosamente, prestando os aquelles a quem estavám confiados com a maior franqueza ao exame da Commissão. Foram percorridos os documentos do archivo do proprio Mosteiro onde se suppoz que se poderiam encontrar alguns esclarecimentos que conviessem, auxiliando não só n'este trabalho, mas em tudo o mais que estava ao seu alcance, o fallecido Confessor das senhoras Religiosas o padre F. Redondo, sacerdote zeloso das Letras

patrias. Ao snr. Prior da freguezia de Nossa Senhora da Pena, o Padre Antonio Francisco Franco, deveu muito a Commissão pela franqueza com que poz á sua disposição o cartorio d'aquella freguezia; e se o seu obituario, que seria interessantissimo se abrangesse mais nove annos, não deu esclarecimentos importantes, o antigo livro de visita da freguezia muito serviu para se poder reconstruir mentalmente a antiga egreja, sem o que talvez se não viessem a resolver duvidas que com este auxilio foram desfeitas

«Nem é menos louvavel a facilidade, com que os artistas da classe de sapateiros da Confraria de S. Chrispim facilitaram os fragmentos do seu archivo, que aliás deveria ser muito interessante se se conservasse, porquanto sabemos pelo livro antigo da visita da freguezia da Pena, que o Prelado obrigava os confrades, como padroeiros da casa, a terem em ordem o livro dos covaes, onde deveria estar assentada a transacção feita com D. Gonçalo Coutinho sobre a sepultura. É aqui talvez occasião de consignar em abono do apreço que esta confraria fazia do nosso poeta, o facto de ornarem os seus confrades, alguns mesmo coevos d'elle o arco triunfal, com que por *ordem superior* festejavam e recebiam um Rei intruso, com os versos do nosso autor.

«Se a Commissão não poude juntar e extremar á parte a ossada do nosso Poeta, ella poude comtudo, pela certeza do local onde repousavam os seus ossos, e de n'elle se não haver mexido, recolher os ossos embora reunidos com os de outros compatriotas, preferindo este modo leal de proceder, a alguma fraude, embora no melhor sentido. O Poeta não se queixaria da companhia, estava entre os seus queridos Portuguezes; mais uma advertencia, para os fieis que visitarem a sua sepultura se lembrarem que conjuntamente, ahi estão irmãos que pedem os suffragios da Egreja pela sua alma; e se uma sepultura vazia aguarda em Florença os ossos do Dante, esta, por cheia de mais, não desperta menos respeito pelos despojos preciosos que, conjuntamente com os de outros cidadãos, ali se encerram.

«Do resultado dos trabalhos da Commissão, o Publico será sufficientemente informado pelo bem elaborado e logico relatorio, redigido pelo erudito se-

cretario e collega da mesma Commissão o ex.mo snr. José Tavares de Macedo.

«Falando da sepultura do Poeta, direi duas palavras sobre uma opinião que vóga desde o seculo XVII, que a sua sepultura era uma campa que está ao meio da grade do côro, ficando parte do lado de dentro da egreja; quem asseverou isto foi Faria e Sousa, que vemos que não visitou esta sepultura pois traz o epitaphio errado: porém a sua opinião não póde sustentar se á vista do testemunho de Diogo de Mouro de Sousa que escrevia pelo mesmo tempo de Faria e Sousa, e o qual trasladou os epitaphios no proprio local, e os dá junto á porta principal á mão esquerda, e mais especialmente o do chronista franciscano fr. Fernando da Soledade, que escrevia, cêrca do meado do seculo passado, e em consequencia mui posterior á asserção de Faria e Sousa, dizendo que no anno em que escrevia, de 739, n'aquelle mesmo local se encontravam as inscripções.

«Muito menos póde ter logar a anecdota do Inglez, narrada pelo padre José Agostinho de Macedo, e referida por José Maria da Costa e Silva; porque quem se transferir áquella egreja verá que não existe tal altar, nem ha por isso a probabilidade de ser espreitado.

«Sentimos que estas explorações sobre a sepultura do Poeta não tivessem sido feitas anteriormente, quando dois Ministros d'Estado, um antes da sua entrada no ministerio, preparava uma nitida edição dos *Lusiadas* (1802), D. Rodrigo de Sousa Coutinho; e outro, o Conde da Barca, Antonio de Araujo de Azevedo Coutinho (1805), pegava na penna para escrever uma apologia do Poeta; porque não sómente se encontrariam ainda os mesmos officiaes que tinham trabalhado nas obras da reedificação do mosteiro, que só teve logar depois do anno de 1778, mediando assim pouco mais de vinte annos, existindo tambem ainda religiosas antigas, mas porque, pela sua posição como Ministros, tudo que se intentasse em honra do Poeta, seria efficazmente auxiliado pela vontade d'estes; ainda no tempo em que o Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho fez a sua primorosa edição, e o snr. Bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, escreveu a biographia de Camões, era tempo idoneo para se vir a um resultado

seguro de qualquer trabalho que sobre este fim se intentasse.»

Ordenava a lealdade, e o pedia a importancia do assumpto, que eu proprio reproduzisse aqui, segundo acabo de o fazer, um discurso em que se refuta a minha anterior opinião quanto ao logar do sepulcro, e á identidade e authenticidade dos ossos.

Agora só fica para desejar que o illustre Academico, snr. Tavares de Macedo, traga, como peça muito substancial para o processo, a sua dissertação, com tanto louvor mencionada no trecho supra; a fim de que, estudados de novo todos os documentos, provas, e inducções, se chegue a assentar para sempre opinião, e por ella se faça obra.

Voltemos á nota da primeira edição:

Entremos no faciendum. Como de então para cá, extinta a Sociedade dos Amigos das Letras em Lisboa, que era a unica procuradora de orphãos em coisas de tal natureza, se não tornou a curar d'isto, e por consequencia se acha ainda pendente a proposição, que a mesma Sociedade tão resolutamente me acolhêra, á consideração do Governo e do Publico a offereço agora novamente n'este summario.

De tres partes constava ella, a saber: fundação de um Campo Elysio; trasladação para lá dos ossos de Camões; erecção de

uma estatua ao mesmo Poeta. Compendiarei os tres capitulos:

Fundação de um Campo Elysio

«No principal cemiterio de Lisboa, a Camara Municipal que escolha, e faça assignalar á roda com gradaria, verdura, ou como melhor lhe parecer, uma porção de terreno, reservada para os finados celebres por qualquer especie de merito, passados, contemporaneos, ou futuros. Uma das seducções de tal obra é não requerer despezas, ou só mui tenues.

«Povoado para logo o chão de ciprestes, palmas, cedros e loireiros, immediatamente se comece a inquirir e perquirir onde ha hi por todos os recantos do Reino e provincias ultramarinas, terras do Brazil, ou quaesquer outras partes, restos mortaes de Portuguez, illustre por si mesmo, ainda não perdidos, mas que tenham estado em desmerecida obscuridade; e a estes, á custa do Publico, a lhes faltarem piedosos descendentes que lhes esmolem um pouco de marmore em troca da honra que lhes herdaram, se conceda hospedagem e aposentadoria aqui onde de juro lhes pertence. Uma pequena pedra que só viessem achar com o seu nome entalhado pela Nação agradecida lhes fôra maior lustre, e para mais invejas, que em qualquer outra paragem sarcóphagos de pórfido ás costas de leões, e carregados de emblemas. ¡Ainda mal que não occorreu este pensamento aos nossos maiores!! o desabar dos conventos, e o transformar das cidades, não teriam feito perecer tantas reliquias memorandas. O Tolentino, fallecido já n'este seculo, quando razões de parentesco, além de todas as outras, me obrigaram a procural-o para lhe dar um tumulo, já o não pude desencantar; a elle, como a Bocage, o cemiterio de Nossa Senhora das Mercês o tinha confundido e perdido para sempre. ¡Que amplissima colheita se não póde ainda hoje obter, apesar do mui vandalico desbarate d'estes nossos tempos! ámanhan será menor; depois de amanhan, menor ainda; passados mais alguns annos, nenhuma: porque os mosteiros e egrejas ás dezenas e aos centenares se vendem, com sepulcros e tudo,

¡para salas, para theatros, para botequins, para cavalhariças! ¡passeia-se em banquetas de ruas lageadas com epitaphios! ¡despejaram-se mausoleos, para se venderem a inglezes! ¡em sarcóphagos se viu lançar a lavadura para os animaes immundos, que o filho prodigo guardava: immundos, sim, porém menos immundos que os filhos prodigos de nossos paes, que assim os estamos deshonrando, e a nós com elles, e a nossos filhos comnosco! ¡Acudir, acudir ao que ainda resta! ¡um Campo Elysio, sequer como expiação!

«N'este mesmo Campo, com os illustrados por seus feitos proprios, poderiam ainda caber os Principes e Reis, que até hoje temos condemnado, quasi todos, a um estreito calaboiço em S. Vicente de Fóra ¿Que mal fizeram esses pobres cadaveres para os terem amontoados em caixões sobre caixões, como fardos inuteis e traçados nos desvãos do armazem do mercador? ¿Por que mereceram que do mais alto e mais luzido estado os despenhassem para o pó e trevas do esquecimento, em vez de os reclinarem caridosamente (o que nem a infimo negrinho se denega) debaixo do ceo de Deus, á luz do sol e das estrellas, entre a verdura e o conversar das arvores, presentes aos olhos e ás memorias dos seus semelhantes? Para mim tenho (a philosophia me perdôe se pécco) tenho mui deveras para mim que os moimentos dos potentados, feituras da fortuna, e as urnas dos sabios e virtuosos, feituras de si mesmos, haviam de fraternisar n'aquella paz santa, e ajudarem-se uns aos outros na sua missão de mortos, que é ensinar.

«Estreado o torrão com este concilio misto de nobrezas de toda a especie, é conserval-o franco a todos quantos forem deixando após si saudades merecidas.

«Conviria talvez crear um areopágo de caractéres sobremodo respeitados e insuspeitos, de quem ficasse dependente a qualificação dos meritos por onde a tal honra se chegasse. Os Elysios dos Antigos tinham os seus tres juizes insubornaveis; a Egreja, processa os justos, a quem ha-de venerar; os proprios Monarchas finados, entre os Egypcios eram sentenciados *paes* ou *tiranos* pelo suffragio livre de todo o Povo; em toda a Europa faz hoje a imparcial Historia egual processo aos seus Principes, e não só depois da morte, se não já em vida.

«¿Onde ha hi alma generosa, ou sómente justa, que não sympathise com tal instituto? Malbaratámos, perdemos, aviltámos, prostituimos as distincções de titulos, fóros e medalhas, ultima e unica moeda que nos restava para remunerar bons e concitar emulações briosas; creêmos est'outra, e zelêmol a para que tambem nol a não falsifiquem. Verdade é que os mortos são mortos: já não votam, nem subornam, nem elegem, nem combatem, nem enredam, nem peitam, nem ameaçam, nem insultam; não são politicos, são mortos; não solicitam, não falam, nem apparecem, nada teem, e nada pódem; entretanto, em quanto não soar a trombeta ultima, haver sempre medo da injustiça, que até para os cadaveres tem ás vezes dois pesos e duas medidas. Por isso, ninguem para este Elysio sem bom passaporte, assignado por homens que algum dia tambem o mereçam por acclamação publica.

«¡Que retiro, meus amigos! ¡que delicioso retiro! ¿Para quem não será encantamento ir ali encurtar horas e dias á sombra d'aquelles fresquissimos e calados arvoredos, já copados de flores entre sepulcros na nova primavera, já alastrando-nos por cima suas fartas sombras no estio! ¡ora sentado nos degraus de um mausoleo, reler algumas paginas eloquentes á cabeceira de quem as escreveu! ¡já peregrinar a tôa de sepulcro em sepulcro, folheando o livro do proprio coração! Ali, debaixo d'aquella abobada não escura, nem lavrada pela mão pequena do homem, mas infinita e luminosa, ali, não afastada a Natureza com muros e portões, mas convidada e recebida com todas as suas galas de côres, aromas, virações, e astros, ¡que effeito não tem de produzir na imaginação menos poetica o congresso de tanto contemporaneo veneravel, que, depois de terem, por diversas vias, arrancado á morte a melhor metade do seu despojo, vieram de seus differentes seculos ajuntar-se n'este mesmo recanto, como soldados, que após a peleja, onde muitos dos seus companheiros morreram, ao toque do clarim se recolhem gloriosos no socego de suas trincheiras! Cada um d'estes pelejadores no campo do espirito, deitado entre seus talvez desconhecidos camaradas, parece ora estar contando suas proprias fadigas, victorias, e serviços, ora dar ouvidos a eguaes narrativas dos que ao lado lhe poisam.

De cada um se reflecte para todos uma especie de luz mistica; e, como que dando todos alguma coisa, nenhum deixa n'este commercio de se melhorar em lustre e veneração. Depois ¡que perfeita harmonia entre a terra calada e os filhos da meditação! ¡entre a Natureza viçosamente florida e os homens da imaginação possante!

. . . . . . quam sedem Somnia vulgo
vana tenere ferunt, foliisque sub omnibus hærent.

Todos sabem como a solidão e os campos foram sempre amores de filosofos e poetas: Platão e Orpheu não derramavam senão entre arvores as maravilhas de seus engenhos

¿Onde vistes jámais cantor que para si desejasse piramides, ou jazigo de jaspes? um torrão desaffrontado lhes basta para o somno ultimo, com um salgueiro, e não longe o murmurio d'aguas, folhas e abelhas. Virgilio, que tão docemente suspirou viver nos campos,

Flumina amem, sylvasque inglorius. O ubi campi,
Sperchiusque, et virginibus bacchata Lacænis
Taygete! o qui me gelidis in vallibus Hæmi
sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!

esse mesmo Virgilio, ¡quão regaladamente não deve jazer na terra amorosa da sua Parthénope, á sombra do seu loireiro avergado de seculos! Cantando os Elysios, já elle havia dito que a bemaventurança dos finados se compunha dos simulacros de seus passados gostos:

. . . cura eadem sequitur tellure repostos.

Vaines ombres, qu'amuse une ombre de la vie.

É asssim que jaz Rousseau em Ermenonville; Klopstock em Hamburgo debaixo do façanhoso choupo (de que eu guardo uma folha); e agora Chateaubriand debaixo de Deus, na costa da sua Bretanha, borrifado do Oceano vasto, melancolico e profundo como a sua alma.

Repetil-o-hei: depositarmos taes homens no seio

ameno da Natureza, é recompensal os a seu grado, é verdadeiramente bemaventural-os com um Elysio terrestre, é fazer com que nem a morte os atalhe na sua benefica missão

Gracioso e digno dos Arabes foi o seu costume de abrirem uma covinha nas lapidas para n'aquellas regiões calmosas os passaros se refrescarem com o orvalho do ceo; a sua primeira voz, quando dessedentados adejarem de roda, será um gorgeio de amor e benção. Assim nos acontecerá, quando dos sepulcros fizermos sahir alguma coisa doce, limpida, celeste e refrigerativa para o espirito.

¿Quem ousará negar a Luiz de Camões os fóros para primeiro entre os primeiros de tal companhia? ¿Onde ha ahi portuguez que tanto servisse e amasse a sua Patria, e tão conhecido se fizesse pelo pregão do ninho seu paterno?

A este pois de juro pertence ser do Elysio portuguez o primeiro morador, hospede generoso de todos os outros Portuguezes, em terra de honra, e d'esta o fundador verdadeiro.

Tambem a esta parte hei-de agora acrescentar alguma coisa, passados os doze annos.

Parece que, uma vez aventado alvitre tão sympatico e exequivel, já não podia ser que deixasse, mais agora, mais logo, mais por um modo, mais por outro, de se effectuar. Pois mais de cento e meio de mezes ainda para isso não chegaram. Requeri-o eu, e por mais de uma vez, á Camara Municipal de Lisboa, mas sem exito, nem sombra d'elle.

Uma Vereação houve, de que cheguei a aguardar estes e outros melhoramentos; e foi aquella em que um homem sabio, literato, de gôsto, e emprehendedor, se viu ali, não sei como, a presidir. Este homem era o

nosso amigo e confrade academico Julio Maximo de Oliveira Pimentel, hoje Visconde de Villa Maior.

Descrevi lhe, empenhando o em favor d'esta e d'outras utopias; encontrei-o prestes e decidido a fazer, a sustentar, a proteger por todos os modos na Vereação as minhas propostas; mas (talvez por isso mesmo) desgostos que lhe surdiram de outra parte o fizeram largar tudo por mão, e despedir-se da representação da Cidade, com grande pena e grave perda para toda ella.

O Campo Elysio está pois ainda á espera de homem para ser inaugurado.

Agora, quanto á lembrança, que tão natural me parecia, de se estrear o cemiterio privilegiado com o titulo de Camões, magôame ver que já se não ha-de realisar. Honraram-se, não ha duvida, Suas Majestades, querendo-o hospedar no Real carneiro de S. Vicente, como a Soberano entre Soberanos; mas eu, poeta, para o meu Poeta antes quizera vel o onde todos o podessemos visitar a todas as horas, e cercado da poesia da Natureza.

Isto sente-se, e não se discute.

Emfim vá lá o Camões, se assim o querem, para o seu carcere glorioso; mas funde-se para outros o Campo Elysio; e ahi está, á falta de Camões, Garrett para o inaugurar.

Honra á vereação nobre e intelligente que pagar (¡e quão sem custo!) o que nesta parte ficaram devendo as anteriores; essa haverá saldado grandes contas com o passado, e lançado á terra sementes (egualmente gra-

tuitas) de bons futuros scientificos, literarios e artisticos.

Retomâmos o fio da nota da primeira edição:

Trasladação de Camões

Tenha emfim o poeta da

> .... *lyra sonorosa*
> que foi *mais afamada que ditosa*,

um notavel acerto depois de sua morte, como em vida já tivera: ¡salve-se pela segunda vez de perecer afogado. Lá, entre as ondas dos mares do Oriente, que andava cantando; cá, no muito mais profundo mar da ingratidão dos Portuguezes, que eternisou.

Cabe que a pompa do dia do seu desenterramento e nova aposentadoria seja digna d'elle, e de nós, e dos ouvidos do mundo. A outrem deixo o encargo, com que me não atrevo, de conceber no ânimo, e abranger com escritura, a somma e serie de tantas coisas, quaes nunca entre nós se devem ter visto juntas: contento-me com indicar as principaes.

Comecemos pelo que é em todas as coisas mundanas indispensavel principio: o oiro; porque, dado que um grande numero das partes para tal ceremonia requeridas serão espontanea e gratuitamente dadas, assaz restará comtudo em que se despenda. Enêas não chegou aos Elysios sem primeiro haver

colhido, e levar nas mãos, o ramo do precioso metal.

Sendo notorio que o publico thesoiro não póde nem deve dissipar com os finados o que para os vivos mal chega, podendo aliás contribuir muito o Governo com sua autoridade e influencia, á honra do Publico pertence concorrer largamente com todo o necessario para tal fim. Para isto me parece dever-se sollicitar desde já uma subscripção unicamente de nacionaes, convidando para espertadores d'ella todos os cabeças e centros de repartições numerosas e influentes, taes como Governadores civis, militares e ecclesiasticos, Presidentes de tribunaes, de camaras legislativas, de municipios, de academias, e sociedades, etc.

De crer é que raras pessoas se eximam d'este suffragio nacional, ou escaceiem o óbolo com que o Morto haja de pagar sua passagem do Lethes para os campos do descanço da luz e do premio. E pois que, desde o Throno até o ultimo casal, não ha quem não saiba o nome, e se não lastime dos fados de Camões, por sem duvida tenho que, desde Sua Majestade, até o ultimo lavrador, não haverá quem não lance o seu seitil aos novos amigos, por quem segunda vez se pede esmola para Camões; e não já para lhe grangearem, como o fiel Jáu, uma fatia de pão com que mantenha aquella vida tão votada á Patria, panos grosseiros com que tape a desnudez do corpo quebrantado de guerras e desterros, leito onde adormeça e sepulte suas magoas, ou papel onde escreva as nossas glorias: é um tumulo que lhe que-

remos dar; é um asilo poetico depois da morte áquelle que nunca teve onde descançar a cabeça; é um torrão de benção e amor ao que amou e abençoou sempre aos seus ingratos conterraneos; é um poucochinho de gloria no canto de um cemiterio, para quem nol-a deu por todo o mundo, e para todos os tempos.

Em um registo solemne serão lançados os nomes dos concorrentes, com a declaração das quantias; e este registo será impresso com a historia da trasladação.

Determinado para ella o dia, convidar-se-hão Suas Majestades e Altezas, os embaixadores estrangeiros, Sua Eminencia, os membros do Governo, do Conselho de estado, das duas camaras, de todos os tribunaes, de todas as academias e sociedades, pedindo e recommendando ao mesmo tempo áquelles de quem dependem o clero e exercito, que em nome da gloria nacional, os convidem tambem para se acharem presentes onde e como convem a tal acto.

Proclamada com salva de artilharia em todas as fortalezas e navios do Reino a alvorada do dia, enfileirada em armas toda a tropa de Lisboa desde Sant'Anna até o determinado cemiterio, serão com as devidas cerimonias da Egreja, e ao som de segunda salva no Castello, tirados da terra, por mão do principal Prelado d'esta Côrte, os ossos e pó de Luiz de Camões, e encerrados em urna posta em ferétro magnifico, no qual virão trazidos por pessoas todas mui principaes em representação ou Letras, com seguimento dos sacerdotes, grandes e

sociedades, todos de luto, ao som de todas as musicas militares até á egreja do extinto convento de S. Domingos. Ahi por sua alma se celebrará a grandiosa missa funebre que o snr. Bomtempo compoz e dedicou á memoria do Poeta, havendo no meio d'ella um discurso christão recitado por orador digno de tamanha honra.

Concluido o officio, tornará a pôr se a procissão em caminho para o logar do seu ultimo destino, que pelas razões que atraz apontámos, melhor convirá seja porção em cemiterio já de antemão talhada para Campo Elysio:

Sedibus ut saltem placidis in morte quiescam.

Em cova espaçosa, e anteriormente aberta, lançarão á porfia tanta cama de flores como a estação o permittir, todas as senhoras que desejarem dar um testemunho do mais puro e innocente amor ao amante mais fino de quantos jámais poetaram pelas ribeiras do Tejo.

Reclinados assim mollemente ao som da ultima despedida da artilharia os restos do amigo e afamador das Tagides, e lançada por cima a terra, exemplo grande seria a futuros escritores, se a propria mão que sustenta o Sceptro plantasse á cabeceira do obscuro soldado de seus avós o loireiro votivo da Patria agradecida.

Grande fôra o assumpto para os poetas, que sem falta alguma hão-de n'esse momento e sitio empenhar todo o seu engenho para

dar um melodioso e extremo *vale* a seu antigo mestre.

Digno remate será para uma solemnidade, onde amplamente se estampou cunho de Religião, de Gratidão, de Patriotismo, cerral-a com um acto de pura beneficencia; pelo que, proponho que, se tanto permittir o donativo, se acabe o dia com uma decente esmola e ceia a cincoenta e cinco soldados pobrissimos, em attenção aos cincoenta e cinco annos que viveu o desamparado Guerreiro que vingâmos.

Para que os annos não venham para o diante a pôr outra vez questão vergonhosa ácerca do jazigo de Camões, depois de se ter gravado nova lapida no sepulcro d'onde sahiu, erigir-se-lhe-ha sobre a ultima jazida um formoso e levantado mausoleo com o competente epitaphio, no qual porventura se poderiam ler duas linhas do mesmo Poeta:

> Vem do naufragio triste e miserando
> dos procellosos baixos escapado.

Portuguez interesse é tudo isto; e tão natural, tão manifesto e incontrastavel, que já talvez seja o unico em nossa vida, em que toda a Familia Portugueza conflua unanime e de mãos dadas.

E' este um dia que vamos arrancar aos odios e disputas interminaveis, para o darmos solido a um emprego pacifico, moral, religioso e poetico. Era assim que os heroes Homericos de ambos os arraiaes se pediam e davam trégoas para os funeraes de seus mortos.

Digressão sobre Filinto Elysio

(Ainda da nota da 1.ª edição)

Assim como o nosso Camões o foi por officio em Macau, quero eu ser aqui por affecto, provedor dos defuntos e ausentes. Não sei que sympathia em mim sinto para com todos os poetas desafortunados!

.... *miseris succurrere disco.*

O que eu no mesmo genero requeri depois para Filinto, e o que surti n'esse empenho tambem grande, tem aqui muito natural cabida. Supplico o leiam com attenção; a ver se, por derradeiro, alcançaremos estas duas victorias. São succintamente excerptos da minha *Revista Universal Lisbonense*:

I

Em 14 de Outubro de 1841

«Segredo parece da Providencia, que nenhuma grande gloria mundana seja desacompanhada de descontos tambem grandes. Raro varão illustrou jamais a terra do seu nascimento, que, se bem lançarmos as contas, a não deixasse, pelo que lhe ella a elle fez, ou pelo que lhe elle fez a ella, deshonrada e envergonhada. Entre os exemplos dos illustres deshonradores passivos de sua Patria, avulta na Historia literaria portugueza dos nossos dias, o nosso Filinto Elysio. O que a poetica lhe deveu, e mais do que a poetica a Liberdade, e muito mais do que a Liberdade, a rica e fidalga lingua portugueza, todos nós o sabemos. E o como para com elle nos desempenhámos de tamanhas dividas, sabem-n'o além de nós (¡ainda mal!) a França, a Europa e o Mundo! O seu

engenho, que elle só quizera consagrar a engrandecer-nos, em prantear infortunios se consumiu: em vez dos gozos da liberdade, que nos elle evangelisou, teve as amarguras do desterro, para evitar os tormentos do carcere; e a Lingua, que tanto amou, por quem tanto fez e perfez, e que por elle havia de renascer... ¡que longos dias, e que prolixos annos se lhe não devolveram, sem a falar, nem a ouvir! podendo já dizer por si em meio de Paris, o que o Romano desterrado suspirára entre os gêlos da Scythia:

Barbaro aqui sou eu, que não me entendem.

«Sobejo era isto, e não foi bastante. Cevado de penas, de saudades da Patria e de amigos; roubado entre extranhos, depois de roubado entre naturaes; avergado, e delido de annos e trabalhos, em um aposento, não modesto, senão mesquinho; desamparado de todas as coisas mais amigas de nossa natureza, mais necessarias e agradaveis aos que estão de partida; sem ter sequer dois livros para os testar em penhor de affecto a tantos e tão queridos ausentes; sem esperança ao menos de ser chorado em expirando, ou no sepulcro visitado; aquella cançada alma portugueza, sob um ceo esquivo e duro, a exhalou. Mãos extranhas, não trémulas, o levaram á cova; olhos extranhos, e enxutos, o viram submergir-se, e desapparecer; vozes não portuguezas, lhe passam, e enxameiam por cima; dos affectos, e saudade, que por lá de contínuo refervem, e se renovam, nem um suspiro desce a procural-o. Após desterro de larga vida, mais que desterro na morte: indifferença e esquecimento.

«¿Pára aqui? Ainda aqui não pára: Na sepultura, onde a má estrella de cada um costuma ter o seu occaso, não o teve a de Filinto Entre tantos milhares de monumentos de virtudes, de sciencia, de engenho, de amor patrio, de formosura de riqueza, de vaidade; entre monumentos, emfim, de tudo, e de tudo, a exilada sepultura de Filinto jaz ha tantos annos, (que já se contam 22!) não só sem uma pedra que a assinale, senão a pique de total perdimento.

«¿Mais nada? Mais, e mais, e muito mais Occorreu emfim a um Portuguez, como desejo, o que já como pensamento havia a muitos occorrido: dar

sequer neste mundo um tumulo a quem nelle não tivera uma Patria. Propõe o negocio a um sabio tambem portuguez, tambem perseguido, tambem expatriado, amigo e companheiro outr'ora do Poeta; declara-lhe a tenção, em que está, de levantar á sua custa, elle só, aquelle monumento. O prudente varão, em tão grave materia consultado, louva como sabio, mas como Portuguez reprova a determinação: — «As dividas da Patria — diz — ninguem senão a Patria as póde pagar. Filinto sem mausoleo é uma afronta, mas não irreparavel; o mausoleo de Filinto edificado por um só homem é uma afronta irreparavel para toda uma Nação. Fazei mais, e melhor, do que abrir a vossa bolsa: ide por entre o Povo portuguez pedir uma esmola para Filinto» — E aquella generosa bolsa generosamente se fechou; aquella mão, que ia alçar um padrão á sua propria fama, se estendeu a mendigar; e (¡Deus louvado que ainda de patrio amor não estamos tão exhaustos como de oiro!) acudiu se ao pregão da esmola, perfez-se a somma, ha-de erigir-se um monumento. ¿Mas onde? (eis aqui o aggravo, que do meio do desaggravo se reproduz e se perpetúa) longe da Patria, e na propria terra do desterro. Mãos francezas arrancarão, e talharão a pedra; mãos francezas a assentarão; passadores francezes passarão por ahi sem n-a olhar, ou sem n-a entender: nenhum dos para quem elle só viveu, e viveu todo, nenhum dos entre quem desejou existir, acabar, e jazer, poderá ir sentar-se com o livro das suas obras na mão, junto da sua urna, a aprender constancia contra infortunios, generosidade contra ingratidões, e incontrastavel aferro á boa terra do nascimento!

«Para nós, temos que é um objecto merecedor das attenções de um Governo. O Ministro dos Negocios Estrangeiros não póde ser indifferente para o que toca em interesses de sabios; os fóros de um dos mais soberanos mestres da lingua portugueza a ninguem mais incumbe zelal os do que a elle; nós esperâmos, e com toda a confiança esperâmos, que a sua penna, agora emquanto é tempo, se apresse de escrever um requerimento, digno d'ella: uma reivindicação que o Throno de um Povo tão amante e zelador da gloria, como é o francez, não deixará de despachar graciosamente. Venha Filinto dormir em-

fim o seu derradeiro somno aqui, onde o conhecem, e o amam; sob o ceo abençoado e risonho do seu Portugal; entre a numerosa e devota familia de seus admiradores. O seu tumulo, que lá lhe sería apenas uma pedra, aqui lhe será mais que mausoleo: ser-lhe-ha palacio, ser-lhe-ha piramide, ser-lhe-ha templo.

«*P. S.* Do que mais passar n'este negocio, em que nos fica posta, mui anciosa, a attenção, daremos conta; e esperamos em Deus, que não será para mais descredito dos Portuguezes.»

II

Em 18 de Agosto de 1842

«Quando, ha muitos mezes, nos constou haverem se juntado esmolas para erigir um monumento sepulcral ao Poeta resuscitador da nossa Lingua, levantámos um brado de louvor aos que tão portuguez pensamento conceberam; mas deplorámos que em terra de França se houvesse de assentar aquelle tumulo: ponderámos que o desmerecido desterro, continuado por tantos annos de vida, e já tambem por tantos annos de morte, se ia tornar perpétuo e irrevogavel; que o mais soberbo mausoleo lhe sería carcere em Paris, em quanto na sua Lisboa qualquer pequena pedra com o seu nome, visitada, festejada, e invocada por tantos devotos seus, lhe avultaria como templo. Esperámos que, advertida por esta nossa lembrança, a liberdade se apressaria de revocar as cinzas de um de seus mais zelosos martyres e confessores. Era então Ministro dos Negocios Estrangeiros um homem capaz de entender a nobreza, a justiça, a necessidade do nosso requerimento, um cultor, incançavel, e felicissimo, de toda a boa Literatura, e bonissima fala portugueza, o ex.^mo^ sr Rodrigo da Fonseca Magalhães. Escreveu s. ex.ª para logo ao ex.^mo^ sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, pedindo-lhe o seu conselho sobre o modo de se effectuar a trasladação do seu Filinto; respondeu o sabio, com pressa, e alvoroçado como quem sabia por experien-

cia o que era patria, o que saudades d'ella doíam n'alma, e a immensa verdade do

. . . . *hic molliter ossa quiescunt.*

«Era o seu arbitrio, que, pedida, e alcançada do governo de França, a licença necessaria (no que nenhuma duvida poderia occorrer) se mandassem d'aqui duas pessoas para assistirem á exhumação, e encerro dos ossos em um caixão simples, e os acompanharem para Portugal; que finalmente as honras da hospedagem aos manes do poeta só deviam começar depois do seu desembarque em nossa terra; sendo então com toda a pompa dos préstitos scientificos e literarios, levado para o logar que mais acommodado parecesse ao intento, e no qual se lhe ergueria mausoleo. Era o conselho digno de quem o dava, digno de quem o recebia; e de conselho houvera elle já passado a obra, se novos actos politicos não mudssem na scena personagens e attenções. Entre tanto, porque é esta uma paga de divida nacional, que sem grande custo se póde satisfazer, e se não póde recusar sem vergonha, temos fé em que o presente Ministerio metterá mãos á obra, e a levará a cabo sem dar tempo a que novos embaraços, ou mudanças, a venham impedir. O Governo, que plantar este cipreste, vel-o ha transformar se lhe entre as mãos em loiro, com que sua propria fronte se ennobreça.»

III

Em 25 de Fevereiro de 1843

«Faz hoje vinte e quatro annos que a muito nobre Lingua portugueza perdeu um dos mais apostolos mantenedores dos seus foros; e os barbaros que a teem assolado o mais austero castigador de seus flagicios. Expatriado, pobre, e deserto dos seus, lá acabou na capital da França, o nosso illustre Poeta Filinto Elysio

«Astuciosamente escapo ás mãos dos officiaes da Inquisição de Lisboa, tomou o vôo para longe da terra do nascimento para aquelles pântanos dos *batatiphagos casmurros*, como elle chamava aos Hol-

landezes, e de lá para Paris, onde a morte a final o veio a colher.

«Um honrado fidalgo, o Marquez de Marialva, então Embaixador de Portugal em França, lhe valeu generosamente na ultima enfermidade (hydropisia), lhe ordenou o funeral, e lh'o acompanhou com todos os Portuguezes, que se achavam n'aquella côrte, até ao cemiterio do padre *La-Chaise*, onde permanece. Então falou se em lhe erigir uma lapide, mas passaram dias e esqueceu; e quasi chegaria aquella sepultura a ficar perdida, se annos depois o snr. Marquez de Palmella lhe não mandára pôr uma taboa para sinal, até que os seus naturaes se resolvessem a trasladal-o á Patria, ou perpetuar ali a sua memoria.

«Por parte da honra nacional, já a *Revista* requereu o que nos cumpre fazer. Este requerimento está por despachar: nao será porém esquecido, visto como o Governo de S. M., por outras providencias que lhe teem merecido as Letras e glorias patrias, nos abona a opportuna satisfação de tamanha divida.

«Para renovar esta lembrança é que hoje memorâmos o seu óbito. O influxo que elle teve na poesia e linguagem portugueza pedem mais pensada e estendida escritura, do que n'este dia poderamos consagrar-lhe.

«A. da Silva Tullio.»

IV

Em 17 de Agosto de 1843

«As reliquias mortaes de Filinto Elysio acabam finalmente de chegar do seu exilio de vinte e quatro annos ao seio da sua Lisboa. É uma justiça que ha largo tempo haviamos desejado e requerido n'este jornal.

«Não queremos retardar a boa nova aos nossos leitores.

«Agradecimentos e elogios ao Governo, que tão boa obra chegou a realisar.

«Para outro numero falaremos mais de espaço sobre as circumstancias d'este acontecimento, e sobre o modo como entendemos que se deve agora honrar a memoria d'este benemerito da nossa Lingua e Literatura.

V

Em 7 de Setembro de 1843

Carta

«*Snr. Redactor:* — Parece-me que não deve ser indifferente para o Publico portuguez coisa alguma d'aquellas que mais podem honrar a memoria, e recordar o infortunio do nosso insigne poeta Francisco Manoel do Nascimento, cujos restos mortaes temos já a fortuna de possuir entre nós: e é por isso só que me parece conveniente a publicação do epitaphio feito em 1820 pelo seu especial amigo T. Verdier, quando o Marquez de Marialva se lembrava de erigir-lhe uma lapide, e da ode que aquelle expatriado dirigira aos seus patricios, implorando a sua beneficencia, por me parecer que é rara, pois se não encontra nas suas obras colligidas. Se fôr do mesmo voto peço que estes dois testemunhos da gratidão de um amigo, e do abandono de um infeliz, vão ás columnas do seu muito apreciavel jornal.

«Cintra 28 de Agosto de 1843.

«*A. de Oliveira Amaral Machado.*

HIC JACET
FRANCISCUS EMMANUEL DO NASCIMENTO,
OLYSIPONENSIS PRESBYTER,
LITTERARUM AC POESEOS AD EXTREMUM USQUE DIEM
CULTOR INDEFESSUS
ET VERNACULI SERMONIS DILIGENS ASSERTOR.
NATUS EST OLYSIPONE DIE XXIII DEC MDCCXXXIV
OBIIT PARISIIS XXV FEB. MDCCCXIX
MARCHIO DE MARIALVA REGIS FIDELISSIMI
AD CHRISTIANISSIMUM REGEM LEGATUS
DEFUNCTI FUNUS DUXIT OBSEQUIOSE:
ET HUNC LAPIDEM IN HONOREM CIVIS SUI BENEMERENTIS
ERIGERE CURAVIT ANNO MDCCCXX.

ODE

AOS PORTUGUEZES DE ANIMO CONDOÍDO

Crescei, magoas crueis e crescei dores;
quebrae o vagaroso e triste fio,
que alonga a cruel Parca em seus lavores.

FERREIRA, Eleg. 5.

Tinha com que viver independente,
grangeio de meu pae, com lida honrada;[1]
tinha amigos ganhados com virtudes,
e dons do estudo, e musas.
Roubou-me a Inquisição os bens, d'um lance;
roubou-me a patria, e poz-me n'um destêrro:
dos amigos, roubou-me alguns a morte;
roubou-me outros o olvido.
Com mãos de ferro a rigida pobreza
me apertou as entranhas; poz em fuga
os opulentos mimos da fortuna,
que ás ricas portas batem.
Vivi pobre, vivi desconhecido;
trabalhei, entre angustias da miseria:
mesquinho lucro vi do meu trabalho,
que mal cobre a despeza.
Louvaram-me, e subiram alto os gabos;
mas gabos fumo são, que não sustenta:
e a comida e o vestido não se pagam
com pomposos louvores.
Leitores, que o louvais, dae-lhe soccorro;
amigos (se inda o sois) com amizade,
um velho consolae, que em quanto teve,
consolou quantos poude.
Houve uma alma briosa, enternecida,[2]
que a vida me escórou, por alguns annos;[3]
mas hoje,[4] oh ceos! com tanta magoa chóro
do digno amigo a perda!
Vós, portuguezes, que inda tendes honra;
que no peito sentis pulsar os toques
da compaixão, (divino moimento
das almas escolhidas)

[1] Que serviu 60 annos a patria na Marinha Real.
[2] Antonio de Araujo.
[3] Desde 1790 até agora.
[4] Em 1808.

olhae o desamparo, acudí brandos
a Filinto, que aponta aos quinze lustros
d'uma vida enredada de amarguras;
salvae-o da pobreza.
Não se diga de vós, que ao bom Filinto,
que tanto amou a patria, e os portuguezes,
como a Camões deixastes, insensiveis,
morrer ás mãos da fome.

«Foi impressa esta ode em papel solto e existe um exemplar em poder do ill.^{mo} snr. G. J. Pilier; a presente é copia porem tirada *exactamente* de outra manuscrita, que possue o ill.^{mo} snr. M. B. L. F.»

VI

Em 6 de Março de 1845

«Propozeramos nós ha annos, na brilhante e numerosa Sociedade dos Amigos das Letras em Lisboa, a fundação de um cemiterio privilegiado para os filhos benemeritos da Patria.

«Consta-nos que o snr. José Lourenço da Luz, consocio nosso então, e hoje membro da Camara Municipal d'esta cidade, diligenceia com os seus collegas que esta ideia tão nobre, tão exequivel, e tão fecunda, se realize emfim, deputando-se para Campo Elysio uma porção do commum cemiterio dos Prazeres: campo que será inaugurado com o tumulo de Filinto Elysio, para cujo fabrico se acha aberta uma subscripção: a trasladação espera-se que será solemnisada com a maior pompa.»

VII

Em 13 de Março de 1845

Carta á redacção da *Revista Universal:*

«Honrar a memoria dos grandes homens tem sido em todos os tempos, e entre as nações antigas e modernas, um rasgo de pundonor nacional. Roma collocou a estatua de Virgilio entre as dos seus he-

roes, e imperadores; e as cinzas de Milton, e de Shakespeare repousam em Westminster no meio dos tumulos dos seus monarchas. Nossos maiores por desgraça não seguiram tão honroso exemplo: ignora-se hoje onde existem os despojos mortaes de Duarte Pacheco, e de Pedro Nunes; e ainda se duvida [1] se a sepultura que se encontra no mosteiro de Sant'Anna é verdadeiramente onde descançam os ossos do cantor dos *Lusiadas*.

«No seculo passado nasceu em Lisboa um homem, a quem a Natureza prendou com todos os dotes que constituem o grande poeta lyrico, e com o mais vivo affecto a tudo o que era gloria nacional. Este homem foi Francisco Manoel do Nascimento, que, superior ás preoccupações do seu seculo, desprezando o estilo vicioso, então em voga, estudando o gosto antigo nos escritores gregos e romanos, tomou sobre seus hombros o difficil empenho de reformar a poesia lusitana, e ressuscitar a pureza, e louçania da linguagem do seculo de oiro das nossas letras. Obrigado a refugiar-se em França, por uma sequencia de desventuras, que não importa agora referir, de lá mesmo continuou a pugnar pela gloria da Patria, e da litteratura nacional, com o exemplo, e com as obras; e teve ao menos o gosto de ver que os melhores engenhos contemporaneos adoptaram os seus principios, e se ufanaram do honroso titulo de discipulos de Filinto Elysio.

«Tendo fallecido em Paris no anno de 1818, [2] foi este Nestor da literatura portugueza sepultado no cemiterio do padre *La-Chaise* em um tumulo [3] que fizera erigir-lhe o Marquez de Marialva, então Embaixador n'aquella côrte, e que sempre fôra o protector, e amigo do grande poeta portuguez; mas tendo depois seus ossos sido trazidos á patria pelo conselheiro Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e estando

[1] Enganava-se o correspondente como os leitores já conhecem.

[2] Lapso de penna do correspondente: em 19 foi e não em 18.

[3] Singular e inexplicavel equivocação do correspondente: o tumulo de Filinto nunca passou de projecto.

depositados na Cathedral, a Camara Municipal de Lisboa julgou do seu dever consagrar em um dos cemiterios publicos d'esta capital um monumento, em que descancem as cinzas de um sabio, que tanto a honrou com seu nascimento, e as suas fadigas literarias, seguindo n'isto os exemplos das nações mais polidas. Havendo pois feito constar ao Governo de Sua Majestade este patriotico projecto, foi a mesma Augusta Senhora servida de prestar-lhe a sua approvação, em portaria do Ministerio do Reino de cinco do corrente mez, fazendo expedir as suas Reaes ordens ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha, para que os despojos mortaes do grande lyrico lisbonense fossem postos á disposição da Municipalidade.

«A Camara pois, de accôrdo com uma commissão composta dos cidadãos—Barão da Folgosa, Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Silvestre Pinheiro Ferreira, convida a todos os amadores da boa poesia, e da nossa bella lingua, para ajudarem com as suas subscripções, o desempenho d'este projecto patriotico; e faz saber que quinze dias depois da data do presente annuncio, o thesoureiro do Concelho começará a receber nos paços da Municipalidade as quotas com que cada um dos snrs. subscriptores se dignar de concorrer, e ao mesmo poderão ser dirigidas pelo correio, com os seus nomes, pelas pessoas domiciliadas nas provincias.

«Camara em sessão de 7 de Março de 1845.

«O Escrivão da Camara

«*José Maria da Costa e Silva.*»

E apesar de tantas porfias, e de tão boas esperanças conquistadas, ainda não existe, que eu saiba, um mausoléo a Filinto; e ainda de certo não existe um Campo Elysio Nacional.

Inaugurae-o, que é tempo; e estreae-o nas boas horas com taes dois hospedes e hospedeiros, como o autor dos *Lusiadas*, e o dos *Novos Argonautas*. para collocardes

junto d'elles (a morte não se descuida) os dois amigos de ambos, e cujos nomes acabâmos de ver entrelaçados com a historia posthuma de Filinto: Silvestre Pinheiro Ferreira e Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e o immortal Fr. Francisco de S. Luiz, e Domingos Antonio Bomtempo, e... ¿mas para que é fazer catalogo? estabeleça-se a poisada, que os fréguezes a ella estão bem certos.

Doze annos depois da primeira edição

Venha completar esta noticia outro Portuguez dos mais benemeritos, o nosso amigo snr. Innocencio Francisco da Silva: [1]

«Passados vinte e tres annos, no de 1842, foram os ossos de Filinto trasladados para a Patria, conduzidos pelo conselheiro Filippe Ferreira d'Araujo e Castro, em virtude de recommendação que a elle, e a Silvestre Pinheiro fizera o Ministro do Reino Rodrigo da Fonseca Magalhães, sendo por então depositados em uma das capellas do claustro interior da Sé de Lisboa. Depois, por portaria do Ministerio do Reino de 5 de Março de 1845, foram mandados pôr á disposição da Camara Municipal, que se propunha construir-lhe um monumento adequado, pagando á memoria do poeta a divida que a patria contrahira para com elle. Difficuldades e embaraços supervenientes demoraram a execução d'este projecto, que a final veio a realizar-se em 19 de Junho de 1856, dia em que se verificou a trasladação d'aquellas venerandas reliquias para o tumulo previamente preparado no cemiterio do Alto de S. João, fazendo-se o acto com a devida decencia e solemnidade. Foi esta acção commemorada em quasi todos os jornaes politicos dos

[1] *Diccionario Bibliographico*—tomo II pag. 447.

seguintes dias, tornando-se mais notavel o artigo que o snr. Tullio fez inserir na *Civilisação* de 20 do dito mez.»

Lá jaz emfim em seu tumulo no cemiterio lisbonense do Alto de S. João o nosso Filinto. ¿Mas o Camões? ¿mas o Campo Elysio? virão quando poder ser; ja se vê que não ha pressa.

Para concluir, passemos a substanciar o terceiro ponto da minha memoria aos Amigos das Letras em Lisboa.

Estatua de Camões

Um funeral e um mausoleo, não pódem (ou o coração me engana grandemente) consumir tudo quanto a liberalidade portugueza tem de trazer ao grande homem. Avultadissimos devem ser os remanescentes; e taes, que sem medo affrontem a fundação de uma estatua, com que a Patria firmará o ultimo sello na nossa obra.

Se é licito colher vaidade de bons desejos, releve-se-me dizel-o: muito ha que ella existiria, se eu tivesse achado, em quem podia, entendimento sequer para comprehender tal petição. Mais de anno havia então que o desenho (hoje ha mais de 14) fóra feito a rogos meus pelo snr. Assis Rodrigues, e por mim apresentado á Camara Municipal de Lisboa, como áquella que eu suppunha dever principalmente empenhar-se na empreza. Corria o tempo; não se dava solução ao negocio: appareci de novo; lembrei; insisti; quasi como se de interesse meu se tratára, e não do publico; tantas eram as delongas, ambages, e más excusas. A final me chegaram a desenganar de que por ali se não faria coisa alguma; sendo aliás certo e provado que em obras de nenhum proveito nem gosto, gastava o Municipio muito mais do que para esta se havia de mistér. Pedi a restituição do

desenho, e piedade seria deixar por mais tempo o bom do Camões entre gente, quando menos, sua desconhecida.

Lembrou-me requerer ao Governo, que mandasse executar a estatua pela mão que a riscára, na propria officina da Aula Nacional de Escultura; mas .. Era então Ministro do Reino Luiz Mousinho d'Albuquêrque, e estava ainda mui recente o seu triumpho contra o Instituto ou Universidade de Lisboa, glorioso e digno tentame do snr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, e que ainda algum dia tem de ser effectuado.

Por então me recolhi com a minha ideia, e fiquei aguardando por melhor ensejo. Hoje é talvez chegado.

Prova de que não faltam bons engenhos para conceber, e mãos para lavrar a estatua, ahi está já patente a todos os olhos no busto do poeta, coroado com um ramo do proprio loiro do artista; busto em cuja base podia o snr. Rodrigues gravar o seu nome de autor, e, se para a eternidade trabalhava, quebrar o cinzel.

Em pedestal altissimo, visinho e sobranceiro ao Tejo, deve este futuro colosso ufanar a praça e caes de Belem, d'onde partiu a armada dos verdadeiros *Lusiadas*, e d'onde provavelmente desferiu vela o que tão altamente os cantou.

E' a barra do Tejo a porta do Reino mais sabida e frequentada de estrangeiros; junto d'ella pois, alcemos este pregoeiro de nossa tardia e inesperada justiça. Quando navios peregrinos remontarem a corrente para saudarem este paiz, onde a Natureza é poeta, e os homens o hão-de ser, logo que elles mesmos se favorecerem, como ella os favorece, seja Camões o primeiro vulto que lhes atraia os olhos, e lhes diga: «Aqui floresceu já um Povo grande, que algum dia ha-de reflorir.»

Seja como o brazão d'armas da familia, posto para veneração na frontaria do domicilio.

Escrevem fabuladores da Antiguidade que a estatua de Memnon per si mesma cantava, como inspirada, ao nascer do sol. Debaixo do sol ou da lua a de Camões cantará continuamente aos ouvidos do nosso espirito.

*

Desde 1836 que isto se lia aos Amigos das Letras, e era por elles unicamente approvado, ninguem mais falou em estatua de Camões até 1844. N'esse anno appareceu uma veleidade de tal estatua; mas tão desarrazoada, que eu mesmo me julguei obrigado a sahir em campo contra ella. Eis o que eu inseria na *Revista Universal* de 23 de Maio do dito anno, sob o titulo de *Porque está Camões na berlinda*.

«Diz-se que se tenciona ordenar á Academia das Bellas Artes de Lisboa que faça executar em marmore, e de grandeza colossal, a estatua de Camões, riscada pelo Lente de escultura da mesma Academia, o snr. Francisco de Assis Rodrigues, para ser imposta, como remate no alto da frontaria principal (isto e, no alto da ilharga direita) do theatro *agrião*.

«Seja-nos licito duvidar da veracidade do boato, em quanto se nos não mostrar o que ha de commum entre Camões e a arte dramatica: porque as comedias do *Amphitrião* e de el-Rei *Seleuco*, não cuidâmos que haja ahi quem as encorpore entre os titulos de gloria do autor dos *Lusiadas* Com egual propriedade o poderiam collocar sobre o hospital dos doidos, por ter escrito umas trovas que se intitulam *Disparates na India*; ou em cima do portão do cemiterio, por ter feito um soneto que principiava

Alma minha gentil que te partiste.

«Rematar o theatro protuguez (*portuguez*, com licença dos italianos) com um poeta épico, deixando no esquecimento Gil Vicente sobretudo, e ainda depois d'elle, Antonio Ferreira, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Antonio Prestes &, seria commetter uma injustiça, e deixar á geração seguinte, para emendar, um erro do pezo de muitos quintaes, depois, ja se sabe, de bem e devidamente chasqueados pelos viajantes e *turistas* estrangeiros, que não deixariam de ir á Bi-

bliotheca Publica pedir para verem os dramas inéditos de Camões. Que levantem muito embora a Camões uma estatua de marmore ou de bronze, se quizerem e poderem, e que a ponham na praça do seu nome: outro tanto fizeram, pouco ha, os castelhanos ao seu Camões da novella em prosa, ao seu Miguel de Cervantes; mas em cima do theatro seria uma adivinhação de muito mau gosto...

«Confiâmos na illustração do Governo de Sua Majestade, que tal não ha-de permittir, quanto mais determinar.»

Nem sempre havia de estar o diabo a traz da porta; baixou segunda ordem á Academia, para se esculpir, em vez do epico, o dramatico. Dramatico tal, com as circumstancias que o acompanham, em nada cede ao épico, nem a ningem.

Começou com alacridade a obra; foi voando com furia entre as mãos do nosso Rodrigues, até que emfim appareceu com publico applauso sobre o theatro marmoreo, alvissimo, doiradissimo, e deserto, do Rocio de Lisboa.

¡Que de vezes, durante o lavor d'aquella estatua mais que heroica, e semicolosso, não passei horas agradaveis a conversar com o artista, sob a abobada scnora da sua vasta officina no extinto convento de S. Francisco!

¡Que de idéas brilhantes não faiscavam da alma do mestre, em phrases curtas e graves, por entre o retinir do seu escopro e maço, sobre a pedra! Voavam as astilhas e lascas, desnudando cada vez mais as soberbas formas, que elle andava pocurando, e que eu, a cada nova revelação, espreitava e palpava com enlevo; vinha pululando do em-

brião o homem, do homem o poeta, e do poeta para ambos nós o enthusiasmo.

—«¡Que mais digno uso do marmore—dizia o professor na sua complacencia de artista —do que immortalisar o genio! ¿Que é a morte, quando uma penna basta para eternisar espirito e coração, e o corpo destrutivel, um pouco de aço nol-o transforma em pedra!

«O verdadeiro embalsamar para cultos é a estatuária.

«¿Por que razão, raça ephemera de ingratos, continuaremos a deixar dormir os heroes no esquecimento dos sepulcros? ¿e a sua gloria, e os nossos prazeres, e as nossas lições magnificas, sobre tudo, nas trevas das pedreiras?

«¿Recordas-te do que dizia Cicero? *Honra, alimenta as artes; todos se incendem na cubiça da gloria.*

«*Pelo desprezo da gloria*, acrescentava Tacito, *se vai ao desprezo da virtude.* Juizes mais competentes na materia, não os podia haver.

«Demetrio Phalareu, fundo politico e philosopho, grande orador e poeta, sabia já o que nós vaidosos parecemos ainda ignorar, quando para galardões e incentivos a toda a variedade de prestimos, povoou Athenas com 360 estatuas de bronze de cidadãos benemeritos.

«Os vivos geram moribundos; as estatuas procriam immortaes.

«As industrias e sciencias necessarias pódem prescindir de corôas, pois lhes está patente a estrada da fortuna; mas as artes

da imaginação, que na nossa terra teem por capitolio o hospital, ¡que será d'ellas se nem este incenso tardio lhes queimarmos!»

Assim discorria o discípulo e imitador de Machado de Castro, cheio de magnanima fé nos milagres da Arte, e sentindo crescer o seu amor patrio, e orgulho de Portuguez, ao esculpir a effigie de Gil Vicente e já com a de Camões na phantasia.

Pois que a Providencia no seu torrão de Portugal poz minas de marmore, como em Carrara e Paros; pois aqui faz nascer com abundancia os merecedores de fama, e por entre elles não faltam mãos primorosas que os enviem á posteridade criar emulos, e talvez até vencedores; ¿estas mãos por que se não aproveitam? aquelle marmore, tornamol-o a perguntar, ¿por que dorme em bruto debaixo dos matos? aquelles varões que nos afamam e ensinam, ¿por que se estão acabando de delir em pó, e não resurgem em quanto é tempo?

¡Oh! ¡quizesse cada Municipio, ao menos de cidade, a troco de um parco sacrificio (e grande que fosse) erigir na sua praça principal a estatua, sequer o busto, d'aquelle de seus filhos já finados com que mais se ufana! Cidades haveria em que, uma vez começada a generosa competencia, desde Traz-os-Montes até ao Algarve, estes brazões em alguns annos se numerassem ás dezenas. ¡Só Lisboa!... ¿Que grande custo era o illustrar assim os seus largos, os seus caes, os seus passeios arborisados?

Os parentes mesmos d'estes mortos celebres, ¿não se imporiam como dever muito

agradavel o contribuirem com parte do necessario para essas ovações, talvez mesmo com a somma inteira? ¿Quem o duvída?

Representae-vos o passeio publico da capital, por exemplo, povoado d'estas imagens, mais ou menos sumptuosas. Cada uma poetificaria com o seu nome a uma das alamedas; os homens de alma, sentiriam accender-se-lhes brios ao contemplal-as, em quanto os inertes e os inuteis, póde ser que algum'hora se envergonhassem da sua pequenez. O pae, para espertar nos filhinhos o amor do estudo e trabalho, lhes narraria as vidas de esforço e constancia de cada um d'aquelles exemplares. Os pensamentos das damas se acostumariam a pouco e pouco a apreciar por cima das galas e graças passageiras, as qualidades que não fenecem. Finalmente, os estrangeiros aprenderiam que não temos nós unicamente para admirações, o sol, os frutos, o Tejo, e a façanhosa historia dos nossos antepassados, e o Camões.

Os doze annos da primeira até esta segunda edição trouxeram com que devessemos acrescentar a presente nota, já aliás extensa, porventura em demasia; mas tão nosso e momentoso é o assumpto, que, se o não exhaurimos, para o que seriam necessarios volumes, tampouco nos sofrêra o coração que deixassemos de archivar para aqui o principal.

Que fale agora por nós o nosso bonissimo Portuguez e amigo Antonio da Silva Tullio: [1]

[1] *Archivo Pittoresco* vol. v, numero 17, pag. 129 e seg.

«Está lançada a primeira pedra do monumento e estatua de Camões.

«Duzentos oitenta e dois annos depois da morte do grande Poeta, e no mez de Junho, que foi o em que elle se finou, desamparado e pobre, é que a Nação portugueza acordou do somno da ingratidão, para levantar ao cantor das suas façanhas e navegações um padrão á sua immortal gloria.

«Foi tardío: mas as primeiras honras que se lhe prestaram no acto do assentamento da pedra fundamental do seu monumento mostraram já que a geração actual se ha-de purificar do labeo que seus antepassados deixaram, por seculos, permanecer sobre um Povo tão brioso.

«Se o engenho poetico de Camões lhe grangeou o predicamento de principe dos poetas portuguezes, com honras majestaticas foi solemnisada a primeira ceremonia da inauguração da sua estatua.

«Bem certo é que só a posteridade faz justiça aos grandes homens. Em Junho de 1580 descia Luiz de Camões á sepultura amortalhado no lençol da caridade, desacompanhado, obscuro, desprezado. Em Junho de 1862, o Rei de Portugal, com a sua Côrte, legisladores, tribunaes, autoridades de todas as jerarchias; as academias, os homens de sciencia, de lettras e artes, innumeravel concurso de cidadãos de todas as classes, prestavam as homenagens, que só se costumam conceder á Realeza, a esse mesmo Poeta, cuja estatua íam erigir no bairro mais nobre da Capital.

«Mais ainda. O proprio Soberano reinante quiz, por suas Reaes mãos, collocar a primeira pedra d'este monumento, honrando assim a memoria do Cantor nacional, e com elle as letras patrias de que é fautor.

«A pompa e solemnidade com que este acto foi celebrado vai reproduzida na gravura que illustra a primeira pagina d'este numero, desenhada fielmente pelo nosso collaborador artistico, o snr. Nogueira da Silva; e a descripção da ceremonia consta do auto que foi encerrado no cofre deposto no alicerce do monumento, que é como se segue:

AUTO DA SOLEMNIDADE
DA COLLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO MONUMENTO QUE SE VAI ERIGIR
AO GRANDE POETA NACIONAL LUIZ DE CAMÕES

«Aos vinte e oito dias do mez de Junho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo, mil oitocentos sessenta e dois, n'esta cidade de Lisboa e praça de Luiz de Camões, antes denominada do Loreto, se procedeu á ceremonia da collocação da pedra fundamental do monumento que se vai erigir ao grande poeta Luiz de Camões, por subscripção nacional, promovida pela fórma seguinte:

«Em 1860, o estatuario portuguez Victor Bastos modelou em gesso um monumento para se erigir a Luiz de Camões, representando a estatua do poeta fundida em bronze, de 4 metros de alto, assente sobre um pedestal octogno de 7 metros e 48 centimetros de altura, rodeado de oito estatuas de pedra lioz, de 2 metros e 40 centimetros, que representam: Fernão Lopes (o primeiro historiador portuguez)—Pedro Nunes (cosmographo) — Gomes Eannes de Azurara—João de Barros—Fernão Lopes de Castanheda (historiadores das nossas navegações)—Vasco Mousinho de Quebedo — Jeronymo Corte-Real — —Francisco de Sá de Meneses (cantores épicos dos nossos descobrimentos e conquistas); devendo ter o monumento, assim ideado, desde a superficie do terreno até á sua maior altura 11 metrros e 44 centrimetros.

«Exposto o modelo ao exame publico na sala dos paços do concelho municipal de Lisboa, ao mesmo tempo se instituiu uma Commissão composta das pessoas abaixo assinadas, não só para julgar o referido modelo, mas tambem para alcançar os meios de se lhe dar execução.

«Depois de approvado o modelo por Sua Majestade el-Rei o senhor D. Pedro V, de saudosa e indelevel memoria, e por seu augusto pae el-Rei o senhor D. Fernando, que Deus guarde, assim como pelos membros da Commissão, publicou esta em 14 de Junho de 1860 uma circular dirigida a todos os districtos, concelhos e parochias do Reino, e suas possessões, assim como aos consulados de Portugal nas differentes nações, especialmente aos do Imperio do

Brazil, onde residem tantos milhares de Portuguezes que sempre briosamente contribuem para todos os commetimentos que engrandecem e honram a Patria, sendo a sua subscripção para este monumento a mais avultada de quantas se recolheram, tanto de nacionaes como de estrangeiros.

«Realizada a somma necessaria para se dar execução ao monumento approvado, se contratou com o referido estatuario Victor Bastos dal-o concluido para se inaugurar em 1864, tendo-se préviamente decidido que se levantasse na praça do Loreto. Para este fim se requereu á Camara Municipal de Lisboa a houvesse de conceder, e ao Governo de Sua Majestade a denominasse—praça de Luiz de Camões.—A Camara Municipal não só annuiu a este pedido, mas á custa da cidade mandou fazer toda a obra necessaria para que n'aquella praça se podesse levantar o projectado monumento.

«Estando já concluido o alicerce, e as obras necessarias para a collocação da pedra fundamental, o Marechal Duque de Saldanha, Presidente da Commissão central dos subscriptores, assim o communicou pelo Ministerio do Reino a Sua Majestade el-Rei, que houve por bem mandar expedir, pela secretaria do referido Ministerio, um decreto tão honorifico para a memoria do grande Poeta, como significativo do alto apreço em que o mesmo Augusto senhor tem as lettras e as glorias patrias. E' do teor seguinte:

«Havendo-me participado o Marechal Duque de Saldanha, Presidente da Commissão central dos subscriptores, para se levantar um monumento ao grande Poeta nacional Luiz de Camões, acharem-se concluidas as obras necessarias para a collocação da pedra fundamental; e querendo eu honrar a memoria do immortal Cantor dos altos feitos portuguezes, e das gloriosas navegações e descobrimentos em que para sempre se afamaram no mundo, perante a civilisação, as potentes armadas do senhor Rei D. Manoel, meu inclito avô, manifestando por esta occasião o jubilo que me causa satisfazer-se no meu reinado uma divida, que a Nação tem ha seculos em aberto, resgatada agora por uma subscripção espontanea dos meus leaes e amados subditos, em toda a Monarchia e fóra d'ella;

«Tenho resolvido ir collocar por minhas Reaes mãos a pedra fundamental do monumento erigido ao immortalisado autor dos *Lusiadas*, na praça de Luiz de Camões. E mando que este acto se faça com toda a solemnidade, para o que se observará o ceremonial constante do programma que foi submettido á minha regia approvação, pelo mesmo Duque Presidente da Commissão central dos subscriptores, e que baixa assignado pelo Ministro e Secretario de Estado dos negocios do Reino

«O mesmo Ministro e Secretario d'Estado assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 11 de junho de 1862. —REI.— *Anselmo José Braamçamp.*»

«Em virtude d'este decreto, se reuniram pelas seis horas da tarde n'esta praça de Luiz de Camões, a Camara Municipal de Lisboa, os Ministros e Secretarios d'Estado, os membros de ambas as Camaras do Corpo legislativo, os do Corpo diplomatico, os Grandes do Reino, titulares e mais pessoas que formam a côrte, a Academia Real das Sciencias de Lisboa, as corporações scientificas e literarias, as deputações de todas as associações operarias, os redactores dos jornaes politicos e literarios da Capital, as autoridades ecclesiasticas, civis e militares, e a Commissão central dos subscriptores que teem contribuido para a erecção d'este monumento.

«Para esta solemnidade se tinha armado ao poente da praça de Luiz de Camões, na varanda da propriedade do cidadão Raphael José da Cunha, uma tribuna forrada de velludo carmezim franjado de oiro para Suas Majestades e sua Real Familia, e junto do alicerce do monumento tres pavilhões vistosamente adereçados. No do centro, e sobre uma mesa coberta de velludo, estava o modelo do monumento, e uma escrevaninha com a penna de oiro cravejada de brilhantes, [1] que fôra offerecida ao eximio poeta Antonio Feliciano de Castilho, pelos Portuguezes residentes na provincia de Porto Alegre, Imperio do Brazil, e por elle espontaneamente prestada para a assigna-

[1] Vide a estampa a pag. 136 do já citado tomo e numero do *Archivo Pittoresco.*

tura d'este auto. O pavilhão do lado direito foi destinado para os membros do Corpo diplomatico, e o do lado esquerdo para os do Corpo legislativo

«No meio do alicerce estava a pedra fundamental, aprumada e coberta com uma alcatifa carmezim. Junto do alicerce havia dois bufetes cobertos com bancaes de velludo carmezim. No do lado esquerdo estava uma padiola forrada de seda azul e branca, e sobre ella um cofre de marmore. No do lado direito uma bandeja de prata com um cofre do mesmo metal, e bem assim seis salvas, contendo a primeira, este auto escrito em pergaminho; a segunda, a lamina com a inscripção commemorativa; a terceira, as moedas nacionaes; a quarta, a trolha de prata com o cimento; a quinta, a colher; a sexta, o camartello.

«A tribuna Real, o pavilhão central, e todo o espaço intermedio, estavam rodeados por duas alas da guarda Real dos archeiros. Numeroso concurso de Povo tomava parte n'esta festividade nacional e literaria.

«A's cinco horas da tarde as tropas da guarnição de Lisboa formaram em frente da praça.

«Chegando Sua Majestade el-Rei o senhor D. Luiz I, e seu augusto pae el-Rei D. Fernando, em grande estado, foram recebidos por este cortejo no vestibulo da tribuna Real, indo depois as diversas corporações tomar os logares que lhes estavam destinados, occupando Suas Majestades a tribuna Real para receberem a continencia das tropas da guarnição que formavam a parada.

«Em seguida encaminhou-se o prestito para o centro da praça, indo adiante os porteiros da Real camara com as massas de prata; os reis de armas, arautos e passavantes com as suas cotas; e logo as corporações, autoridades e mais pessoas convidadas, guardando entre si a ordem da precedencia; e por ultimo Suas Majestades seguidos dos gentis-homens da Real camara e ajudantes de campo.

«Tendo Sua Majestade el-Rei subido ao pavilhão Real, o Duque de Saldanha, Presidente da Commissão central dos subscriptores, leu este auto, bem como a seguinte inscripção esculpida em lamina de cobre prateado:

NOMINI IMMORTALI
ALOISII DE CAMOENS
LUSITANORUM POETARUM
PRINCIPIS
HOC MONUMENTUM
VOLUNTARIIS ELARGITIONIBUS
FUIT ERECTUM
CUIUS LAPIDEM AUSPICALEM
IN TANTI OPERIS MOLITIONEM
LUDOVICUS I.
PORTUGALLIÆ ET ALGARBIORUM REX
QUARTO KALENDAS MENSIS JULII
ANNO MDCCCLXII
PLAUDENTIBUS CIVIBUS UNIVERSIS
SOLEMNITER FIXIT.

«Este auto depois de assignado por Suas Majestades, pelos Ministros e Secretarios d'estado, pelos Presidentes das duas Camaras legislativas, pelo da Camara Municipal de Lisboa, e pela Commissão central dos subscriptores, ficará depositado no cofre para este fim destinado, bem como a lamina commemorativa e as moedas nacionaes, fechando-se á chave, a qual será entregue por Sua Majestade el Rei ao Presidente da Camara Municipal de Lisboa, para ser guardada com o traslado d'este auto no archivo dos paços do Concelho, procedendo-se em seguida á collocação do mesmo cofre na cavidade da pedra fundamental do monumento, com as ceremonias do estylo.

«E para documento authentico de que esta solemnidade se fez pela fórma que dito fica, lavrei e assignei o presente auto, eu Joaquim Pedro de Sousa, Secretario da Commissão central dos subscriptores—*Joaquim Pedro de Sousa—El-Rei—D. Fernando—Marquez de Loulé—Anselmo José Braamcamp—Joaquim Tomaz Lobo d'Avila—Gaspar Pereira da Silva—Visconde de Sá da Bandeira—José da Silva Mendes Leal—Visconde de Laborim—Antonio Luiz de Seabra—Antonio Esteves de Carvalho—Duque de Saldanha—Francisco de Paula Sant-Iago—Carlos Krus—Joaquim Pedro de Sousa—Luiz Tiburcio Ferreira—Visconde de Menezes—Antonio Feliciano de Castilho—Antonio da Silva Tullio—José Maria Eugenio de Almeida—Conde do Farrobo—José Isidoro*

Guedes—Jose Pedro Collares — D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo—Abbade Castro—Antonio José Pereira Serzedello.

«Acabada esta leitura, que o nobre Duque fez em voz alta e firme, foi elle que offereceu a Suas Majestades a penna de oiro para assinarem o auto, indo tambem, como acima se lê, assinado por todos os Ministros de estado, pelos Presidentes das Camaras legislativas, pelo da Camara municipal, e pela Commissão central dos subscriptores.

«Depois foram apresentados em salvas de prata a Sua Majestade el-Rei pelo vice-Presidente da Commissão central dos subscriptores, Francisco de Paula Sant-Iago, o cofre de prata; pelo Presidente, o auto já assignado; pelo Secretario, Joaquim Pedro de Sousa, a lamina commemorativa; e pelo Thesoireiro, Carlos Krus, as moedas nacionaes, encerrando o mesmo Augusto Senhor o cofre, que fechou á chave, entregando-a ao Presidente da Camara Municipal de Lisboa, Antonio Esteves de Carvalho, para ser depositada com um traslado do auto no archivo dos paços do concelho.

«Os membros da Commissão central, Antonio Feliciano de Castilho, José da Silva Mendes Leal Junior, José Maria Eugenio de Almeida, e Antonio da Silva Tullio, tomando a padiola em que estava o cofre de marmore, a levaram até junto de Sua Majestade el-Rei, que, recebendo o cofre de prata das mãos do Duque presidente, o metteu dentro no de marmore. Depois os mesmos quatro vogaes conduziram a padiola até ao alicerce, onde o mestre da obra, Joaquim Antunes dos Santos, pegando neste cofre, o depositou na cavidade da pedra fundamental e lhe assentou a lage para esse fim aparelhada.

«Sua Majestade el-Rei, recebendo das mãos do vogal da Commissão, José Isidoro Guedes, a colher, tirou da trolha, que lhe apresentou o vogal, Conde de Farrobo, um pouco de cimento, que deitou nas juntas da pedra, e em acto contínuo a bateu com o camartello que lhe fôra offerecido pelo membro da Commissão, visconde de Menezes. Uma girandola de foguetes, correspondida por uma salva Real do castello de S. Jorge e demais fortalezas, bem como dos navios de guerra surtos no Tejo, annunciaram a col-

locação da pedra fundamental do monumento consagrado á memoria de Camões.

«Terminado o acto, voltou o prestito na mesma ordem, acompanhando Suas Majestades á tribuna Real, em frente da qual desfilaram as tropas, na presença dos mesmos Augustos Senhores.

«Taes foram as honras prestadas ao Autor dos *Lusiadas* nesta solemnidade nacional.

«Foi um dia de festa para toda a cidade. As habitações da praça de Camões estavam armadas de gala, e á noite illuminaram-se todas.

«As damas que formam a Commissão especial que se encarregou de colligir donativos para o monumento do mavioso Cantor de D. Ignez de Castro, assistiram a esta festividade nas varandas proximas da tribuna Real.

«A Comissão central merece o publico louvor pela pompa e solemnidade com que, por sua direcção, foi celebrado este majestoso acto.

«Se Camões vivêra, teria agora de repetir, não por queixume, mas com ufania, o seguinte quarteto da oitava 52 do canto VII do seu poema:

«Vêde, ninfas, que engenhos de senhores
o vosso Tejo cria valorosos,
que assim sabem prezar, com taes favores,
a quem os fez, cantando, gloriosos.»

Progride com força a obra do monumento; duplice monumento: do poeta e do escultor; de Camões e de Bastos.

A pena é, que obra, por tantissimos annos esperada, e que tinha de ser paga por taes mãos, não lograsse o que era de tudo o menos difficil: uma collocação conveniente. (Fados de Camões, que até no triumpho o hão-de perseguir.)

O mais nautico de todos os poetas do mundo, o cantor do Gama, o namorado do Tejo e de suas nymphas, pozeram-n-o de sequeiro, d'onde nem sequer ao longe podes-

se enxergar nem rio, nem horisontes. ¿E onde? n'um largo de todo o ponto prosaico, burguez, e plebeu; sem assomo de architectura, de regularidade, ou de graça; n'um plano inclinado, n'um taboleiro por todas as partes desegual; em sitio finalmente tão estranho, que nem ao menos era ainda pertença da cidade no tempo do Poeta.

¿Não estava ahi a chamar pelo marinheiro epico a praça dos Remolares? Responderam-me, quando na Commissão a propuz, que era muito pequena. ¿Não estava o largo de Belem a reivindical-o? redarguiram-me que era muito grande.

Pois bem: ¿não se podia riscar á vontade uma praça nova do tamanho que lhes aprouvesse, no atêrro, á beira do Tejo? ¿fazel-a moldar dos tres lados com edificios que não enxovalhassem por mesquinhos o monumento? Eram logo dois beneficios para a cidade em logar de um. Ahi, sim, que se entendêra o homem dos *Lusiadas;* dominaria as ondas, receberia as saudações dos nautas descendentes dos que elle acompanhou; hospedaria os navegantes estrangeiros, que todos em suas linguas o admiraram, e primeiro que a nenhum outro objecto o procurariam com a vista ao remontarem a corrente.

Queria-se um Camões borrifado de salsuge marinha, que esse era o verdadeiro Camões, e não coberto de nuvens de poeira entre o estrepito dos carros e a vozeria dos vendilhões.

Paciencia: d'aqui mais a 300 annos o trasladarão; é bom deixar sempre aos netos alguma coisa que emendar.

Levantando mão d'esta parte ridicula do assumpto, não se me leve a mal o teimar um pouco mais na civilisadora ideia das estatuas honorificas.

Reproduzirei a carta [1] que a 12 de Julho de 1857 dirigi ao nosso illustre artista Manuel Maria Bordallo Pinheiro, a agradecer-lhe a estatueta do meu retrato por elle executada:

Carta de um poeta a um escultor [2]

«*Meu admiravel escultor:*

«Quem não soubesse da nossa boa e antiga amizade, havia de ter custo em explicar o nascimento d'esta obra prima, em que vós repartis comigo da vossa immortalidade. Eu mesmo, se não medisse pelo affecto que vos consagro o que vós me liberalisais, ficaria confuso com tamanha honra. A maior que as bellas artes podem fazer a um vivo é de certo esta. A estatua é a embalsamação antes da morte; a estatua é a apotheóse; a estatua é a gloria solidificada. O benemerito a quem elle se erige está se vendo lá no fundo da posteridade como n'um espelho.

«Honras assim, meu amigo devem-se conferir, mas

[1] Foi impressa no *Jornal das Bellas Artes* e no *Archivo Pittoresco.*

CASTILHO.

[2] «O sr. Manoel Maria Bordallo Pinheiro começou a sua carreira artistica, ensaiando primeiro que ninguem em Portugal a gravura em madeira, desde a fundação do *Panorama*; e desenvolvido nesta arte largou-a aos seus discipulos para se entregar exclusivamente ao desenho. Teve por mestre em pintura o snr. Antonio Manoel da Fonseca. Fez-se retratista distinto e pintor de quadros a oleo. Desejoso de ver e adiantar se, foi a Inglaterra, França e Hespanha. D'este ultimo paiz trouxe copias suas d originaes de Murillo e Velasquez, que lhe grangearam merecida reputação. Passou á escultura, em que se exercitou sem mestre, á força de trabalho paciente e conscien-

a custo e quasi avaramente; nem se neguem aos que lhes teem jus, nem se prostituam aos que a Providencia não privilegiou ao nascer.

«Já que andais com a mão na massa de eternisar (¡e que bem fadada mão!) haveis de me consentir que, usando dos amplos direitos da amisade velha, eu esboce ao vosso juizo algumas ponderações, que, em todo, ou em parte, porventura aproveitareis. Perdidas absolutamente para um tal espirito nunca ellas hão-de ser, pois m'as suggere o sentimento do verdadeiro e do bom, que, não menos que o do bello, deve presidir ás emprezas do artista em nossa edade; edade séria, utilitaria, progressiva.

«Estudando-vos na minha estatua, folgo de descobrir que n'este particular pensais vós como eu; pois déstes na commemoração das minhas obras o logar primeiro á carta de alforria que Deus me permittiu trazer á puericia. ¿E que valem realmente, em comparação d'este codigo de amor, depositario mysterioso de tanta civilisação, que valem, que pensam, que avultam, uns cantos passageiros, feitos pela ociosidade para a ociosidade, dependentes do capricho da moda, e que as transformações da lingua e do gosto poderão dentro em pouco deixar sepultados, como tantos outros, de todos os seculos, nas Necropolis das livrarias?! Amores, mythologias, e mesmo historias,

cioso. Ha d'elle, além de outras tentativas, um grupo de Camões e o Jáu, digno de louvor. Occupa-se ao presente n'uma collecção de estatuetas de Portuguezes. O primeiro a que se dedicou o seu engenho patriotico foi o snr. A. F. de Castilho.

«Se se attende a que o snr. Bordallo só póde empregar na pratica artistica os escaços remanescentes de uma vida occupada no serviço publico, reconhecer-se-ha a justiça com que o snr. Castillho o qualifica de admiravel.

«Pedimos venia ao animo illustrado e benevolente do Poeta, e á modestia do Escultor, para dar aqui publicidade a este interessante e incitador monumento epistolographico; complemento natural do outro, que no penultimo numero, com auxilio da gravura, ajudámos a levantar. — A Redacção do *Archivo Pittoresco*.

¿que são, se se comparam com a arte de semear no semi-baldio do presente as searas opímas do futuro?!! A redempção que eu evangelisei á escola, e cujo triumpho já no meio do martyrio se começa a entrever, esta sim que é obra de obras, e não de palavras; de beneficencia effectiva, não de ternuras vagas; não de talento, nem de brilhar, nem de ambição egoistica, mas chan; obscura; calcada e fecundissima como a propria terra; obra de crêr e de querer; obra fundida de fé, esperança e caridade, obra que a Providencia ha-de infallivelmente amparar contra perseguições e invejas, como a coisa sua; pois é ao mesmo tempo alegre como a infancia que já a ama; carinhosa, como os corações maternos que algum dia a adorarão; sizuda, forte, e emprehendedora, como o espirito viril da nova éra.

«Propondo este ensino humano, fruto só de boas diligencias, não mereci estatuas nem admirações; benevolencias, sim; tantas, pelo menos, quantos teem sido os odios a estorvar-me de toda a parte n'este arroteamento que é para todos, e que para todos ha-de ser por derradeiro.

«Quem fala dos seus amores, espraia-se e parece ás vezes jactancioso; é o que me succedeu agora: falei da civilisação pela instrucção popular, que é o meu dogma, a minha religião, a minha poesia concentrada; fui diffuso e immodesto; volto ao que dizia. Ao pôrdes o meu *Methodo* acima dos meus outros pobres escritos, mostrastes vós que a philosophia do verdadeiro, do bom, do util, vos não inspirava menos que o senso profundo, innato e intimo, do bello. Eis aqui, pois, meu caro amigo, a ponderação que eu, utilitario contumaz, me permitto dirigir vos, e que, se esta carta fôr parar á Imprensa, desejaria ver ajudada pelos bons engenhos que professam educar a opinião.

«Dizei-me: quando, no fundo da vossa officina de escultura, levantais as mãos de um esboço que sob ellas se vos está vivificando, para meditar um segredo da arte, ou esperar um novo raio de inspiração; quando, depois de pairardes com a vista em derredor, por sobre modelos gloriosos de outros grandes mestres, recebeis na voz, na lingua mesma do vosso collaborador romano, umas virações longinquas da poetica Italia, d'essa grande mãe de heroes para as

façanhas, e de artistas para os heroes; quando, sem transição, ou pela mais natural de todas as transições, reverteis em espirito dos céos da Ausonia, tépidos, côrados, impregnados da poesia grega, para estes, não menos poeticos, e não menos inspirativos céos de Portugal, paiz que, semelhante a Saturno, cria filhos deuses, e os devora; quando então comparais mentalmente o pouquissimo que somos com o incommensuravel que poderamos ser, que havemos de ser, logo que a alvorada da instrucção acordar o Povo, que homens mais humanos o dirijam, e leis mais sabias nos eduquem para ousar, para amar, para servir; se então a vista, desabraçando-se das estatuas que vos rodeiam, vos sai meditativa a espairecer-se pela fronteira e contigua alameda do Passeio publico, prosaico vestibulo do vosso olympico Pantheon; dizei-me, meu amigo, ¿não sentís que n'esse e nos outros campos de reunião de uma Capital como Lisboa, falta alguma coisa essencial que seria facillimo doar-se lhes? ¡Oh! certamente. Ali, abundam as arvores e as sombras; as aguas e os cisnes; as flores e as mulheres; os passarinhos e as creanças; ali se entrelaça a convivencia; se deslembram cuidados; se distraem penas; se assoalham modas; se pleiteiam luxos; e se bebe em ares balsamicos saude e satisfação; tudo isso é muito, e bem haja o primeiro que se lembrou de incluir nos recintos das cidades populosas estes oásis da Natureza campestre esmerada pela Arte; é muito, sim, mas não basta. N'estes passeios está o *hoje* em toda a sua pompa; ¿mas onde estão n'elles o *hontem*, e o *ámanhan*, que tambem lá cabiam, e com os quaes o hoje augmentaria os seus prazeres? ¿onde estão as estatuas, pelo menos os bustos, ou sequer os nomes, dos que a morte apartou da nossa vista, mas não da nossa memoria, que elles penhoraram por seus feitos, por suas virtudes, por seus escritos? em parte nenhuma. Aqui o marmore transformou-se em cisnes, em nymphas, em deuses de rios; além, em heroes romanos; nunca n'um Portuguez benemerito; e ¿não é isto esquecer a um tempo, futuro, passado, e presente?

«A effigie de um conterraneo preclaro prende-nos pelo respeito ás gerações anteriores; engrandece-nos o espirito, juntando á nossa hora actual uma existencia que não tinhamos; accende-nos emulações muitas

vezes fecundas; far-nos-ha porventura córar da nossa inutilidade; cerrar-nos-ha acaso os labios em meio de uma phrase nescia ou maligna; d'essas que tão a miudo nascem no meio dos ajuntamentos, que só capricham de levianos; dará thema a conversações instructivas, a lições que em almas tenras de filhos se gravem indeleveis. ¡Quantos heroes não terão nascido de estatuas!!

«Depois, quando estrangeiros, passeando por entre nós, nos desdenham pequenos, já póde ser que andariam menos sobranceiros, se vissem em multiplicados monumentos a demonstração de que somos grandes.

«Era isto, meu caro amigo, o que eu ha annos ponderava á nossa gente. Ninguem ouviu; se ouviram, não entenderam; se entenderam, não acreditaram; se acreditaram, não lhes importou.

«Aproveitei o lanço de publicar o livro intitulado *Camões*, para auspiciar com esse nome tão nacional, não só este alvitre, mas outros egualmente exequiveis, faceis, prestantissimos: a fundação de um Campo Elysio, cemiterio privilegiado para os mortos famigerados, e inaugurado com o tumulo do Cantor das *memorias gloriosas*; a assignalação official dos logares e edificios memoraveis pelo nascimento, vida, feitos, ou morte, de Portuguezes celebres; e... ¿que sei eu? ¡quantas coisas optimas se não pediam ali, que já hoje poderiam ter dado tanto fruto! ¡e nem sequer da Imprensa me sahiu um ecco!

«Ambicionei entrar vereador na gerencia municipal, só para ver se dava impulso a estas fundaçõesinhas maximas; propuz-me candidato, não me escutaram.

«Por tres vezes me tenho dirigido aos paços do concelho, como procurador dos nossos defuntos e ausentes, ausentes da memoria e gratidão dos seus prodigos herdeiros; e nem uma só resposta, nem sequer um *não* para meu descanço e final desengano, alcancei nunca. ¿Quem nos explicará, e quem absolverá estas indifferenças, estas desmemoriações, chegadas quasi a descortezes? Dizem que rescendem a poesia as minhas propostas; e que pedir poesia a vereações, o mesmo é que esperar ananazes de aboboraes; não o creio. Se o Corpo municipal não teve ainda vagar para se embeber d'estas ideias, e desferir um pequeno vôo

para cima do exclusivamente phisico, material, e immediato, ¿quem nos diz que não chegará ámanhan a sua hora, e se não fôr este, quem sabe se não será o primeiro que após estes se eleger?! Terra de poesia foi sempre a de Portugal; e não creio que, só pelo facto de haver um homem aqui sido eleito para fazer aceiar e alumiar ruas, apagar incendios, matar cães, e alindar passeios, fique *in perpetuum* condemnado a não sentir nem perceber o bello n'outra esphera de ideias menos prosaica e vulgar. Medo tenho de que fosse o ter sido eu o alvitrador, o que, logo á nascença, augurou em mal estes negocios, tão singelos de si, como sympathicos e patrioticos.— «Tudo que abençôo cai»—dizia Chateaubriand; cuido que a mesma sina tive eu no berço.

«Vede vós, meu amigo se podeis quebrar estes inintelligiveis encantamentos. Parece-me que sem muito custo o lograrieis. Esculpi, para tentativa, o busto de algum eximio Portuguez (antes finado do que vivo, que será diminuir lhe impedimentos) o de Filinto, por exemplo, o de Bocage, o de Garrett, ou de Silvestre Pinheiro, ou de Ferreira Borges, ou de S. Luiz, de Fernandes Thomaz, Visconde de Santarem, Corrêa da Serra; e pedi á Camara Municipal outorga para os collocardes em qualquer dos tres passeios publicos da côrte, não á custa do seu cofre, mas a expensas nossas, e dos mais amigos da gloria portugueza que ambicionarem haver parte nesta oblação. Obtida a annuencia, impossivel de recusar, e aberto o primeiro exemplo, imital-o-hão, além de vós mesmo outros artistas, tomados de generosa emulação; veremos á porfia os cinzeis de Assis Rodrigues, de Victor Bastos, de Cagiani, e de outros, que após esses accorrerão com alacridade ao estadio de honra, augmentar de anno para anno a população immortal dos nossos jardins. Onde até aqui só se viu com pomposo alardo uma exposição de arbustos florídos, resplandecerá permanente a de homens nados e creados n'este uberrimo torrão, para bem o servirem em vida, e ficarem-n-o exhortando e ennobrecendo depois da morte. ¿Que razão se levantaria contra isto? nenhuma; em favor mil, não sendo a minima o incremento que assim receberiam os estudos artisticos, e o gosto publico, até agora em infancia e ao desamparo.

«Para tudo aqui serêm facilidades, imaginae com que alvoroço a familia de cada personagem memoravel se faria uma festa de ir collocar, a expensas suas exclusivas, o homem ou a mulher do seu nome e do seu sangue, n'aquellas sombras honorificas, n'aquelle Elysio sem Lethes, n'aquelle Pantheon vasto, ridente, descoberto ao sol, inundado de fragrancias, cheio dos hymnos das arvores, das aves, e das aguas.

«Commettei, commettei a empreza, meu amigo, meu artista, meu portuguez, e boas fadas que vol-a bafejem!

«Bem póde ser, que, mais intellectualisada a Nação, e mais apurada no sentir dentro em alguns annos, chegue a pôr entre as suas leis mais queridas a d'estas posthumas recompensas, que estimulam e fertilisam o porvir. Esperemos que algum dia, quando menos egoistas, ou mais discreta e mais nobremente egoistas, uma pragmatica amoravel, que não se envergonhe de ser poetica, repute negocio do Estado o decretamento de taes ovações, e que talvez até aos representantes do Povo se confira o direito e o dever de votarem elles em nome da Patria, as estatuas publicas remuneratorias Assim o praticou, mais de uma vez, em Roma o seu Senado

«Ousemos acreditar, meu bom amigo; é já um bom principio para conseguir. O Passeio publico, diante da vossa officina, vos recorde cada madrugada o nosso empenho.

«¡Mãos á obra! depare-vos Deus para o vosso primeiro busto, com que já conto, melhor assumpto por parte do talento, do que d'esta vez o tivestes. Por parte do coração e bons desejos, basta e sobra que vol-o offereça egual; superior ainda elle o não creou.

«Concluo supplicando-vos repartais os meus agradecimentos com os vossos collaboradores n'esta magnifica *surpreza* com que me viestes confundir. Coelho, gravando a estatua com a mestria que todos lhe admiram; Leite, illustrando-a com aquelle primor de estilo brotado do coração, que lhe afiança um dos primeiros logares entre os escritores portuguezes; a redacção do *Archivo Pittoresco* consociando-os a ambos nas suas paginas, deram-me antecipado tamanho premio, que o não chegaria eu a justificar com um seculo de tão perseverantes e pa-

trioticos trabalhos, como os que me teem consumido estes ultimos oito annos.

«A elles e a vós abraça do coração o vosso admirador e amigo obrigadissimo.

«Lisboa 12 de Julho de 1857.»

Castilho.»

NOTA XII

POLICIA

(Tomo I pag. 29, linha 13—*Junto á porta da rua um croque, etc.*)

«Ordenou o dito Senhor (el-Rei D. Manuel) que todo o official mecanico tivesse na cidade de Lisboa, aa porta de sua tenda e casa em que vivesse e stiuesse, hum croque em haste de 16 palmos, teendo casa em que coubesse. E quando não coubesse na casa, fosse da grandura que na casa coubesse. E fossem obrigados com os ditos croques a acodir a qualquer arroido, que se fizesse na rua em que viuessem, ou per onde fossem fugindo alguns malfeitores: e trabalhassem quanto possiuel lhes fosse por os prenderem; e entregarem presos aas Justiças. E não o cumprindo assi, não dando e mostrando tal razão que os absolvesse de culpa, pagassem mil reaes, ametade para quem os acusasse, e a outra ametad e para a piedade etc.»

Dvarte Nvnez do Lião.
(Leis extravagantes).

NOTA XIII

LATIM

(Tomo I pag. 56, linha 22 — *Sabeis, Camões, que eu leio na pr pria lingua os poetas da antiga Roma.*)

Sobre os conhecimentos latinos e outros

de D. Sebastião, oiçamos o seu chronista D. Manoel de Meneses:

«No Estudo do Latim mostrou el-Rei grande emgenho e memoria nas Liçõens, que lhe lião, porque em breve tempo precebia paginas, e folhas inteiras de Versos, e Prosa, ainda que fossem muy escuros, no que o não excedia outro algum, e chegou a grande conhecimento dos Authores Latinos, por escuros que fossem, de tal sorte que indo hum dia pela sésta, governando já o Reyno, ter com elle o Padre Amador Rabello, cõpanheiro do Mestre, o achou lendo por huma Prefacção de São Jeronymo, ou Santo Agostinho que para a entender teria bem que fazer qualquer Mestre; porque lendo o dito Padre algumas regras lhe parecéraõ muy escuras, e preguntando se tinha alguma duvida lhe respondeo, que a fosse vendo, e elle hiria juntamente convertendo em Portuguez; e assim o fez tão claramente sem tropeçar em cousa alguma, que ficou o Padre muito admirado, não esperando tanto delle, e por ser fundo o pego, em que semeteo. Ouvio tambem Mathematica, e fez nella taes progressos, que sobre a Esphera de João Sacrobosco, fez huns Comentarios muy doutos, e engenhosos; o que visto pelos peritos na Materia, não acharaõ que emendar, antes taõ acertados, como de algum bom Mestre da Materia.

«Por sua grande curiosidade, e vivo emgenho alcãçou alguns principios das outras Artes, e Sciencias, e folgava por recreaçaõ de se achar em algumas Conclusoens de Filosofia, e Theologia, quando se defendiaõ em alguns Conventos.»

¿Por que razão n'aquella edade se fazia tamanha conta do Latim que até principes e reis, damas, princezas e rainhas, punham peito a sabel-o, traduzindo-o, falando-o, e não raro escrevendo-o com apuro e elegancia? ¿E por que razão hoje em dia, não só damas o não aprendem (nem poderiam aprender, á vista do veto que lhes poz um proloquio tolo), senão que nem o aprendem ho-

mens, nem o aprendem literatos, e, o que mais é, literatos que talvez o aprenderam escarnecem d'elle? A' primeira pergunta facil se depára a resposta, e vem frizando: havia poucos escritos em lingua vernacula, e nenhum que nem por sombras orçasse pela maxima, brunida e esmerada perfeição dos exemplares em prosa e verso de Roma, da boa velha Roma, tão gentil peccadora a principio, e depois tão santa, e duas vezes nossa mãe. A Literatura castelhana, a italiana e franceza, pouco se avantajavam da nossa, e não tinham lá coisa que valesse os Ciceros e Virgilios, os Plinios e Ovidios.

Mas a segunda pergunta já se não deixa responder tão facilmente; digo, responder com satisfação da consciencia. O que só tenho ouvido allegar por parte dos nossos anti-latinos, é, que esse estudo come annos da vida e vale pouco; vale pouco, dizem elles, porque já em Latim se não fala nem disputa; vale pouco, porque todo o conteúdo da prosa e verso dos romanos auctores é *fóssil;* vale pouco porque tudo isso se póde lêr em traducções; e menos ainda vale, porque nos idiomas modernos e no patrio, tanta coisa excellente em materia e fórma nos chama de todas as partes pela attenção, que seria simpleza trocar este oiro por aquelles avelorios. Nenhum d'esses dizeres deixa de ter sua verdade, mas a consequencia que d'elles tiram é que não é logica.

O estudo do Latim não é méro luxo; d'elle se formou, por elle cresceu e se poliu, o Portuguez; por elle se póde ainda enriquecer, e curar-se, em parte, dos ruins humores que

o vão contaminando cada vez mais. A tediosa prolixidade do estudo do Latim, não é culpa d'elle, senão só dos methodos; com methodo e mestre bom, se póde aprender em um anno; Lemare o demonstrou em França pela pratica; (é argumento á *fortiori*, porque do Latim ao Francez vai tresdobrado caminho que do Latim ao Portuguez); e a demonstral-o pela pratica me offereci eu já tambem; ora esse anno, e o dobro que fosse, não daria de si unicamente o que alguns superficiaes imaginam.

O habito de analysar n'uma Lingua tão perfeita, cria no espirito uma propensão logica, uma necessidade de exacção, cujas vantagens são incontestaveis para quem ha-de escrever; habilita para a afinação da prosa, e para os effeitos artisticos do estylo; dois predicados essenciaes para a duração e immortalidade das obras; e nos familiarisa com o pensar de grandes homens, que não escreviam de empreitada, por aposta, ou para negocio, como hoje; pois quem no original não leu os bons autores, por mais e mais insignes traducções que d'elles devorasse, não os leu nem os conhece.

Revolvamos com mão diurna e nocturna os livros modernos das sciencias, das artes, e de todo o genero, que a nossa terra, ou quaesquer outras tenham produzido, produzam, ou houverem de produzir merecedores de attenção; de uns nos virá doutrina; d'outros elegancia; d'alguns tambem elegancia e doutrina; com elles todos nos poderemos fazer fortes na materia da nossa occupação ou gosto particular. Mas, se ambicionardes

deixar á posteridade coisa que lhe mereça applausos de classica, se quereis sacar maravilhas d'esta mal avaliada harpa, chamada *Lingua portugueza*, que meia duzia de velhacos afrancezados nos trazem tão destemperada, se quereis que o nosso Povo readquira, e melhorado, o que maus administradores lhe teem perdido por incuria, e se lhe restaure um pouco de brio fecundo, e amor da Patria ao verem por doçumentos irrefragaveis, que o Francez não é, como elle blazona, nem mais claro, nem tão claro, e que, pelo contrario, o Portuguez é no seu collocar e phrasear, dez vezes, cem vezes, mais logico, mais rhetorico, mais poetico, e mais musico, que o Francez; [1] se nos importa em summa (e deve-nos importar) o sermos portuguezes, tornemo-nos ao Latim.

O Portuguez está no Latim e o Latim no Portuguez.

E não o creiam só porque o dizemos nós, os que somos portuguezes e de portuguezes nos prezamos; consultem o erudíto e judicioso castelhano Feijó, no tomo 1.º do *Theatro Critico*, Discurso xv, onde honradamente diz:

«Que a lingua portugueza ou gallega se deve considerar dialecto separado da latina, não subdialecto,

[1] ¡Pobre lingua do agente verbo e paciente! sem inversões, afogada em *ee*, esmiunçada em monosyllabos como o chim, com agudos de mais, e sem um unico esdruxulo; sem energia de prosodia; e de tão pouco rithmo, que sem rima não póde dar verso que por verso se conheça; e de mais a mais eivada de calemburs, trocados, e derivações, como os nossos classicos os chamam.—Castilho.

ou corruptella da castelhana, quanto a mim se prova, com evidencia, do maior parentesco que ella tem com a latina do que a nossa (a castelhana). Para quem conhece estas linguas, não póde haver duvida, em que, geralmente falando, as vozes latinas degeneraram menos na portugueza.»

E de que assim devia ser, acha elle na Historia mui cabal explicação.

Poucas palavras mais sobre isto que na primeira edição se ponderava:

A tendencia que ao presente se nota na direcção dos estudos publicos, vai mais para favorecer a escola primaria, que as do Latim; é tambem essa a minha. O indispensavel deve ser anteposto ao que, rigorosamente falando, o não é. Se cada escola de Latim custa tanto como duas ou tres escolas elementares, votamos que a supprimam para as crearem. Quem pretender versar-se no idioma do antigo Imperio romano, que pague á sua custa a satisfação d'esse louvavel apetite. A' custa do pão intellectual do Povo não póde ser.

Accresce porém, que a maioria dos que em Latim se dão por approvados ahi a cada canto, apenas o varejou pelas pontas das ramas; não se chegou a saborear n'elle; e tão pouco o absorveu, digeriu, e assimilou, que andados poucos annos se lhe tornou lingua extranha, extranhissima, e totalmente inintelligivel.

O faciendum para gente sisuda, seria pois olhar-se uma vez com seriedade para a ma-

neira como em geral se fazem, ou se fingem fazer, este e outros ensinos.

¿Será ou não verdade, que o do Latim, substituido aos methodos velhos outro mais philosophico, se póde perfazer n'um ou dois annos, quando muito, no logar de quatro ou seis? Verdade e reverdade. Logo, é romper empachos futeis, e metter desenganadamente mãos á obra; é fundir n'um systema judicioso, claro, e harmonico, o que de melhor propozeram no assumpto Lemare, Jacotot, e Robertson; tratar até ao ponto possivel a lingua morta como lingua viva; dar menos a decorar por atacado, confusa, secca, e indigestamente; e dar infinitamente mais, e tudo, a analysar e a comprehender. Tudo que se comprehendeu, decorou-se e ficou; não fazer da estirada charneca da grammatica estrada, pois o não póde ser, para a traducção; mas começar francamente pela traducção, e vir trazendo para ella, e por ella, os principios e as regras grammaticaes. A cada um d'estes principios, e a cada uma d'estas regras, juntar logo, e bem palpavel, a sua razão intima de ser; e ainda depois d'estas facilitações, empregar, sem desdens ridiculos e nescios, a summa facilitação: a mnemonica, as formulas metricas e rimadas.

Quem bem sabe quão pouco dista do Latim o Portuguez; quem bem chegou pela reflexão a liquidar que o Portuguez é na sua quasi totalidade o proprio Latim disfarçado, e como as conversões de um para outro idioma occorrem pela maior parte de um modo regular e uniforme, já não póde rejeitar como utopia o que propomos.

Quem isto aqui expõe não está contando um sonho de theorista ocioso, um alvitre que no exito poderia ser confirmado ou destruido; recommenda o que a sua propria experiencia lhe averiguou como indisputavelmente verdadeiro e prestadio.

O seu *Curso* inedito *de lingua latina*, seria, se lh'o quizessem aceitar, uma revolução tão fecunda para este ensino, como para o das primeiras letras o foi o *Methodo Portuguez*.

— «¿ Então por que o não publica ?»

Outros que o façam depois d'elle morrer. Sahiu-lhe tão cara a reformação do *a b c*, que lhe falta já animo para provocar a infallivel e tremebunda guerra do *hora horæ. Non bis in idem.*

Outro alvitre menos temerario que o precedente (é fadario nosso instarmos por creações uteis; hão-de nol-o perdoar):

Vamos lançar para aqui, para este humilde repositorio de bons desejos, extractos de duas cartas que dirigimos ao nosso muito sabio, e honrado confrade academico, o aio de Suas Majestades e Altezas, o snr. Conde da Carreira; n'elles se contém em resumo o nosso pensamento:

Em 16 de Setembro de 1862

. . . .

«N'outro objecto conversámos nós sobre o qual continuei a pensar até agora, e a cujo respeito peço licença a v. ex.ª para expôr aqui um alvitre, que, se a v. ex.ª aprouver, bem poderá vir a dar de si, grandes vantagens.

«Assentámos, e toda a gente de instrucção e gosto

concordaria comnosco, cuido eu, em que haveria grande utilidade em se emprehender a collecção dos classicos romanos, impressa com boas traducções em portuguez. Concordámos em que, procurando-se bem, não faltariam escritores entre nós aptos para collaborarem em tão vasto como formoso monumento; mas entendemos ao mesmo tempo que o maior *busillis* da empreza seria a publicação d'esta, não obra, senão livraria. N'este particular, só muito de leve acenado por mim, persuado-me de que v. ex.ª concorda tambem comigo.

«A Academia Real das Sciencias folgaria, sem duvida, de ser a promotora e a emprezaria da edição, se o podesse; infelismente não póde.

«Livreiros impressores com posses e animo para grandes emprezas, não os ha-de haver tão cedo em Portugal.

«Os literatos, esses então, ainda que os submettessem á prensa-hydraulica mais possante, não estilavam de si o oiro necessario para taes gastos.

«Quando eu era ainda mais utopista do que hoje sou, lembrava-me sempre das Côrtes quando se tratava do nosso credito literario; ¿ mas qual seria o Parlamento que se atrevesse diante de uma Imprensa que pela maior parte ignora o Latim e o Portuguez, a approvar uma lei dando meios pecuniarios para a impressão de livros, e livros antigos? nenhum de certo.

«N'este desamparo occorre logo um expediente, que até devia ser o primeiro lembrado: é a boa vontade d'el-Rei.

«O senhor D. Pedro V creou o Curso Superior de Letras; e foi uma bella herança que nos deixou, se Deus a quizer abençoar; ainda não dá frutos, mas já se póde prever que os ha-de dar.

«Esta fundação do senhor D. Pedro V merece bem completada pelo senhor D. Luiz, e tenho fé em que a pouco e pouco o ha-de ser.

«¿Então, digo eu, por que se não havia de lembrar a Sua Majestade, que a traducção dos classicos romanos é um complemento quasi indispensavel, e, falando com mais propriedade, indispensavel, para aquella parte do curso, que versa essencialmente sobre a Literatura antiga? As razões d'este meu dizer, aliás obvias, já eu as apontei, e foi na carta em que

me desculpava perante o chorado Principe de não aceitar a cadeira de *Literatura Moderna*, carta hoje publica no jornal a *Revista Contemporanea;* e ainda no prologo aos *Fastos* tornei a martellar no ponto: que eu sou dos taes verdadeiros paulistas, que obedecem á sentença do seu S. Paulo prégando as verdades uteis: opportuna e importunamente.

«Outra consideração, que porventura não será perdida para el-Rei:

¡«Quão proprio não viria na fausta conjunctura em que nos achâmos, o determinar Sua Majestade a fundação de um monumento, como este, mixto de glorias italianas e portuguezas! seriam as musas a completar e coroar a alliança internacional, tão auspiciosamente encetada pelo amor.

«Todos estes arcos, que a tanto custo se andam levantando, são para serem demolidos logo que se lhes houver passado uma vez por baixo; hão-de-se apagar com as luminarias, e dissipar-se com o fumo das salvas e os eccos dos vivas; mas o padrão literario, esse ha de ficar para todo sempre

¿«Não acha v. ex.ª plausivel este alvitre? ¿não o acha digno de ser por v. ex.ª mesmo suscitado a Sua Majestade? espero que sim; e se o fôr, confio em que Sua Majestade o abraçará gostoso; e não será este um dos menos bellos frutos do seu consorcio, nem dos menores louvores do seu reinado »

....

....

Em 22 de Setembro de 1862

Ill.mo e ex.mo snr.

«Meu respeitavel confrade e amigo:

«Beijo as mãos a v. ex.ª pela boa sombra que v. ex.ª está prestando ao meu alvitre, em favor das Letras romanas e portuguezas. O Camões tinha razão: só quem sabe da arte, é que a estima. Eu não podia ir bater a melhor porta.

«Avalio bem a difficuldade pecuniaria da empreza. Mas, se v ex ª me dá licença, haveria talvez um modo de a atenuar. Eil-o aqui: O Ministerio do Reino dispõe legalmente de alguns contos de réis annuaes para

auxilio de publicações uteis; então, se d'ali se deduzisse uma boa porção para se irem imprimindo d'anno a anno os livros que se fossem apurando do nosso querido *Corpus Auctorum Latinorum*, ¿não teriamos o problema resolvido, sem onus algum para o bolsinho d'el-Rei, sem razão de queixa para pessoa alguma, a contento, e com muito applauso, de todos? Eu acho que sim. Mas se el-Rei sympathisa com a empreza, como espero, porque é bonissima, falando Sua Majestade com o Ministro do Reino, e significando-lhe a sua vontade, este, que é homem illustrado e amigo das Letras, poderia ainda suggerir mais alguma facilitação, ou algum recurso novo, para se levar a effeito a fundação d'este monumento, o maior sem duvida da Literatura portugueza.

«Outra consideração para nos crear animo:

«Por mais que forcejemos, é claro, e de primeira intuição, que as traducções, taes como se querem, e devem ser, teem de levar muito tempo a fazer, a corrigir, a apurar, e por conseguinte poucos volumes se poderão imprimir em cada anno, e nos primeiros um ou dois annos muito menos ainda; logo, os gastos de retribuição aos traductores (retribuição que eu julgo indispensavel), e bem assim o custo do papel e da impressão, pouco podem avultar, especialmente nos primeiros tempos.

«Haveria ainda outras lembranças para facilitar a coisa, taes como a insinuação pelo Governo aos Governadores civis, para promoverem subscripção pelas Camaras Municipaes etc., etc., etc. Estes poucos ás vezes sommam muito.

«O que a mim me parece essencial, se a coisa tem de se fazer ou de se tentar, é que appareça a tempo de figurar como commemoração historica, e que saia com todo o possivel aspecto de obra regia, ou, por outra, approvada e favorecida por el-Rei, e publicada sob os seus auspicios.»..................

....

E acaba aqui a nota.

NOTA XIV

FOROS DE POETAS

(Tomo I, pag. 57, linha 3—*Reis são tambem os poetas; e mais que Reis, quando vos assemelham.*)

Isto, e o mais que n'esta fala se põe na bocca de D. Sebastião, não desdiz da alma nobre que lhe devemos attribuir.

Nenhuma duvida tive em passar para expressões d'elle, o que ao poeta Ronsard havia escrito o seu amigo e protector Carlos IX n'uma epistola:

L'art de faire des vers, dut-on s'en indigner,
Doit être à plus haut prix que celui de régner.
Tous deux également nous portons des couronnes:
Mais roi, je les reçois; poète, tu les donnes;
Ta lyre qui ravit par de si doux accords,
T'asservit les esprits dont je n'ai que les corps;
Elle t'en rend le maitre, et te sait introduire
Où le plus fier tyran ne peut avoir d'empire.

Muitos Reis, desde Alexandre Magno até Frederico Grande, e de Frederico Grande até nossos dias, terão pensado como Carlos IX; porque em realidade, a verdadeira poesia é tal imperio e sacerdocio, que não ha desconhecêl-o, nem escurecêl-o. Os poetas ruins e intrusos, desautorisam tão pouco aos legitimos e ungidos, como os clerigos díscolos aos bons pastores, e os tiranetes aos principes humanos e illustrados. Sim, muitos haviam de ter pensado como Carlos IX; mas nenhum tão galharda e altamente o expressou. O que a mim sobre tudo me fez força para emprestar estas suas ideias

ao nosso Rei, foi a maravilhosa consonancia, que em tudo, e logo á primeira vista, se descobre entre D. Sebastião e Carlos IX.

Carlos, nascido em 1550, só chegou com a vida e reinado ao anno de 1574. Sebastião, nascido em 1554, só chegou com a vida e reinado ao anno de 1578; lá, 24 annos; cá, 24 annos; Carlos, animo ardente, enthusiasta, temerario, sobranceiro, e altivo; Sebastião, animo ardente, enthusiasta, temerario, sobranceiro, e altivo; Carlos como Sebastião, e Sebastião como Carlos, cubiçando guerra, e amando nas caçadas e montarias as imagens d'ella; Sebastião como Carlos, e Carlos como Sebastião, folheadores de livros, instruidos para o seu tempo, e folgando de escrever, e conversar homens sabios; ¡o Francez, deixando na historia da sua França com a *Noite de San Bartholomeu*, uma nodoa de sangue; o Portuguez, deixando na historia do seu Portugal com a *Jornada d'Africa*, uma pagina inteira apagada com sangue! aquelle morre morte miseravel nas garras dos remorsos; ¡na d'este, que horrendo papel não deveram tambem os remorsos representar!

Não é tudo: para D. Sebastião, ha contemporaneo um poeta, como Camões, que lhe dedica o seu poema; para Carlos IX, ha contemporaneo um poeta, como Ronsard, a quem o proprio Soberano se não dedigna de escrever.

E ainda tambem ha parallelo entre Ronsard e Camões, se bem que o primeiro morreu, e o segundo não ha-de morrer. Ambos amantes da Patria; ambos verdadeiros ge-

nios; ambos eruditos; ambos procurando de sobejo parecêl-o. Camões, appellidado o *Principe dos poetas do seu tempo;* Ronsard, *surnommè le Prince des poètes de son tems.* Communidade em engenho; communidade em defeitos; e só, para vergonha nossa, não communidade em fortuna; ainda que tambem n'isto compensação: Ronsard, presenteado por cidades e soberanos, vive nos regalos do luxo; Camões definha nas amarguras do desterro e miseria; mas depois de Ronsard, vem Malherbe, que o eclypsa; depois de Camões, a Poesia portugueza, viuva e requestada, ainda não enxugou as lagrimas com segundas bodas. Os versos de Carlos IX mais acertam ainda agora em Camões do que tinham acertado em Ronsard no auge dos seus triumphos.

NOTA XV

AUTO DAS BOAS ESTREIAS

(NOTA NOVA NA SEGUNDA EDIÇÃO)

(Tomo I, pag. 57, linha 21 e seguintes — *Sabeis que as donzellas, poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia, nos hão apercebido um Auto como os de Gil Vicente, o qual mereceu a approvação do meu Chronista Mór Antonio de Castilho, bom desembargador em causas de poesia?* — Pag. 99, linha 3 — *Venha o auto.*)

No *Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores poetas portuguezes*, por José Maria da Costa e Silva, obra que pela morte de seu autor ficou infelizmente incompleta, in-

felizmente digo, porque apesar de varias inexacções, e alguns juizos mal assentes, não deixava de ser um bom auxilio para a historia literaria, lê-se no tomo II a pag. 289 e ávante, tratando do classico Antonio de Castilho, o seguinte:

«Estavam perdidas todas as esperanças de apparecer alguma poesia de Antonio de Castilho, quando um acontecimento, venturoso para as Letras patrias, veio reanimal-as, mostrando a possibilidade de apparecerem algumas, quando haja zelo em examinar as bibliothecas publicas, e particulares do Reino. Em carta datada de 1 de Janeiro de 1848, o snr. L. F. Leite, mancebo de grandes esperanças pela sua applicação, e saber, remetteu da Villa da Ribeira Grande, ao redactor, e proprietario do excellente periodico a *Revista Universal Lisbonense*, o ill.^{mo} snr. Sebastião Ribeiro de Sá, a copia de um *Auto* de Antonio de Castilho, que elle deparára em um livro de 625, com o titulo de *Miscelanea de versos e prosas*, todo escrito de letra de mão.

«Esta preciosidade poetica não podia ser dirigida a pessoa mais zelosa da gloria, e das letras da nossa patria: elle a deu logo á luz no numero 35 do seu jornal, d'onde passo a transcrevêl-a, para que os leitores, pelas dimensões d'este dedo, possam calcular a grandeza do gigante, e avaliar a perda que tem sofrido o nosso Parnaso com o sumisso dos escritos poeticos d'este autor tão elegante, e correcto.

«Este *Auto* intitula-se *da Boa Estreia*, e foi representado nos Paços da Ribeira, na presença d'el-Rei D. Sebastião, e da sua côrte, aos 23 de Junho de 1578; e o seu objecto é bem agoirar a expedição, que então se preparava contra os moiros de Marrocos, que tão funestos resultados teve para o Rei, e para o Reino.

«O estylo e systema dramatico d'esta composição indica um discipulo de Gil Vicente: ha porém n'elle, além da maior pureza de linguagem e mais sonoridade dos versos, muito mais apurada fabricação de coplas, e viveza de expressão, o que mostra o progresso que a arte tinha feito; juntando-se a isto a circums-

tancia de todo o drama ser escrito em portuguez, sem mistura de castelhano, como se observa nas obras dramaticas de Gil Vicente, de Simão Machado, e Luiz de Camões.

«Sem que este drama possa julgar-se uma composição extremada, não póde comtudo negar-se que ha n'elle trechos de boa poesia, e que a sua representação, sendo bem executada, devia recrear e agradar muito pela pompa do espectaculo e pela musica dos córos. Os interlocutores são os seguintes, que parecem pouco proprios para se acharem juntos:

«Ermitão.
«O Deus Marte.
«Fada Marinha.
«Côro de Seraphins.
«Côro de Diabos.
«O Mouro.»

Segue transcrevendo o *Auto*, e semeando-o de notas encomiasticas.

O nosso sabio bibliographo e academico, o snr. Innocencio Francisco da Silva, diz sobre isto no tomo I do seu *Diccionario*, a pag. 108:

«Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo VII, a pag. 413 e seguintes, appareceu pela primeira vez um *Auto* chamado *da Boa Estreia*, que ahi se diz ser de *Antonio de Castilho*, e que fôra representado ao *muito alto e poderoso senhor Rei D. Sebastião nos Paços da Ribeira aos 23 de junho de 1578*. Ali se declarava outrosim que esta peça incognita a Barbosa, e a todos os nossos bibliographos, *fôra recentemente descoberta na ilha de S. Miguel* pelo snr. Luiz Filippe Leite em um volume manuscrito *que continha muitas outras poesias ineditas de varios autores*. Alguns escrupulosos quizeram achar n'este procedimento uma especie de burla ou zombaria feita ao Publico, quando viram pouco tempo depois (em 1849) o *Auto* de que se tratava impresso textualmente no *Camões* do snr. Antonio Feliciano de Castilho a pag. 79 e se-

guintes, [1] e dado abi como composição propria e original d'este snr., que sendo *Antonio de Castilho* não era de certo aquelle em cujo nome a obra fôra apresentada aos leitores! O que porém não deixa de merecer n'este caso memoria especial, é que o *precioso descobrimento* illaqueasse a desprevenida boa fé do sincero José Maria da Costa e Silva, levando-o a festejar *um acontecimento tão venturoso para as letras patrias*, e a introduzir no seu *Ensaio Biographico-Critico*, tomo II, pag. 289 e seguintes, o pretendido *Auto* palavra por palavra. E' para admirar o tom ingenuo e serio com que elle trata o assumpto, e o modo como procede, tanto na analyse do *Auto*, como nas reflexões que lhe junta, sem desconfiar nem remotamente do lôgro em que cahia; e muito mais se deve estranhar que tudo isso viesse á luz já em 1851, isto é, dois annos depois de aclarado o enigma, e quando a chave do negocio estava a todos patente.»

O caso foi assim:

O snr. Luiz Filippe Leite, mancebinho ainda então, mas em quem já vinha alvorecendo com o amor aos estudos o grande engenho literario, e a poesia que tanto para o diante o haviam de illustrar, coadjuvava-me como secretario e amigo nas minhas tarefas de estudioso e escritor.

Lendo, escrevendo, e discursando, amenisavamos o melhor dos dias, e as noites quasi inteiras, no voluntario desterro da ilha de S. Miguel.

Da excellencia das suas faculdades, assim como dos delicados sentimentos moraes que lh'as realçam, ninguem poderia prestar mais convicto testemhunho do que eu; e glorio-me de o haver feito nas diligencias que empreguei perante o Governo para que se transfe-

[1] 100 e seguintes da presente edição.

risse de mim para elle o encargo, com que Sua Majestade me honrára, de fundador e director da Escola Normal Primaria de Lisboa. Mantenha-o Deus ali por largos annos, e a instrucção elementar do nosso Povo, amores meus e amores d'elle, ambição d'elle e ambição minha, breve lhe haverá devido o mais auspicioso desenvolvimento.

Largo a digressão, que me levaria muito longe, e torno-me a S. Miguel:

Acabava eu de lhe dictar, e elle de me escrever, o ultimo verso do *Auto;* esmorecia o candieiro, entrava-nos já pelas janellas a aurora a rir, talvez da nossa perseverança no trabalho, quando me occorreu, não sei como, a lembrança de verificar se a recem-finda composição poderia de feito passar por antiga, e da escola de Gil-Vicente, como fôra o meu intuito.

D'ahi a carta ao nosso bom amigo Ribeiro de Sá, assignada por Luiz Filippe Leite, e remettendo-lhe a copia do *Auto* para a sua *Revista Universal*. Mais nada. O restante já os leitores o conhecem. Não foi uma fraude: foi um mero brinco, d'estes com que tantas vezes se entruda na républica literaria sem offensa para ninguem. ¿E que outra coisa podia ser, se dentro em pouco o drama, em que o *Auto* figurava, havia de sahir á luz, e desatar todo o enigma?

Ora, verdade, verdade, tambem eu, assim como o snr. Innocencio, me admiro de que podesse cahir em laço tal o bom do Costa e Silva; e tão em cheio, tão em cheio, que andou com as notas exaltando como versos do meu velho, os que a terem levado logo

o meu nome, nem menção porventura lhe mereceriam. Digo isto por me lembrar ainda do seu poema satyrico *A Visom*, impresso com o seu poema da *Heroina d'Aragom* em 1832.

Tendo-se espalhado, em Lisboa, que eu havia morrido, quando não estava senão enterrado no meu deserto da Castanheira do Vouga, o poeta, que andava vivo e solto por Lisboa, aproveitou a occasião para debicar no meu livrinho do *Amor e Melancolia*. Isso é que foi *A Visom*. Quando me viu poucos annos depois ressuscitado, não folgou muito.

Mas todas essas nuvemzinhas literarias as varreu o tempo; e agora que o pobre Costa e Silva jaz devéras defunto, não seria bem alargar mais estas memorias.

NOTA XVI

TALENTOS FEMINIS

(Tomo I pag. 57, linha 21—*Donzellas poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia*—Pag. 98, linha 17—*Damas seguidas aa Rainha D. Caterina e da Princeza D. Maria* — Pag. 113, linha 2 —*Aproximae-vos: Luiza Sigêa, Publia Hortensia de Castro, Joana Vaz, Angela Sigêa*—Pag. 113, linha 8 — *Aceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de anjos* — Pag. 114, linha 3—*A Rainha e a Infanta, fazendo ambas com a mão signal para que ninguem se levante, se retiram*)

A introducção da Princeza e da Rainha em scena, é um pequeno anachronismo. Neste S. João de 1578 ambas eram já fina-

das: a primeira fallecêra a 10 d'Outubro de 1577; a segunda, em 12 de Fevereiro de 1578. A differença de oito e de quatro mezes, não é para comparar com a de tres seculos, que medearam de Eneas até Dido; mas não impediu a Virgilio de fazer morrer Dido, d'amores por Eneas. ¿Se até aos épicos se perdoam taes liberdades, como se não absolveria um longe d'ellas no theatro, onde tudo são tropeços e embaraços?

O meu fim no evocar para entre os vivos ambas estas boas defuntas, mórmente a Princeza e algumas de suas damas, foi trazer á memoria e consideração de potentados duas verdades, muito certas e muito uteis: primeira, que o saber ennobrece até a nobreza; segunda, que o saber, quando é posto em alturas, e acompanhado de virtudes, se não faz nascer talentos no Povo, faz pelo menos com que se aproveitem, e prosperem, os que lá nascem.

Notorio é como no paço portuguez (já desde el Rei D. Manuel com especialidade) se amavam e seguiam estudos. Regala-se a gente de pintar na imaginação um D. Manuel a escrever per si cartas famosas, já em Portuguez, já em Latim; a revolver historias e a alumiar aquelles mesmos, por quem mandava compôr os nobiliarios; a praticar já com os architectos, pintores, e estatuarios mais peritos, já com os capitães e navegadores mais assinalados; outras vezes, a folgar com o melancolico e namorado Bernardim Ribeiro; com a Real Familia nas primeiras representações que em Portugal se viram, dadas no paço mesmo; e a entreter-se familiarmen-

te com o seu Gil Vicente, rei e descobridor tambem, e com os poeticos filhos do poeta, e com o Infante D. Luiz, de engenho não menos dramatico, e com o estudioso D. Theodosio, e com o poligloto Diogo Sigêo, e suas dignas filhas, etc., etc., etc.

¡E' saboroso o imaginarmos um D. João III a epistolar, como seu pae, nas duas linguas! ¡a entremear com os cuidados da povoação do Brazil, e continuação das conquistas orientaes, o trato das letras e sciencias! ¡a replantar com mestres estrangeiros de mão cheia a Universsidade! ¡a diffundir escolas pelas possessões longinquas! a recrear-se com os dois mui doutos Bispos escritores e inda agora mestres, Antonio Pinheiro e Jeronymo Osorio, com o fecundo e infatigavel André de Resende, e com o compilador poeta, musico e debuxador Garcia de Resende, e com tantos outros engenhos cortezãos, cujas producções, ou amostras d'ellas, este nos conservou no seu *Cancioneiro* (ecco ainda vivo da curiosidade[1] literaria d'essa edade); e emfim a colher com delicia os frutos já sazoados do prodigioso talento d'aquelle Gil Vicente, de cuja musa elle, o Rei, era collaço, pois na camara da Rainha a viram e festejaram pela primeira vez quando a elle lhe festejavam o nascimento.

¡Que enlevo o representarmo-nos D. Sebastião no meio das suas melancolias devotas, influxo dos Jesuitas, propendendo tão fortemente para os livros, entre cujo sedentario

[1] Por cerca de trezentos andam os nomes dos poetas portuguezes udos e miudos colligidos no *Cancioneiro* de Resende. — Castilho.

commercio, e o correr d'aventuras, não vai pouca paridade!—«Era mui curioso—diz falando d'elle, o nosso D. Antonio Caetano de Sousa—dado á lição dos livros, e com grande gosto de os ter exquisitos: estimava os homens eruditos, que eram amigos de livros, agradando-se muito d'aquelles que se applicavam, e andavam investigando, e revolvendo livrarias publicas; pelo que costumava dizer, explicando-se com um termo ordinario mas gracioso: *«que as livrarias eram tavernas dos homens de bem»*.

¡Elle, a manusear, como de casa, os poetas e prosadores da antiga Roma! ¡a conviver com o sabio e sapiente D. Aleixo de Menezes, seu aio; e com os secretarios d'Estado Miguel de Moura, e Pero de Alcaçova Carneiro, (tres luzeiros d'estadistas) e com Antonio de Castilho, seu Chronista Mór, e com Diogo de Teive, e com Jeronymo Côrte Real, e com Francisco de Sá e Meneses, primeiro Conde de Mathosinhos, e com o famigerado theologo, Diogo de Paiva de Andrada, e com o piedoso escritor fr. Thomé de Jesus, ¡e com tantos e tantos!

Elle a merecer desde annos verdes o que Luiz Vicente lhe escrevia, dedicando-lhe as obras de Gil seu pae «..... sei que já agora n'essa tenra edade de V. A. gosta muito d'ellas, e as lê e folga de ouvir representadas.....» e o que lhe escrevia Camões dedicando-lhe os *Lusiadas*:

«..... subindo ireis ao eterno templo;
«.....................................
«dae vós favor ao novo atrevimento,
«para que estes meus versos vossos sejam:

e o que na sua carta (verdadeira carta de guia de reinantes) lhe discursava Ferreira, o poeta philosopho. E por esta occasião será bom observarmos, que tanto essa doutrinal carta lhe cahiu, que sobre parecerem destilladas d'ella quasi todas as maximas do memorial (de sua letra) que fez antes de assumir o Governo, lhes encorporou, textualmente, o verso com que a carta do Ferreira vai cerrada:

Inteiro aos grandes, humano aos pequenos.

Mas o que sobretudo me encanta e maravilha n'esses tres reinados, mais e muito mais que a grande quantia de talentos varonis que então brilharam, dos quaes eu mencionei varios no decurso do drama, e muitos outros se podem ver no catalogo de artistas por D. Francisco de S. Luiz, é o apreço que rainhas e princezas davam ás boas artes, e com que em torno a si nas donas e donzellas de seus estrados as faziam resplandecer. Parnaso, e não fabuloso, povoado de musas visiveis, era ahi o paço.

D. Leonor: — viuva de D. Manuel, cultivava as linguas sábias. O que sua filha, a formosa Infante D. Maria, n'ellas primou, canta-o a fama, e o comprova o que d'ella existe impresso.

D. Maria: — filha dos Infantes D. Duarte e D. Izabel, e neta de D. Manoel, foi, por saber, piedade e belleza aventurar a Alexandre Farnese, Duque de Parma, e assombrar

a Italia. Do saber, que se estendia ao Latim, ao Grego, á poetica, á mathematica, á philosophia e theologia, e da piedade, que não discrepava muito de santidade, nos conservam documentos obras suas; da belleza e graça nos diz, entre outras coisas, no seu epithalamio a esse casamento, o dr. Antonio Ferreira.

Quantos Maria vêem se alegram e espantam.

D. Caterina:—sua irman mereceu o que Venus, no mesmo epithalamio dizia, falando com seu filho Amor:

Eu digo das duas filhas a primeira
do Iffante clarissimo excellente,
da clara mãy imagem verdadeira
neta do Rey primeiro do Oriente.
¿Por que não farás tu que tambem queira
accrescentar a luz resplandecente,
com que o Mundo se faz mais rico, e claro,
co'o fruito de tal tronco ao Mundo raro?
Tambem te deffendiam, *Caterina*,
clarissima Princeza, as castas Musas;
em cujo choro d'alto assento dina
de Minerva te dava mil escusas:
venceste em fim aquell'alma peregrina
com a força, de que tu, se queres, usas,
já ao seu sangue o seu amor juntaste,
e d'aquelle alto sprito triumphaste.

A nossa D. Maria porém, isto, é, a princeza que em scena vimos a par com a egualmente notavel, viuva de D. João III, a todas eclipsou pela multiplice instrucção, com que desde a infancia soube ir marchetando as virtudes e realçando a formosura, como se deprehende das suas elegantes epistolas na

Lingua de Cicero, uma a Carlos V, outra a sua mãe já então Rainha de França, agradecendo-lhe o havel-a obrigado a estudar tão galharda Lingua. Era sua casa uma academia mui cabal de senhoras versadas nas humanidades, e em todo o genero de prendas, de algumas das quaes existem obras, d'outras só memoria. Não será empregar mal o tempo ajuntarmos para aqui as de que temos achado noticia, ás quaes aggregaremos varias outras d'esses reinados, que nem todas pertenceriam ao Paço, mas que a influição do Paço, porventura, concitaria reflexamente.

Luisa Sigéa:—Diogo Sigé, ou Sigêo como o cá chamam, era um sabio, de nação francez, que de Toledo se passou, já com filhas, para Portugal, no fim do reinado de D. Manuel, ou principiado o de D. João III. Fez este Rei grande conta d'elle, e provavelmente se não ajudou pouco de seus conselhos para o muitissimo que perfez a bem das letras e sciencias. De Diogo Sigêo foram discipulas, suas duas filhas, Luisa, e Angela. Luisa Sigêa ou Sigé, soube o Latim, o Grego, o Hebraico, o Syriaco, o Caldaico, o Arabico, sem contar o Francez, o Castelhano e o Portugnez, e verisimilmente o Italiano. Em cinco linguas escreveu ella uma carta, que anda impressa, ao Pontifice Paulo III. A Princeza a tomou a si, e d'ella fez sua mestra com grande amor; á Princeza é dedicado o poema latino *Cintra*, que viu a luz publica debaixo do nome da mesma Luisa; além d'estes opusculos compoz um dialogo *De differentia vitæ rusticœ et urbanæ.* Outras obras se lhe atribuem, como cartas e versos,

e até (mas sem duvida falsamente) um poema *Arcana Amoris et Veneris*, estampado muito mais modernamente, e de todo alheio da sua modestia e compostura. Casou em Portugal com D. Francisco Cuevas, fidalgo de Burgos, senhor de Villanasur. Foi celebrada em prosa e verso, como portento, por todos os sabios e engenhos mais distintos do seu tempo, e nomeadamente por André de Resende, sob o titulo de *Ludovicœ Sigœœ tumulus*, impresso em Lisboa em 1561. Deixou noticias da sua vida n'uma carta; e um filho por quem a sua descendencia se multiplicou em Hespanha. O jurisconsulto e famoso poeta toletano, João Merulo, lhe fez o seguinte epitaphio:

Loisiæ Sigææ Toletanæ, sui seculi Minervæ. Toletum nascentem excepit,
Lusitania honores et divitias dedit,
Burgi maritum unicumque filium,
Et, proh dolor! ante diem sepulchrum
Anno salutis MDLX. Octob. die
XIII.

O epitaphio porém, que na campa se lhe abriu, feito pelo seu viuvo, vale muito mais, e reza assim:

D. O. M.

Loisiæ Sigææ fæminæ incomparabili
Cujus pudicitia cum eruditione linguarum,
Quæ in ea ad miraculum usque fuit
Ex æquo certabat!
Franciscus Cuevas mœrentiss.
Conjugi B. M. P.
Vale beata animula, conjugi dum vivet
Perpetuæ lachrymæ.

Angela Sigêa:—pertenceu tambem á casa da Princeza, do que era digna por sua erudição nas linguas; na musica excedeu ainda a sua irman.

Publia Hortensia de Castro.—Traslado o que a seu respeito commemorou na minha *Revista Universal* de 5 de Outubro de 1842 o meu amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára:

«Corria o primeiro quartel do decimo sexto seculo, d'esse seculo tão de Portuguezes, e, pelo que já ouvireis, não menos de Portuguezas; quando a Thomaz de Castro, cavalheiro de nobilissima geração, nasceu uma filha na villa, entre as outras, distincta pela antonomazia de Viçosa. Não nos maravilhára se ouviramos nomear Ignez, Leonor, ou Isabel a filha do nobre cavalheiro; mas Publia Hortensia, a filha de um Castro, e de um Castro quinhentista, caso é que sempre nos tem dado em que scismar. E' certo porém, que com este nome de matrona romana entrou no pantheon feminino esta amazona letrada, esta George Sand (mas honesta) de tres seculos. Tal foi o furor, melhor disseramos, a monomania estudiosa, que entrou no corpo e alma da menina Castro, que, deixando o estrado de Villa Viçosa, e os lavores do sexo, eil-a que parte em trajos de estudantinho, para a nova, e então mui florente Universidade de Coimbra, em companhia de seu irmão Jeronymo de Castro, que só entrava no segredo d'esta extranha metamorphose. Ali cursou humanidades, philosophia, e theologia; que vale o mesmo que dizer todas as sciencias e letras em seu tempo conhecidas. Dos seus progressos na philosophia não ha mais que dizer, senão repetir o que o mesmo André de Rezende, testemunha de vista, escreveu a um amigo n'esta substancia:—«A coisa mais para ver, e capaz de vos dar maior satisfação, foi Publia Hortensia de Castro, rapariga de 17 annos, tão versada nas maximas de Aristoteles, que disputando em conclusões publicas com muitos sabios, não houve argumento, por mais cavil-

loso, que não solvesse com summa promptidão, e não menor graça.» — A Infante D. Maria, filha d'el-Rei D. Manuel, cuja casa era uma academia de eruditas damas, a tomou para seu serviço. movida das recommendações do Infante Cardeal D. Henrique. Na presença d'estes principes defendeu mais conclusões. E parece que a edade lhe não apoquentava o espirito, porque já em tempo do governo d'el-Rei D. Filippe II, e perante elle, sustentou em Elvas outras conclusões theologicas; acto, que lhe mereceu d'aquelle Monarcha a mercê de uma tença de 20$000 réis — pelas suas muitas letras e saber. — Depois de ter escrito alguns livros de differentes assumptos, em prosa e verso, nas linguas latina e portugueza, nenhum dos quaes chegou a dar-se á estampa, falleceu no estado de solteira a 10 de Outubro de 1595, e jaz sepultada no claustro do convento da Graça de Evora.—Seja-lhe a terra leve.

«Propômos o seu exemplo, mais para ser admirado, do que imitado das nossas donas.»

Joanna Vaz, ou *Joanna Vázia:* — natural de Coimbra, foi aia da Rainha D. Caterina, amiga das Sigêas, e do gremio literario da nossa princeza. Chamavam-n-a a philosopha, pela singular agudeza com que disputava nas sciencias; possuia as linguas doutas; dos poetas, tinha larga lição, e os imitava. Escreveu epistolas a Paulo III, em Latim, em Grego, e em Hebraico, e varias poesias latinas. D'ella falam com louvor, Nicolau Antonio na sua *Bibliotheca*, André de Rezende n'um poema endereçado á Princeza e n'uma epistola inedita *ad Joannam Vasiam*, e Ayres Barbosa nos seus epigrammas, etc.

Paula Vicente:—moça da camara da Princeza D. Maria, filha, e, segundo querem, collaboradora, de Gil Vicente nas comedias que fez depois de velho. Comedias suas, que

não chegaram a ver a luz, consta que as houve de mui particular sabor. Fez uma Arte da lingua ingleza e hollandeza, e imprimiu uma compilação das obras de seu pae. Sôa que falava muitas linguas, que tinha boas noticias em architectura civil, e, além das prendas de bordar e pintar com perfeição, a de representar com summa naturalidade e graça, de sorte que, não sendo formosa de sua pessoa, por suas prendas e instrucção era muito festejada.

D. Lianor de Noronha:—Filha do Marquez de Villa Real (D. Fernando); nasceu em Evora em 1488, e falleceu em 1563. Traduziu e offereceu á Rainha D. Caterina, mulher de D. João III, a *Coronica geral de Sabellico* impressa em Coimbra em MDL. Na dedicatoria diz:

«Que trasladou para uso das damas da Rainha, de Latim em linguagem Portuguez, uma Chronica geral pera que não gastem tão bem aventurado tempo pera nós, como este, em que Vossas Altezas reinam, em ler fabulas, senão verdades.

»Deome atrevimento pera offerecer esta mealha de serviço—diz ella—a V. A., ser velha como a que a lançou no thezoiro do templo, a que Nosso Senhor acceitou a vontade, como espero, que V. A. faça á minha, que não sam menos pobre em saber que a outra na fazenda.»

Louvam-n-a, entre outros, Duarte Nunes do Lião, e Jorge Cardoso.

D. Antonia de Rojas:—diz d'ella Damião Frois Prim no seu *Teatro Heroino:*

«D. Antonia de Rojas, Portugueza de nação, ainda

que ignoramos o logar, que lhe deo o nascimento, mas pelo appellido parece originaria de Castella, pois diz que sua mãy Izabel de Rojas viera de longes terras, e que ella nascêra em hum verde valle de Lusitania. Teve hum filho chamado Pedro de Vasconcellos, que militou na guerra do mar, e foy morrer á India, pelejando contra infieis, cujas prendas exagéra Dona Antonia em huma obra, qne escreveo depois da morte de el Rey Dom Sebastião, a que fez hum Soneto. Em hum volume mauuscrito se achão as obras seguintes: *Intervallo para tristes.—Historias fabulosas em prosa Portugueza mis'urada com versos—Principio das amargas tragedias da Autora, em dôze, que chama scenas, prosa, e verso Portuguezes—Processo da vida e morte de huma amante — Tragedia lastimosa de Dona Antonia de Rojas na morte de seu unico filho; prosa, e versos, oitavas, sonetos, e outros versos Divinos, e Humanos. Origem authentica de Nossa Senhora de Monserrate traduzida de prosa em verso.*»

D. Guimar de Jesus:—escreveu: *Consolação do nosso desterro — Incendio do amor*, impresso em letra quadrada em 4.° por ordem do Cardeal Rei dedicado á Rainha D. Leonor.

D. Helena da Silva:—religiosa cisterciense fallecida em 1590; escreveu em castelhano um poema da paixão de Christo, e a vida de N. S. com versos colhidos em Virgilio.

Julia da Ponte: foi (diz o *Theatro Heroino*) da familia de Spilimberg. Compoz diversas obras com grande louvor de muitos escritores, e floresceu pelos annos de 1580.

Izabel de Castro e Andrada:—merece lida a noticia que o supracitado Damião Frois dá d'ella:

«D. Izabel de Castro, e Andrada, filha herdeira de Alvaro Peres de Andrada, commendador de Saõ Pedro de Torres Vedras, Senhor do morgado da Annunciada, e de Dona Guimar Henriques, filha dos Condes da Feira, foy de singular formosura, e de tantas virtudes, que se contaõ della muitas maravilhas. Casou com Dom Fernando de Menezes, Senhor do Louriçal, do Concelho de el-Rey, e capitaõ General de Tras os montes; depois de cincoenta e quatro annos de idade, teve milagrosamente dous filhos: Dom Henrrique de Menezes, e Dona Maria de Castro, mulher de Dom Joaõ de Menezes. Alferes mór.

«Defendeo Dona Izabel de Castro na Igreja do convento de Varatojo conclusoens de Filosofia, Teologia, e lettras humanas, e dando ao mesmo convento para huma Ermida da Paixão de Christo hum forno de cal da sua nobre quinta, que lhe está vesinha, deixou n'ella escrito o admiravel Soneto, que anda impresso na historia Serafica, e outro que se imprimio no Poema de Araucana de Alonso de Ercila, da Impressaõ em que foy dedicado ao conde de Lemos e Andrada seu parente, naquelle tempo Embaixador em Portugal. Este mesmo Soneto imprimio Manoel de Faria e Sousa, no comento das Rimas de Camoens, no fim da primeira centuria dos Sonetos da primeira parte, em que dá grandes elogios a esta Senhora, dizendo, que fora mestra do mesmo Camoens. Morreo santamente em mil quinhetos noventa e cinco, e jaz enterrada na capella mór do convento da Annunciada de Lisboa da Ordem de Saõ Domingos.»

Digo a verdade: quando me ponho a considerar o que as mulheres são pela Natureza, e o que deixam de ser pelas preoccupações e tiranias da sociedade; quando me lembro de tantas, que em todos os tempos e logares se assignalaram por talentos, e hombrearam com os grandes varões, tendo para isso que vencer mil difficuldades que para elles não existem; quando encontro este meu conceito, não só inteiro, senão ainda avantajado

em tão grave e sisudo autor como é o do *Theatro Critico*, [1] doe-me o coração de ver como taes almas se desaproveitam; como se mette um sexo (¡metade da especie humana!) ¡na roda dos enjeitados! E' peccar contra Justiça e Natureza; é defraudal-as de sua herança; e a nós, de mais prazeres e mais delicados, que nos ellas poderam dar; as sciencias e as artes, de novos lustres; e as gerações ulteriores, a pobre infancia, das suas instituidoras naturaes e mais proficuas.

Instruidas, animadas, laureadas, as mulheres distinctas e sublimes, ¡que estimulo para os lidadores no campo da intelligencia! ¡no ¡carcaz do amor, que novas settas enfeitiçadas!

Completa-se hoje a educação feminil, ajuntando aos lavores e prendas manuaes, a dança e musica; o desenho, a pintura e uma ou duas linguas vivas, já são luxo muito raro. A dança e a musica, são graças; ¿quem o nega? e como taes, de juro e herdade pertencem ao seu sexo; mas, custando muito em cabedal, e em tempo, são apenas um enfeite passageiro. Concluida a festa do noivado, fechou-se o piano, encapotou-se a harpa; como quem dissera:—«Está concluida a vossa missão; já seduzistes.»—A dança, vai só até ás primeiras raias da velhice: é como as virações perfumadas, que só pertencem á primavera. E depois, todos esses recreios são para as salas, e para o turbilhão.

Os livros, não: são companheiros, amigos,

[1] Tom. 1.º discurso XVI *Defensa de las Mugeres*.

consoladores, guias, mestres, e thesoiros para todas as edades, condições, e fortunas. Velando o somno do filho, amamentando o, se continúa o estudo no sacrario íntimo da familia. Se um chôro ou um riso, que saem do berço, o interrompem, bem fóra estão de o supprimir. «Applico-me para um dia instruir o meu filho; illustro-me, e aperfeiçôo-me, para dar a minha filha um modelo, e testar-lhe um nome, com que se possa gloriar.» ¿Esta reflexão não é bem obvia ao coração materno? ¿sobretudo quando a razão se acha convenientemente esclarecida?

O assumpto era para um tratado, e não para uma nota. ¡Possa o quasi nada que n'ella apontámos suscitar em paes e mães um pouco de sizuda meditação! ¡Encaminhe Deus este memorialzinho onde dê proveito! que eu, de minhas mãos o sólto, com aquelle estribilho do Ferreira no epithalamio á nossa Princeza de Parma:

Boa estrella te leve, hora doirada!

NOTA XVII

FECUNDAÇÕES INTELLECTUAES

(Tomo I pag. 59, linha 2 — *Valente, e Poeta* — Pag. 88, linha 4 — *Antonio, que e um dos que tinham ficado á porta da varanda em pé, faz um movimento colerico para se arremeçar a Martim e reprime-se* — Pag. 149, linha 32 — *Antonio toma com a esquerda o braço de Martim Gonçalves, com a direita lhe arranca a espada e a quebra sem o largar* — Pag. 188, linha 7 — *Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas... Sim, mestre, cantarei, repoisae vós.*)

Quanto a serem os Jaus naturalmente soberbos, vingativos, valentes, dizem-n-o os autores; póde se consultar, entre outros, João de Barros na década IV, livro I, cap. XII. Quanto a poeta, o Jáu do meu original francez não o era; fil-o eu tal, não só pela razão que a el-Rei dá o Camões na scena dezoito do acto primeiro, quando diz: ¿ *Discipulo meu? talvez; mas alumno da formosa Natureza oriental, e inspirado dos seus ares creadores. E' a terra do sol e das perolas; é a terra das alterosas palmas; ¿ como não seria a terra dos poetas?* Não só, repito, por essa razão o baptisei poeta, senão tambem, e principalmente, por me parecer que isto da poesia, em sendo n'um homem verdadeira, e muita, como era em Camões, de força se ha-de pegar mais ou menos a quem com elle communica: *Dize-me com quem lidas...* reza o nosso rifão velho. Ora, se assim corre (como em verdade corre, e todos

sabem) com as qualidades ruins, tanto no mundo moral como no physico; se os melões ao pé dos aboboraes sabem a aboboras, e em companhia de ciganos só ciganos se criam, ¿por que não haviam os espiritos que transsudam o bello ideal, como canforeiras e canelleiras exhalar aromas sem se sentir? ¿por que não haviam aos espiritos do seu trato contagial-os com a sua praga santa, e gloriosa maldição, mas que só fosse superficialmente?

Tenho eu para mim, que o ser uma terra mais industriosa, ou mais sábia que outra, ou mais artista n'este ou n'aquelle ramo, ou mais galante e chistosa, ou mesmo mais bruta ou devassa, não virá tanto de differenças de ares, como de influxos de pessoas. ¿E quando não, por que não cria a Grecia hoje nem um arremedo d'aquelles grandes varões, que antigamente produzia aos cardumes? ¿Por que é Paris o fóco do bom gosto? ¿a Allemanha o viveiro das philosophias? ¿a Inglaterra o exercito grande dos fabricantes? ¿a Italia o enxame dos musicos, escultores, e pintores? ¿a Hespanha a terra classica das hyperboles? ¿Por que diz a historia, o seculo de Péricles? ¿o seculo de Augusto? ¿o seculo de Leão X? ¿o seculo de Médicis? ¿o seculo de Luiz XIV? ¿Por que ha edades de fanatismo, edades de licença, edades guerreiras, edades sedentarias e estudiosas, edades só politicas e faladoras? Não póde ser acaso, senão influições de homens, que por alguma sua condição, ou intrinzeca, ou externa, possam introduzir moda, e fazel-a pegar. Entre nós temos exemplos e muitos; cito só dois:

D. João V favoreceu estudos, os historicos principalmente; e o seu reinado, só, deixou livros de historia para uma bibliotheca. Em nossos dias, deu-se pela primeira vez uma especie de impulso, com certas mostras de apreço e semi-favor, á arte dramatica; e os dramas pullularam. O que n'esta parte temos visto nascer, excede já ao que nos haviam feito desde Gil Vicente.

E' este um axioma em que eu hei-de martellar opportuna e importunamente a poderosos, a saber: que a Providencia lhes deu procuração bastante para curarem do seu grande negocio da perfectibilidade; assim como tambem é verdade que o diabo, por baixo de mão, lhes deu outra para lhe pôrem embargos; e quando *poderosos* digo, não digo só reis, rainhas e principes, millionarios ou ministros de estado; comprehendo no rol, bispos, governadores, magistrados, parochos, mestres, superintendentes de estabelecimentos, donos de fabricas, e até simplices paes de familias; pois o que uns pódem no muito, outros o pódem no pouco; aonde uns vão rasgadamente, outros chegam rodeando; uns dizem: *faça-se*, e faz-se; outros fazem-n-o sem dizer nada. Que todos pódem, e conseguintemente que todos devem, e devemos, contribuir para a civilisação, a qual, com ser immensa, se compõe em todas suas partes de elementos minimos, isso no symbolo dos apostolos da philosophia é o primeiro artigo. Nem todos o praticarão, mas descrêr d'elle, ninguem.

E deixando agora o Jáu, que eu suppuz poetificado pelo Camões, e pela poesia no-

bilitado nos affectos, até á façanha de pedir esmola para elle (porque a verdadeira poesia entendo eu que é uma fidalguia d'alma) seguirei ainda um pouco na ideia que trazia, ou que me vinha trazendo a mim, pois que desde muitos annos me senhorêa, qual é a de se favorecer o desenvolvimento de todos os talentos uteis, e bastára dizer de todos os talentos; o musico não é menos homem para o genero humano que o lavrador; nem o poeta menos prestadio que o pedreiro.

— ¡«A proposito do triste Jáu !?...»

Que duvida! Com menos bom thema ainda, prégaria eu o meu sermão: ¡assim elle tenha ouvintes! ¡e algum dos ouvintes se converta!

Se eu fosse alguma coisa mais que escrevedor, v. gr. Governador civil (do que Deus me ha-de livrar, e me livraria eu mesmo) não me gastaria n'estas razões especulativas; em vez de riscar, edificaria; que chão em quê, e materias com quê, não faltam ahi. Como o não sou, nem hei-de ser, vou alvitrando em sêcco por estas notas, que é um espairecer que a ninguem faz mal. A alma de um amigo dos homens ha-de-se deixar correr como o vento, por onde ella quizer: que, assim como o vento, leva sempre em si muita semente, que vai espalhando. Milhões d'ellas se perderão; mas sempre algumas, ainda que tarde seja, poderão vingar. Ora pois, sem mais venias, eis aqui o que eu, vai já em oito annos, sollicitava a bem da mocidade, que foi sempre os meus amores, e tanto mais o vai sendo, quanto mais d'ella me vão os annos desviando.

Era na *Revista Universal Lisbonense*, em 18 de Agosto de 1842, e sob o titulo de *Um arbitrio utilissimo para a literatura:*

«Desde o principio das sociedades humanas que pende um grande pleito entre a Natureza e a Fortuna; pleito em que ambas são autoras, e ambas rés: queixa-se a Natureza, pela voz de seus philosophos, de que a Fortuna lhe esperdiça muitas e muitas das suas melhores producções; queixa-se a Fortuna, pela voz de quasi toda a gente, de que a Natureza é escaça de coisas e pessoas proprias para completar no mundo uma existencia feliz O abbade Dubos pretendeu decidir parte d'esta questão, affirmando que nenhum engenho especial nascia, a quem o acaso não viesse depois a facilitar os meios de realizar a sua vocação. A biographia de muitos homens illustres acode com brilhantes exemplos á theoria do abbade Dubos; mas o abbade Dubos não tinha razão. Não falando já nos povos rudes e silvestres, omittindo até as nações atrazadas, em que as artes e sciencias apenas principiam, e entre as quaes todavia não podem deixar de nascer talentos e genios, condemnados a perecer na atmosphera crassa e fria que os rodeia, ¿quem ha ahi que por pouquissimo que tenha reflectido nas pessoas e coisas que viu em sua vida, se não convencesse de que muita obra se fez mal, porque se não commetteu a bom mestre, e que muito prestimo se desaproveitou por mingua de ousadia propria, por desfavor ou inimisade dos influidores, por desconcerto ou contrariedade das circumstancias? Não, evidentemente não tinha razão o abbade Dubos.

«A philosophia especulativa e experimental, que pariu, e vai creando a Liberdade para rainha do mundo, procura, por instincto, concluir por mutua e afortunada composição de ambas as partes litigantes, esta cançadissima demanda da Natureza e da Fortuna; nobre e louvavel empenho, a que todos devem incessantemente dar a mão. A dois se reduzem principalmente os meios por onde tal, ou semelhante resultado se ha-de conseguir: 1.º a maxima generalisação das luzes, e o arroteamento e cultivo intellectual, não de alguns, senão de todos; 2.º a generalisação do systema de concursos para todos os objectos onde

os concursos se possam applicar. Resolvido o 1.º d'estes dois problemas, a educação revelará todas as vocações para que se possam aproveitar; resolvido o 2.º, decididamente se aproveitarão: pela primeira via, calam-se as lamentações por parte da Natureza; pela segunda, as queixas por parte da Sociedade: a primeira descobre a todos o seu verdadeiro caminho providencial; a segunda, lh'o abre, e lhe facilita o percorrel-o: o primeiro expediente, encherá o mundo de gente grande; o segundo, por mão d'essa gente grande, o encherá de grandes coisas: o primeiro, será o *fiat lux;* o segundo, o *fiant omnia.*

«Ora, a philosophia da Liberdade (nas terras onde a Liberdade tem philosophia, onde ella é meio e não fim) adivinhou tudo isto, e começa, a despeito das difficuldades de todo o genero, e sempre recrescentes, a derramar as luzes quanto, e até onde póde; e a procurar, para cada objecto, os sujeitos mais idoneamente alumiados. Quando começaremos nós outros a trilhar esta verdadeira estrada da perfectibilidade? sabe-o Deus; mas não dá mostras de ser mui cedo, porque em tres milhões e meio de habitantes apenas por ora tres duzias e meia d'elles sabem ler por cima. Pensem, e pensem muito n'isto os que legislam, e os que governam, e todos os que por qualquer modo se acham por seus haveres, por sua posição, ou por outro qualquer genero de influencia no caso de poderem contribuir para a instrucção do Povo; taes como os governadores, administradores, parochos, e fidalgos provincianos, que po rseus cabedaes, crédito, e respeito, são ainda agora em suas villas e aldêas, ou pódem ser, verdadeiros patriarchas, principes, e exemplares. Mas, repetimol-o, esses annos doirados de muita luz só pódem vir a cabo de muitos annos de acertados e geraes exforços; será um bello dia esse, mas receio que só nossos filhos lhe vejam a alvorada.

«Deixemos pois ao tempo o cumprimento do seu officio, porque do homem só depende o semear e plantar; mas o fazer medrar e copar depois as selvas, e povoal-as de harmonias e encantamentos, só pertence á Providencia, que vai pausadamente e a ponto mettendo na obra mil outros agentes. de que porventura nem sequer temos ideia. Insensivelmente subimos com o discurso até esta grande e desconsolosa

altura, em que não temos que fazer, senão estender para baixo os olhos em derredor de nós, cruzar as mãos sobre o peito, e suspirar. Redescendâmos, e tomemos o pequeno assumpto a que nos dirigiamos: pequeno, comparado com estas altas ponderações, mas, por de possivel, facil, e proxima realisação, importantissimo. E' um *Projecto de Lei* que ennobrecerá ao Deputado que o propozer, e á Camara que o adoptar; e ao Governo que o der á execução grangeará bençóes copiosas.

«Sabido é como neste prospérrimo torrão de *Portugal* tem a Natureza, e teve sempre, maravilhosa feracidade, assim de frutos, como de varões; e que o desprezo de uma e de outra abundancia, foi o que nos pôz e nos conserva em tanto extremo pobres e arrastados. Já se voltaram os olhos e as vontades para os interesses materiaes; isto é, para as producções da terra, e para as artes e industrias, que d'ahi nascem immediatamente; Deus lhes ponha a virtude, que bem boas coisas são todas essas; mas ha-se mister de começar tambem a aproveitar alguma parte da gente boa que por ahi nasce espontaneamente, e em tanta copia Nunca talvez foi por cá maior a de mancebos desenganadamente feitos e talhados para as boas Letras; todos os dias vemos, com espanto, abrirem-se flores d'estas, promettedoras de frutos sazoados para a civilisação, e para a gloria da Patria; e todos os dias as vemos, com lástima, cahir, murchar e perder se; ou, se arribam a fruto, darem-n-o pêco e pedrado. D'estes mancebos conhecemos nós: uns, a quem a pobreza tolheu o passo para os estudos; outros, a quem a falta de bons guias desencaminhou; outros, de quem travou o remoinho da politica, e os afogou nesse pégo de que não ha ressurreição; outros, a quem a cruel humanidade de poderosos protectores empregou nas mais prosaicas, nas mais despoetisadoras de todas as tarefas da cidade; ¡deram-lhes o pão, roubando-lhes a alma, e cuidaram ter sido generosos! Dubos, com a sua theoria, era evidentemente um insensato; ¿haverá porém remedio para todos estes homicidios? ¿ou para alguma parte d'elles? Não só o ha, se não facillimo.

«Procure-se fóra, e não longe da cidade, ou das cidades, uma, ou mais d'essas casas, que a piedade erigira para conventos, e onde, conjuntamente com

muitas excellencias moraes e religiosas, medravam como em ares seus proprios, muitas letras e muitos talentos; ajunte-se-lhe a porção de terra sufficiente para manter um limitado numero de moradores; mettam-se de posse d'essa bemaventurança, assim os mancebos, cujo espirito houver dado claro annuncio de suas forças, como os velhos, que perseveraram fieis ao estudo, em paragem tão madrasta d'elles; dêem a uns e outros os livros, o remanso, a abundancia, o exercicio saudavel para o corpo e para a alma, o habito e a necessidade do estudo; e ver-se-ha que maravilhas saem d'este fecundo commercio da experiencia e sciencia da velhice, com a força e a energia da mocidade. Nada ahi faltará: nem a seara, que vivifica, nem a cultura, que aperfeiçôa; cada edade receberá da outra o que lhe falta: temperar-se-ha a fraqueza; comedir-se-ha a petulancia; e a arte, por todos os modos servida e ajudada, logrará em pouco tempo a sua maior altura relativa. Uma tal casa, sería ao mesmo tempo um asylo de inválidos, isto é, uma sagrada paga de divida nacional, e um seminario ubérrimo de talentos, isto é, um pequeno cabedal posto pela Nação a enormes e honrosissimos juros.

«Este pensamento, que ha muitos annos traziamos no coração, sem ousarmos a declaral-o, por medo ao prosaico *ramerrão* d'este nosso mundo, só agora nos afoitámos a dal-o ao Publico; se com esperança ou não, não o dizemos; e foi o motivo que nos quebrou o encanto. o sabermos que já um Portuguez, em todo o sentido Portuguez, e por todos os modos respeitavel, o tentára por sua parte realisar. Foi este Portuguez o Conde do Lavradio. Comprára elle o convento e cêrca dos Carmelitas a par de *Collares*; captivado da formosura, solidão, e silencio do sitio, e sentindo em si mesmo quanto era acommodado para o estudo, para o contentamento do ânimo, e para a creadora liberdade da phantasia, traçou consagrar a casa ao publico proveito, recolhendo n'ella mancebos favorecidos da Natureza, e desamparados da Fortuna, sujeitando-os a um instituto moral, literario, e hygienico, que amplissimamente os desenvolvesse; e mandando-os depois ás Capitaes mais illustradas, para receberem a derradeira mão de aperfeiçoamento; mas isso tarde, e só quando, pela edade

e pelo estudo, não corressem perigo de se irem perverter, e vir para sua terra desprezar, e vilipendiar a Lingua, o bom siso, e os bons costumes de seus maiores. Obra era esta digna de seu autor; e já hoje existíra, se novos deveres, contrahidos pelo generoso Fidalgo, o não constrangessem a levantar mão do seu primeiro empenho. Não é logo utopia, nem sonho de poeta o que lembrâmos. Tentem-n-o, tentem-n-o, pelo amor da Patria. Se fôr necessario acrescentar á doação de uma casa e pouca terra alguns outros meios, appelle-se para a generosidade dos Portuguezes opulentos, que talvez haja ainda ahi algum opulento, que seja Portuguez. Com donativos se fundaram muitas coisas boas n'estas boas terras: Misericordias, Collegios de orphãos e orphans, Seminarios ecclesiasticos, Hospitaes, Albergarias, Recolhimentos, Mosteiros; com donativos se manteem Asylos de infancia desvalida, asylos de velhice mendiga, e escolas; ¿por que rasão com donativos se não consagraria uma nova Misericordia aos filhos predilectos da Natureza, enjeitados da Fortuna? Não seria monumento de menos piedade; e seria de todos o mais abençoado pelas gerações que vierem, começando logo pela que immediatamente nos seguir.»

Depois de sete annos que isto supplicava, presumindo que a razão publica poderá ter dado mais um passo, tórno hoje a supplical-o, de mãos postas aos pés dos ricos e poderosos. Não peço para mim; sou como o Jáu, peço para o talento; para o talento desvalido.

Este seculo XIX, que á bocca cheia condemna a bruteza do seculo XVI para com o Lusiada dos *Lusiadas*, não deverá incorrer na mesma culpa e pena de coração de ferro, e entendimento tapado. Poderosos e ricos, para vos resolverdes emfim ao milagre, tão facil, e que tantos ha-de dar de si, deixae-vos entrar da poesia uma hora sequer na vossa vida; pintae na phantasia do vosso

coração, e saboreae desde já por antegostso, as delicias que vos esperam, quando muito a miudo visitardes a vossa peregrina fundação; quando virdes aquelles commensaes, uns imberbes, outros encanecidos, todos irmãos, todos contentes, todos inspirados, todos abençoando a vossa fortuna, que fez a sua para ornamento da Patria sua e vossa. Vede-os agora, no trafego da bibliotheca ajudando-se mutuamente; agora, dispartidos pelo homizio de suas cellas, e meditando a sós; já pelo jardim conversando e aspirando flores na primavera; já no estio meditando Virgilio, ou Lamartine, ou Chateaubriand, á sombra espessa do bosque; no outono em passeios; de inverno, em leitura á roda do lume, que é passeios, bosques, e jardins, sem distracções nem cançasso.

O que ahi havereis semeado, nem vós o adivinhais. Os agradecimentos publicos vol-o dirão, quando obras d'arte esmeradissimas começarem a trasbordar e diffundir-se da vossa colmeia de espiritos: bem ufanos que vos deveis sentir, e todos vos hão-de dar razão.

Digo-vos sem lisonja: não sei qual sorte será mais para invejar: se a de taes protegidos, se a de taes protectores: elles, poderão vir a fazer *Lusiadas*; mas vós, a elles mesmos os havereis feito.

Lendo-se o que na *Chave do Enigma* lançámos de pagina 313 a 320 se verá que ainda continuâmos a afagar a nossa ideia velha.

Cada dia mais nos confirma n'ella, ainda que esperanças de a vermos realizada bem poucas nos restam já.

Advertencia dos Editores

A proposito do Doutor Antonio de Castilho, Guarda-mór da Torre do Tombo, appareceram na 1.ª edição d'este Camões umas noticias geneologicas, ampliadas depois em 1862 por uma penna muito inexperiente. Tudo isso foi refundido, correcto, e acrescentadissimo pelo nosso erudito linhagista o snr. Visconde de Sanches de Baena; mas pelas enormes dimensões que o novo estudo genealogico alcançou, não tem logar aqui, e algum dia verá a luz, acompanhado de grande copia de documentos ineditos, comprovativos do texto.

NOTA XVIII

ILHARGAS DE REIS

(Tomo 1 pag. 71, linha 18—*Ingreme é em verdade a facção a que me abalanço!*—Pag. 72, linha 31—*Heis-de ser vice-rei, senhor D. Martim.*—Pag. 87, linha 3—*Apresento-vos, senhor Luiz de Camões, a minha esposa.*—Pag. 148, linha 3—*Neste pergaminho, firmado do proprio punho d'el-Rei Catholico, meu Senhor, verá V. S.ª, senhor Camara, que S. Majestade o tem em conta de leal amigo, e como tal o preza, e lhe fará mercê continuando V. S.ª a auxiliar, como até agora, as suas traças.*—Pag. 170, linha 14—*E' o Martim de Freitas da deslealdade.*)

Não sei se me haverá Deus de tomar contas por ter levantado falsos testemunhos ao

famoso Escrivão da Puridade, Martim Gonçalves da Camara, quando o dei parcial de Castella, e inimigo solapado do Rei e do Reino. Se no dia de juizo se admittissem coarctadas, uma tenho eu que sería muito para receber; scilicet: que não foi em processo de Historia que o eu capitulei por traidor, mas só em uma fabula dramatica; genero a que nunca nenhum desalmado se lembraria de ir procurar documentos, nem para queimar em estatua, nem para canonisar a quem quer que fosse; e se, pondo-se-me réplica de que, não obstante ser em fabula dramatica, e seculos apoz, maliciosamente lhe attribui malicias, me fosse ainda consentido o treplicar, diria que em minha consciencia de jurado, á mingoa de provas directas e concludentes, havia uma quasi certeza da insigne ruindade do sujeito, e uma valente presumpção de intenções suas secretas e damnadas contra el-Rei, a corôa, e o Estado; e tudo isto, pelo que eu colhi de uma testemunha contemporanea d'elle, varão de grande fé, insigne em letras e virtudes, temente a Deus, conselheiro leal de principes, amante e zelador de sua Patria; tal é o Bispo de Silves D. Jeronymo Osorio, appellidado dos eruditos o *Cicero Portuguez*; o qual, dos dois Gonçalves da Camara, Luiz e Martim, o confessor e o ministro de D. Sebastião, fez o seu *Verres*, e o seu *Catilina*.

Peza-me não poder, para minha cabal defensa, chamar para aqui inteira a sua carta agro-doce, escrita em portuguez, e portuguezmente, ao Luiz Gonçalves, carta de tanto maior pezo, além de todas as outras

razões, quanto maior é o desabrimento com que n'ella vão açoitadas as ambições dos Jesuitas, para cuja introducção no Reino, em dias de D. João III, o mesmo Osorio certamente contribuíra.

E' a carta datada de 1570; apontarei apenas algumas phrases d'ella.

«Primeiramente Vossa Reverendissima está havido na opinião da mais gente desta terra, e ainda dos que mais salas lhe fazem, e se lhe mais submettem, por mais amigo do Mundo, e honra, do que esse habito requer; porque dizem, que quando Vossa Reverendissima se não correu de ser o primeiro da Companhia, que aceitasse por sua Pessoa os Officios publicos, e Governo da terra, e que logo ordenou as cousas, e entabolou seu Irmão mancebo, sem experiencia de Negocios, sem Authoridade, sahido das Escólas de quatro dias com mediocres letras, pobre de Conselho, com el-Rei menino, para que fôra necessario resuscitar o Conde D. Nuno Alvares Pereira, ou outro dos antigos de Portugal, ainda que não fosse mais, que por a decencia da pouca idade d'el-Rei; o qual dizem, que Vossa Reverendissima o faz homem, para não haver mister ninguem, e menino para vosso Irmão haver de fazer tudo

. . . .

«A isto se ajunta o modo de que dizem, que o Senhor Martim Gonçalves governa, izento, e absoluto, quanto nunca se vio nesta terra, nem fóra della, em homens que valêram muito, de differente idade, experiencia, prudencia, e auctoridade, e ainda por ventura em Castella no tempo de D. Alvaro de Luna; porque o menos que dizem que faz, he responder a Pessoas gravissimas, que d'isso se queixão, que não ha de consentir que el-Rei faça tal, ou tal coisa; e das que lhe percebem passa Portaria, sem el-Rei o saber, e a este tom outras taes, que de a gente lhe não saber a razão, lhe dá algumas tão abominaveis, que he medo cuidar nellas, de maneira que a lingoagem da gente mais grave he terem hum Rei captivo de dois Irmãos, que, pouco a pouco, o vão fazendo outro Rei de Ormus; tanto, que tem a mais da gente

assentado comsigo, que Vossa Reverendissima, por ter a el Rei mais seguro, lhe faz prometter Voto de Obediencia, como os da Companhia costumão a seus confessados; ....

....,.

sómente lembro a Vossa Reverendissima, que, quer a tenção sua, e do Senhor Martim Gonçalves seu Irmão, seja sustentar esta grandeza, em que a fortuna os poz, como o Mundo cuida, quer o Bem Commum, como Vossas Mercês dizem; nunca vi maior esquecimento, que tratarem as cousas de maneira, que se fação a si, e a toda a Companhia e a Pessoa de um Rei de dezasete annos, que naturalmente he amavel, os mais aborrecidos, e os mais odiosos, que quantos nunca houve em Portugal, antes nem depois de el-Rei D. Pedro o Cru; em tanto que nos lugares onde a gente de todos os Estados falla sem medo, vírão que tomarião antes ser governados por dois Turcos que os tratassem com amor, e prudencia, que do modo que agora são, e nenhum mal tamanho podia vir ao Reino, nem á Pessoa propria de El-Rei, que Nosso Senhor guarde, que não houvessem por grande dita, se com isso se houvessem de ver livres do estado em que se vêem. Nosso Senhor he testemunha, que nada acrescento á commum opinião, desejos, e praticas da mais gente, e de mais qualidade.

«¿Ora como póde Vossa Reverendissima cuidar, e o Senhor vosso Irmão, que Mando tão forçado póde durar, e que corações violentados, e tyrannizados, se podem ter muito, que não arrebentem por alguma parte? ¿ou que bem póde fazer á terra que iguale a tamanho mal? Porque, se tratão de tirar peccados, como dizem, que nunca na terra houve tantos, nem tão prejudiciaes, porque ainda que nos da carne haja por ventura menos dissolução publica (do que duvído muito) de secreto ha os que sempre houve, e que basta para condemnar as almas; e dos peccados de espirito, que não são peiores, quasi ninguem está izento; porque o aborrecimento de El-Rei he geral em todos, o odio dos que valem com elle he publico, folgar como todas as obras de males da Republica he commum, o murmurar das pessoas he infinito; e se não mande Vossa Reverendissima proguntar por esses Confessionarios, e veja quantas pessoas, e gente acha mettidas nestes peccados mortaes, e quão máo

remedio lhes sabem, nem podem dar, pois as occasiões vão crescendo cada vez mais, e não póde a desaventura chegar a este Reino a peior estado, que suspirarem lingoas (e darem animos, e lealdades Portuguezas) por Senhorio Estrangeiro, e darem razões para lhes ser melhor servir a Castella, que serem tyrannizados dos naturaes, e dizerem alto, que pouco lhes vai em dizer: *beijo as mãos*, ou *beso las manos a vuestra merced*; e escrevem-se d'isto tantas Cartas, e novas a Castella, que he medo.

«¿Pois que fará hum Reino tão pobre, e tão pequeno, faltando-lhe o amor, e lealdade dos Naturaes, e o aborrecimento de Senhor forasteiro, que fez sempre a sua principal defensão? e não se espante Vossa Reverendissima disto, porque a gente que nunca viveo senão da affabilidade do seu Rei, não póde amar hum Rei montezinho, e que não vê, nem conversa gente, de que mais se ha de servir; o que dizem que ainda que em parte venha delle ser corrido naturalmente, todavia a maior parte, dizem todos, que nasce de Vossa Reverendissima, e o Senhor vosso Irmão recearem, que se El-Rei conversar gente nobre, se affeiçôe a outrem mais do que a elles; o que affirmão os que alguma hora fallão com elle de vagar, porque certificão, que achão nelle tanta habilidade, e tanto gosto de tratar com os homens, que não póde ser senão por isto; e que se o libertassem, e lhe não dessem tanto por onças a conversação dos seus Vassallos, fôra o mais excellente Rei, e o mais amado do Mundo. ¡Oh que infelice Portugal, pois Nosso Senhor permittio ajuntar em hum mesmo Rei, sujeito para ser tão amado, e Conselho para ser tão aborrecido; natureza em que se enxerga o que sua vontade nos quiz dar, e criação, em que se visse o que nossos peccados nos puderão tirar!

. . . .

«Veja Vossa Reverendissima pelo amor de Deos, que se póde esperar, quando se virem as Cartas destas novas por toda a Christandade, quando os Mercadores de Lisboa escreverem a França, Castella, Flandes, Allemanha, Italia, e a todas as outras partes com que tem Commercio, que o Padre Luiz Gonçalves, pessoa tão abalisada, e principalmente na Companhia, e seu Irmão, feito, e criado a sua mão, houverão por menos mal perder-se de todo França,

descontentar ao Papa, aventurar a amizade de Castella, pôr as naturaes em perigo, com o desgosto dos Reis vizinhos, que arriscar hum pouco do Mando que teem, principalmente ajuntando-se a isto quão aventurado fica tambem Portugal, com não ficar na Christandade, com quem El-Rei nosso Senhor possa casar tão cedo. ¡Que credito será o da Companhia nos outros Reinos! ¡Que devação lhe terão os outros Principes! ¡Como se fiarão della, quando virem que deste Reino sahem, onde tudo se governa por ella!

«Dir-me-hão que a verdade de suas consciencias os assegura; confesso que he grandissima consolação, e que mal poderei eu crer nunca isto que a gente, destes dois Religiosos, pois de dois Turcos o não crêra, mas a huma só cousa não acho razão, nem a Vossa Mercê desculpa: ¿como se attreve o Senhor vosso Irmão mancebo, e Vossa Reverendissima mettido no seu Collegio, a tomar sobre si tamanha carga? ¿Como ousarão que El-Rei Nosso Senhor, que tão sujeito lhes está, contra parecer dos do Conselho, como Vossas Mercês só resolvessem em Negocios tão importantes? ¿Como não fizerão o possivel, para que El-Rei Nosso Senhor, chamasse os Senhores, e homens de ser que ha no Reino, ou para conceder com seus Pareceres, ou para negarem com elles, ou para serem Testemunhas, que elle só por si o negava, sem presumpção de ninguem? Materia era esta, para se hum Rei de dezasete annos resolver por si só, e para nenhuma pessoa particular, querer ser havida por Author della; porque se El Rei se resolveo com Vossas Mercês, como a gente cuida, foi grande atrevimento, não se espante do escandalo da terra; e se não forão desse parecer (como nos dizem), não sei se diga que foi grande esquecimento, não trabalharem muito de pressa por terem Companheiros, ou para effeituar, ou para Testemunhas de seus desejos. Praza a Nosso Senhor, que não seja eu falso Profeta, e não paira isto antes de muito tempo algum mal, e não fallo sem causa.

. . . .

«Faça Vossa Reverendissima por amor de Deus (pois deve ter amor a El-Rei, como quem o criou) chamar homens de que a gente tenha credito, e satisfação (que pudera apontar, porque ouço, e sei) e Authoridade diante de El Rei, e de ser, e mereci-

mentos, e parte as culpas para muitos, aventure-se o senhor seu Irmão, a valer menos, e a lançar El-Rei mão de outra gente, desbaratada, e perdida de todo, por mais merecimentos que tenha, tanto que o Senhor vosso Irmão tiver pouco gosto della, porque tudo por derradeiro, vem a resultar em odio de El-Rei, inquietação da terra, e muito maior odio de Vossas Mercês ambos. Torno a tomar a Deos por Testemunha, que não accrescento de mim, senão que digo o que o commum da gente diz, movido de zelo Christão, e do amor da patria, e por cumprir com a Caridade Christã. Não trate Vossa Reverendissima, de querer saber quem isto escreve, porque se lhe parecer bem, contentar-se-ha quem o fez com o remedio das cousas, e com rogar Vossa Reverendissima a Deos por elle; se lhe parecer mal o zelo, o disculpe, e como Deos he Author das Verdades, cuide que lhe manda dizer estas por outra Asninha, como a de Balaão. Nosso Senhor alumie a Vossa Reverendissima, e o ensine a acertar sempre.»

Quem ler na integra a carta d'onde tomei o que lido fica, já talvez me não accuse de nimio temerario pelos ditos e feitos que ao senhor Martim Gonçalves attribuí; pois até ha n'ella certas reticencias, que, devidamente interpretadas, não são pouco significativas.

Nos *Avisos do Céo*, por Luiz de Torres de Lima, obra de bastante conceito para este caso, por mui achegada aos tempos de que falamos, se lê:

«Veiu a triste nova do desbarate, e como ficava enterrado o Reino no campo de Alcacere, e morto el-Rei, e o mais acabado. Succedeu na corôa d'este Reino o Cardeal D. Henrique, filho d'el-Rei D. Manuel... Veiu logo a Lisboa onde foi levantado por Rei.......................................

..... chamou a Côrtes os tres estados do Reino....

«Elegeu a cidade de Lisboa por procurador d'ella

a Febo Muniz de Luzinhano, homem livre, e desinteressado, mas apaixonado, o qual foi Sumilher de corpus d'el-Rei D. Sebastião, e do Conselho de estado. Em tudo entrava Martim Gonçalves da Camara, e o Padre Leão Henriques da Companhia de Jezus, que todos trez rezavam *Ora pro nobis.*»

N'este tempo era já finado Luiz Gonçalves da Camara.

Quem ler, com a devida attenção e analyse, a *Deducção Chronologica*, colherá, mesmo a despeito da manifesta parcialidade do autor, uma certeza humana, das mais certas, de que todos os mais graves desastres de Portugal, n'aquella edade calamitosa, foram obra dos padres da Companhia, dos quaes o padre Luiz Gonçalves (dado que alguns interessados nol-o pintem varão de virtudes) era o mais activo e efficaz agente para os maleficios, á conta do imperio que soubera adquirir no animo e consciencia do Real Mancebo. O padre Luiz Gonçalves, já por si, já por seu damnado irmão, feitura sua, e seu braço direito, inimisou o Rei com o Reino, depois de o ter esbulhado dos conselhos dos Aleixos de Menezes, dos Peros d'Alcaçova, dos Migueis de Moura, e dos Jeronymos Osorios, e de o haver até divorciado das pessoas que mais por sangue lhe pertenciam e lhe queriam.

Elles, os dois, isto é, os Jesuitas, o desviaram do casamento, que todas as razões de estado, não só as da natureza, estavam requerendo; elles, elles provavelmente, o arremessaram ao seu suicidio, e regnicidio africano (é opinião de escriptores graves e do chronista D. Manuel de Meneses). Sinto

que os racionaes limites de uma nota me tolham adduzir o que na mesma *Deducção Chronologica* se allega, e documentalmente se prova, em particular contra Martim. Aos leitores duros de convencer, supplico eu se dêem ao trabalho de a compulsar.

Agora, para attenuar alguma extranheza que podesse excitar o ambicioso soliloquio d'este mesmo Martim na abertura do acto segundo, oiçamos o que escreveu o abbade de Sever no tomo III das suas *Memorias para o reinado de D. Sebastião*, cap. XXVII, falando da primeira sahida d'el-Rei para Africa (o que o valido então era, é o mesmo que o vemos ser aqui n'esta segunda e ultima jornada do Soberano):

«O despotico imperio, que na vontade d'elRey tinha Martim Gonçalves da Camara, lhe promettia que fosse eleito Governador do Reyno na sua ausencia; porém vendo nomeado para esta incumbencia ao Cardeal D. Henrique, lhe pareceo ser injurioso á sua pessoa sujeitarse a outrem que não fosse ElRei. Estimulado deste altivo pensamento, se retirou para o Convento de S. Domingos de Bemfica, distante meya legoa de Lisboa, de cuja resolução se escandalisou com excesso o Cardeal, considerando como atrevimento o querer medirse com elle Martim Gonçalves, taõ differente por nascimento, como pela dignidade, de que se seguio nunca mais ser aceito ao Cardeal, assim no tempo que governou pela ausencia de seu sobrinho, como depois quando cingiu a Coroa desta Monarchia.

Finalmente, o mesmo Diogo Barbosa Machado, e na mesma obra, tom. IV, cap. II, diz:

«A insolente arrogancia com que Martim Gonçalves da Camara affectava o dominio que tinha sobre

a vontade d'el-Rei, foi a causa fatal do seu precipicio.................. etc.»

Aqui porém, que já se lá vai o drama, e com elle a licença de inverter uns factos e suppôr outros, convem notar, em abono da Historia, que a regencia do Reino, pela sahida d'el-Rei, não ficou ao Cardeal, mas sim a uma Junta composta de D. Jorge de Almeida, Arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá, senhor de Mattosinhos, D. João de Mascarenhas, e Pedro de Alcaçova Carneiro, com a assistencia de Miguel de Moura, Secretario do Reino; após a qual Junta, e só depois de sabido e provado o tragico fim do Real temerario, é que seu tio consentiu em submetter os hombros velhos á grande carga; portanto, quando o nosso Martim no theatro se queixa de lhe *preferirem um Cardeal D. Henrique,* fala como o Martim da Historia falava na conjuntura da primeira expedição; o que até certo ponto me pareceu permissivel, pois que a regencia, presupposto o perdimento d'el-Rei, não era mais que uma pequena transição do reinado do Sobrinho para o do Tio.

Accresce que, até quasi ás vesperas do ultimo embarque para Africa, continuaram as diligencias de D. Sebastião para que o Cardeal ficasse Governador. Portanto, o suppôr Martim que de feito o ficaria, nada tem de inverosimil; assim como para um velhaco e ambicioso do seu lote, nada mais natural que julgar que as recusações do velho não eram sinceras. Por derradeiro, eu não de-

fendo; unicamente explico o que fiz, ou desejei fazer.

A'cerca do trama em favor de Castella, ninguem ignora que essa ideia da juncção das duas corôas, arteiramente fomentada pelo Governo castelhano, tinha já então partidarios em Portugal; o entrecho dramatico pedia-me que fosse Martim Gonçalves um d'elles; fil-o; o sujeito pareceu-me mui azado para n'elle assentarem traições.

Para condimento a esta nota, que não podia deixar de ser sêcca e dessaborosa, venha por ultimo o que o meu amigo o snr. Garrett pôz no canto VI do seu *Camões:*

O sceptro de Manuel nas mãos já debeis
de Joanne[1] começado a desdoirar-se
do esmalte das victorias, e triumphos,
de que tanta virtude o adereçára;
o sceptro, que nas mãos d'outro Joanne[2]
que ensinou a ser Reis os Reis do mundo,
fôra vara de lei, e de justiça,
fiel de liberdade bem pesada
na balança de publica ventura;
ora na dextra de inexperto joven
vergado a maus conselhos, vacillante
por meneio imprudente, mal dirige
a machina do estado, que parece
mover-se ainda pelo antigo impulso
de melhor regedor. O astro de Lysia
do zenith de sua gloria descrevia
curva affrontosa a miserando occaso,
que de Alcacer nas torridas areias
erros, crimes, traições lhe estão minando.

Reinava Sebastião.—Se ânimo nobre,
se valentia, amor de fama e d'honra,
bastára a fazer Reis, fôra um Rei esse;

[1] D. João III.
[2] D. João II.

mas... Sebastião reinava. Mal dormido
sobre os avitos loiros já corrêra
a segar palmas na africana terra,
que de nossas conquistas e victorias
berço fatal ha sido e sepultura.
Do primeiro triunfo embriagado,
cuidou já da fortuna a varia roda
ter fixada co'a espada de mancebo.
Armas, pelejas, e victorias sonha;
e emtanto sobre as ondas mal seguras
voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Em suas íras, de flagello aos povos,
um Rei conquistador lhes manda o Eterno.
Avidas mãos do leme abandonado
validos travam, não a endereçal-o
para o rumo perdido, mas cubiça
treda que os move, a syrtes, a naufragios
desarvorada a nau presto arremessa.
Liga fatal de sangue, e de maldades
unira os dois irmãos, que astutas manhas
do animo real apoderaram.
Fanatico Luiz, Martim vaidoso,
ambos de oiro, e de mando insaciaveis,
hypocritas os dois, iguaes na astucia,
entre o joven monarcha, e entre o seu povo,
entre o chefe, e a nação, ardua barreira
de impostura e traições alevantavam.

Do Escurial a onça refalsada,
co'a raposa do astuto Vaticano,
os negros fios da ambição urdiam.
Que por mãos de vendidos conselheiros [1]
em labyrinto escuro enrevezavam
os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio mal sofrido
da nobreza leal o escaço resto,
que do antigo despejo lusitano
os francos sentimentos conservava.»

Tenho por escusado advertir que o casamento de Martim Gonçalves com D. Caterina

[1] Allusão ás machinações de Jesuitas

de Ataide é mera ficção, ficção exigida, e portanto justificada, pela conveniencia dramatica. Se me extranhassem o apparecer a Rainha D. Caterina medianeira e fautora d'este consorcio, por se saber quão avessas vontades eram as de Martim Gonçalves e a sua, responderia que antes d'essas inimizades houvera entre ella e elle, ou entre ella e os Jesuitas, que vale o mesmo, muito boa paz e concorde viver.

NOTA XIX

AFORISMOS PARA REINANTES

Tomo I pag. 144 linha 15—*A ti quero, meu poeta, para guia e esforçador; que assaz em teus versos mostraste ser cabal para dizer verdades atrevidas.*

Aforismos mais guapos para reinantes não os ha, que esses que a Rainha D. Caterina, viuva de D. João III, presentou a seu neto, D. Sebastião, na vespera d'este assumir o governo, e os que o mesmo D. Sebastião deixou escritos no seu memorial, e que, segundo n'outra nota já tocámos, poderiam haver sido em parte suggeridos pela carta do poeta Ferreira. Fénelon, em todo o seu *Telémaco* não metteu mais nem melhor doutrina que esta; val a pena de se ler na *Chronica* do mesmo Rei, por D. Manuel de Meneses. Quando bem se hajam meditado esses aforismos, e se recordar tudo que o grande juizo de Camões pelo discurso do seu poema foi prégando a senhores e principes, então se comprehenderá e apreciará melhor o espirito d'esta scena X. do acto 3.º.

NOTA XX

OS ULTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES

(NOTA NOVA NA SEGUNDA EDIÇÃO)

Não posso dar maior opulencia a esta collecção de notas, do que introduzindo n'ellas um magnifico trecho poetico, *Os ultimos momentos de Camões*, genialmente vertido do italiano de Leone Fortis, e verdadeiramente originalisado portuguez, pelo nosso Mendes Leal.

Ignoro quando fosse composto e publicado o mui notavel trecho do veneziano. Julgo-o todavia posterior ao meu *Camões*, e mesmo ao dos snrs. Perrot e Du Mesnil. O que sei é que eu nem sequer sonhava a existencia de semelhantes paginas, antes do dia em que Madame Ristori nol-as fez applaudir no nosso theatro.

Mas a questão de precedencias, de encontros, ou de originalidades, não vem para aqui.

Para melhor apreciação dos versos que os leitores vão admirar, não os desacompanharei da luminosa advertencia que o traductor lhes antepoz:

«Com este titulo de *Ultimos momentos de Camões* foi-me apresentado pela insigne tragica, Madame Ristori, um pequeno poema dramatico, do veneziano Leone Fortis, segundo todas as probabilidades fragmento de obra mais complicada, se não mais importante. Procurava-se um traductor, não apparecia;

instava o tempo, faltava pouco mais de quarenta e oito horas: tomei sobre mim o empenho.

«O poema havia de ser recitado em dia improrogavel. No praso designado estava prompto. Fez-se d'isso, em horas tambem, uma edição pequena e informe, que assim mesmo foi um milagre. Póde ahi confrontar-se o poema italiano e o poema portuguez.

«Nunca julguei toleraveis as traducções de verso para prosa. É verter duas vezes, e ambas mal; ou, antes, não é verter, é perverter.

«¡Para maior obrigação de poesia, era o protagonista do poema *um poeta!* ¡Para maior devoção de portuguez, era o nome do poeta *Camões!* ¿Quem havia de ter alma de dilluir esta homenagem ao talento —e ao talento nacional—em periodos desenxabidos, que ficariam por força trivialidades ou semsaborias ?

«Eis a historia succinta d'esta versão.

«Agora algumas palavras ácerca do poema original, que é o meu intento.

«Os tres personagens—Camões, D. Catharina de Ataíde, e o Jáu — são, afóra alguns lineamentos geraes, puras fantasias. É um poema conformado por molde já visto e um pouco banal: uma mulher inspirada de idéas generosas, exaltada da paixão reprimida; um confidente vulgar e sentencioso. Nenhum d'estes caracteres tem grandes novidades. Falta em cada uma das figuras, bellas, mas de uma belleza commum, a verdade historica — mais: a verdade nacional.

Não me refiro ao anachronismo da entrada dos Castelhanos; os anachronismos são admissiveis n'estas composições, quando d'elles resultam grandes effeitos. A verdade de que falo não consiste na servil obediencia ao kalendario e á chronica; deve transluzir no *sentimento* profundo de uma época; e é a ausencia de tal sentimento que se nota.

«Vai longe, muito longe, da monja enthusiasta á Natercia olvidosa, e do Jáu discreteador ao escravo asiatico. O poeta soldado póde ser de todos os paizes: não se lhe vê o cunho de uma individualidade poderosa.

«A realidade, creio, seria bem mais dramatica do que tal ficção. Se eu ousasse tratar o assumpto, preferia-a.

«Tudo isto senti trasladando o poema. Mas era, e cumpria que só fosse, traductor. Cingi-me pois escrupulosamente ao pensamento do original. Substitui apenas por expressões mais genericas algumas designações inutil e flagrantemente oppostas aos factos conhecidos. Cuidei tambem em dar mais propriedade, energia e vigor á imagem e á phrase, quando me pareceu que uma ou outra afrouxava ou se desmandava.

«A poesia italiana, e sobre tudo a poesia dramatica moderna, admitte liberdades, que para a nossa importam defeitos. A divisão dos periodos, a incisão, o movimento metrico, são coisas quasi exclusivamente subordinadas ás conveniencias da declamação. Comprehende-se que seja assim n'uma lingua flexibilissima, em que a suavidade melódica das desinencias basta para supprir os rigores rythmicos.

«Não é o mesmo o verso portuguez, especialmente o verso solto, que só merece a qualificação de verso quando é cheio, expressivo, cadente, e majestoso. Carece para isso de esmerar a distribuição das locuções, graduando na collocação a nobreza dos conceitos, e fugindo com grande cuidado ás disjuncções abruptas da phrase.

«Indíco estas condições para dizer que procurei satisfazer-lhes. Se o consegui, cabe ao leitor julgal-o. Servirá tambem para os que pensam que isto de poesia não é mais do que enfileirar as linhas e casar as rimas, ás vezes com escandalo da grammatica.

«O autor do poema inculca imaginação fogosa, frequentemente desregrada. A verdadeira sensibilidade não abunda. A imitação de affectos convencionaes predomina. E' antes um reflexo brilhante, do que uma concepção feliz. O que mais naturalmente respira é a impaciencia e o odio á dominação estrangeira.

«¡Se é veneziano!

«Basta para inspirar sympathia. Traz-nos demais a sua obra páreas remotas—e páreas bem significativas—a uma gloria que nos compendia outras muitas.

«¡Quanto póde a fraternidade intellectual! ¡Quem diria, ha tres seculos, que a orgulhosa Veneza, desapossada pelo Gama do imperio do Oriente, cantaria hoje o cantor do grande Almirante!

«Acreditei que, ao menos pela singularidade, não seria absolutamente inutil vulgarisar entre nós tal commemoração, e tal testemunho.»

OS ULTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES

Pobre e desnudo aposento no hospital de Lisboa. A um dos angulo janella d'onde se avista o porto e parte da cidade. Saída ao fundo, e por cima da porta escrito o n.º 10. N'outro angulo um estrado coberto com uma pelle de tigre. Á direita um genuflexorio diante de uma Imagem. A' esquerda meza e escabello. Poucas cadeiras guarnecem a scena. Vai declinando o dia.

SCENA I

CAMÕES E ANTONIO

Camões, *sentado á meza, como quem escreve.* **Antonio** *encruzado sobre a pelle de tigre.* **Camões**, *arremeça a penna e comprime a fronte.*

¡Ai! ¡nada aqui, mais nada! ¡Em vão te agito,
cinza soberba d'um pensar grandioso,
que, audaz outr'ora, se inflammava em gloria,
e a luz e a chamma diffundia ao mundo!...
¡Em vão te agito, em vão, para extrahir-te
uma extrema faisca!... ¡E' fogo extinto
sob os gelos da angustia!... E eu fiquei vivo
para ver-me cadaver... ¡N'este peito
só tenho coração, se o tenho ainda,
para em fel se embeber, turgir-se de ira!...
(Com impeto cada vez maior)
Está cheio, e trasborda, e já não cabe
n'este invólucro fragil, todavia
tão pertinaz e rijo! .. ¡Ai! ¡bate, pulsa
outra vez, coração d'um moribundo,
pulsa, irrompe, e o teu carcere rebenta!
(Antonio ergue-se, e chega-se a Camões, que se levanta amparado por elle, e vem á frente da scena)
Maldito seja o dia em que imprudente
com ousada avidez fitei meus olhos
no amplo espaço, e nos mysticos arcanos

do ceo, do mar, da natureza immensa,
multiplice e infinita...
(*Com paixão*)
em que arrobado
os repoisei, extactico scismando,
no branco rosto de gentil donzella...
em que, na rotação fatal dos astros,
no anhélito do oceano, que suspira
ao seu nocturno enlevo, nos robustos
e longos, longos frémitos da terra,
no casto e senhoril pallor femineo,
o amor adivinhei!... ¡Amor!... ¡Ai! ¡triste!
¿amor, disse eu?... ¡O amor!... ¡Essa palavra,
em minh'alma sedenta fecundada,
foi a primeira que ensaiei na lyra,
do canto juvenil nota primeira!
Estremeci de jubilo e de orgulho
quando fugaz um ecco d'esse canto,
volvendo a mim das auras impellido,
me toou:—¡«Sê poeta!»—
(*Amargamente*)
¡Infausto arrojo
do verdor de taes annos! ¡Eia! agora
dos loucos sonhos teus exulta, ¡ó louco!
¿Acaso a gloria não pediste?
(*Indicando com o gesto as paredes nuas do aposento*)
¿Acaso
este o templo não é que lhe sonhaste?
os espinhos da c'roa astringe á fronte,
¡soffre calado... e morre!

Antonio (*brandamente*)
Aos teus pezares
dá tregoas, ó poeta. O Ceo clemente
deu-te um goso immortal vedado ás turbas,
ignotas alegrias, sacras prendas,
e co'as prendas uma alma digna d'ellas.

Camões (*interrompendo-o*)
Emmudeceu, Antonio, e para sempre,
esta alma de poeta. Um só affecto,
um só, sublime e horrifico e divino,
d'essa alma foi a lampada votiva:

no assolado recinto jazem tristes
¡a lampada sem luz, o altar por terra!
(Como enlevando-se nas suas lembranças)
¡Ai! ¡Catharina! ¡pensei eu que um dia,
a teus pés inclinando lyra e espada,
me acclamasses, altiva dos meus feitos,
guerreiro teu e teu poeta!... Anciava
de meus loiros ornar-te a negra trança,
e mais brilhantes ver os meus triumphos
fulgindo-me em teus olhos!..
(Quasi em delirio)
Com taes sonhos,
com estes sonhos férvidos, volvia
ao Reino, ao berço meu, ao patrio Tejo,
e ao seu porto coalhado de galéras
sob um ceo de saphyras cravejado;
¡e voava anhelando já rever-te,
e ébrio de amor ao coração cingir-te!...
¡cingir-te ao coração!...
(Desesperadamente)
Procuro embalde
a cova em que descanças, para, ao menos,
em cima lhe poisar convulsa a fronte,
e sobre ella pedir a paz á morte.
¿Que me valeu bradar por essas praças:
—«Camões sou; ¡sou Camões! O' Portuguezes,
«se invejados vos torno do universo,
«se vos hei dado a gloria, dae-me a campa,
«dae-me em troca uma campa, uma sómente,
«a sua campa, a campa em que ella dorme;
«e nada mais vos peço!...»—
(Ironicamente)
Olha esse louco!—
—D'onde vem?—Que nos quer?—Camões!—
Que nome!—
—Que extranho nome!—Ao hospital com elle!...
Maldito o engenho meu!...

(Serenando gradualmente)

Deus, perdoae-me!
perdoae, que deliro. Imperscrutaveis
são teus sacros designios. Eu te adoro
de joelhos, Senhor; e reverente
este alto don do meu martyrio acceito;
e acceito-o bemdizendo-o; e firme espero

leval-o ao cabo sem orgulho insano,
sem vil fragilidade!
(*Com abatimento*)
¡Oh! ¡quanto sofro!
¡Ai! ¡que a dor das feridas se exacerba!
Que destinais, ó Deus, do tronco exhausto
que o tempo devastou, que o tufão bravo
das paixões estorceu, e que só dura
para attestar o turbilhão e o raio?
Dae-me a paz, Deus potente: mereci-a.

Antonio

Por pouco está, que já nos vem chegando
a hora do descanbo. Este deserto
juntos vadeámos. Mal nos faltam breves
do adusto areal os cómoros extremos:
é só transpol-os; e estendemos juntos
os membros de fadiga quebrantados
no abençoado oásis do sepulcro.

Camões (*alvoroçado*)

¡O sepulcro! . . ¡Ai! benefica palavra! . . .
Não foi dos homens invenção a morte.
Se o fosse, fôra tétrica e medonha.
Veio, ¡oh! veio do ceo, e o ceo lhe aggrega
tamanho alivio, tão cabal conforto,
¡que o não tira, nem dá, ninguem na terra! . . .
¡oh! ¡se a morte viesse! . . , Tarde chega . . .
Não. . . chega já. . . ¡Celestial piedade,
reconheço-te grato! . . . ¡Oh! patria minha,
teu cantor vai morrer, morre osculando
da tua viuvez as santas vestes. . .
(*Irado*)
antes que a mão do Castelhano as rasgue,
e te desnude o corpo immaculado;
antes que a regia coma ouse empolgar-te
rojando-te no pó entre os escombros;
antes. . . .
(*Delirante*)
¡Os Castelhanos!. . . São. . Repara. . .
Eil-os já. . . ¿dos clarins o som não ouves?. . .
O amado som não é, que tantas vezes
ao campo me chamou . . .
(*Irradiando-lhe o enthusiasmo no rosto*)
Então cingia,

todo alvoroço, o cossolete e o elmo,
e o meu fero ginete cavalgando
á carreira o incitava com meus cantos;
pulava-me elle vallas e silvados,
e no ardente relincho respondia.
Denso em torno chovia o sibilante
granizo dos pelouros, e toldado
eurubescia o ar...

(*Transportado e imaginando-se na batalha*)

Galga-se o fosso,
as tranqueiras são pó... Eis o estandarte
ali... ali... ¡ ávante Portuguezes!...
E eu escalava os disputados muros
do bastião, primeiro entre os primeiros;
e a minha espada ao sol relampeava
com terrivel fulgor brandida em volta...
Rugidos, e blasphemias, e soluços,
e as preces da agonia, e os ais da morte,
e em rumas os cadaveres disformes...
No feroz vendaval, ondas sobre ondas
d'infantes e ginetes se arremettem,
se encontram, se entrechocam, se dispartem,
se reunem, se investem, se anniquilam...
Na confusa voragem revolvidos,
cavalleiro e cavallo vão fogosos
aspirando os effluvios da batalha...
Portuguezes clarins, ¡ eu vos saúdo!
Sacrosanto pendão de minha Patria,
a ti me curvo...

(*Dobra o joelho; depois ergue-se horrorisado*)

Em pé, Camões...
Esses sons, essas hostes, são, poeta,
os clarins do invasor, de Hespanha as signas...
¿ A que vindes, soldados de Filippe?...
Que se erga e que me siga quem tem inda
portuguez coração...

(*Com exaltação a Antonio*)

A minha espada,
a minha espada, Antonio. Em continente
quero a espada e o corsel.

(*Em tom de commando como se falasse aos guerreiros*)

Em riste as lanças;
os mosquetes ao rosto. Eia, a meu lado
as filas apertae... Rompa se em cheio

como a ira de Deus sobre os contrarios !
co'o ferro, o braço, e a vista os dissipemos ! . . .
(*Suffocado de alegria*)
¡A galope ! ¡a galope !
(*Volvendo atraz como se topára alguem*)
¿Quem és, dize,
tu, que fero ante mim na pugna surges,
mercenario de Hespanha ? N'alma sinto
que mais te odeio, e mais rancor me infundes
do que franco inimigo em campo aberto.
¡E' tal este rancor, que sequioso
me faz do sangue teu ! ¡Mal te suspeito ! . . .
Mas o olhar . . . o satánico sorriso . . .
(*Toma-lhe gradualmente a physionomia uma terrivel expressão de odio: prorompe n'um grito*)
E' elle . . . és tu . . . Camões te encontra, ¿entendes?
Este nome te sôa a hora extrema
em dobre funeral ! Fugir não pódes . . .
escutar-me é forçoso . . . Houve uma dama,
que me foi anjo e amor e lyra e gloria ! . . .
A um mercado de infamia a constrangeste,
manchaste o anjo, e a lyra me partiste.
Truão outr'ora me chamaste, ¿sabes ?
hoje, aqui, o destino... a Providencia..,
o fidalgo e o truão põe frente e frente !
Teu juiz ora sou ..
(*Com gesto solemne*)
¿Vês iracundos
os espectros dos miseros, que á morte
co'a nefanda traição votaste, ó Judas ?
¿Não vês ao longe, em regiões infestas,
branquejarem seus ossos insepultos ?
¿Não vês surgindo as sombras dos valentes
a quem foi, além mar, sudario horrendo
a movediça areia dos desertos ?
¡Attenta n'esse, que te arroja ás faces
o sangue nas feridas coagulado !
E' D. Sebastião, o Rei Mancebo,
o nosso Rei, sedento de altos feitos,
que o nobre coração te abria crente.
Trahiste-o, vil, e astuto o compelliste
á louca audacia d'uma guerra injusta,
por que a lei santa não se impõe co'as armas!...
A cruz de Christo mancha-se no sangue,
e nos odios se afeia, que blasphemam

o verbo todo amor! .. ¡Malditas sejam
d'Alcacere as planicies, oh! malditas!

(*Como dirigindo-se novamente ao personagem que julga ver*)

A's tuas ambições degrau fizeste
dos fraternos cadaveres. Sem pejo
em sordido leilão vendeste a patria
de Castella aos sicarios... Judas, basta.
De tantas ignominias Deus confia
ao braço do truão a desaffronta!...
Cortezão, potentado, em punho o ferro.
Vamos... vamos... cruzemol-os...

(*Como attonito*)

¿Que é isto?
¡Em pedaços a lamina já rota!...
¡Oh! ¡como torna a divinal justiça
debil e fraca d'um traidor a espada!
Ahi... no pó... no lodo... Emfim consigo
sob o curvo joelho comprimir-te.
Vivi por este instante .. alcanço-o... E' muito...
¡oh! jubilo excessivo... ¡Ai! desfalleço...

(*Cai nos braços de Antonio, que o vai sentar n'uma cadeira com piedoso desvelo. Diminue gradualmente a irritação febril que o exaltava, as feições retomam a anterior tranquilidade, e fica adormecido n'um como placido esvaimento.*)

Antonio

Desfez-se emfim o temporal. Foi longo,
foi pavoroso o embate...

(*Dobrando o joelho em terra*)

Deus, que levas
a salvamento o naufrago, acoçado
das procellas do oceano, ¡oh! Deus, condoe-te
d'este cançado naufrago da vida.
Ao porto o acolhe, aquelle eterno porto,
onde as ondas se quebram da procella,
e em paz sem fim os ventos adormecem.

SCENA II

CATHARINA E OS DITOS

Catharina, *com o habito de religiosa, tem apparecido á porta do fundo, onde ouve as ultimas palavras de* Antonio.

Catharin

¡Deus vos oiça!

Antonio

¿Quem é?
(*Vendo a religiosa*)
E' já tarde
a piedosa visita. Entrae. Bemvindas
sois á triste mansão, vós, generosas
confortadoras do mortal trajecto,
que o branco veo pendeis no travesseiro
do agonisante. Aqui é bem preciso
esse conforto angelico. Foi grande,
grande a dor que o prostrou. Além repoisa
qual palmeira do raio visitada.
Vel-o podeis, irman.

Catharina (*acercando-se apaixonadamente de Camões, fitando-o, depois recuando aterrada, e como se augustiosamente fallasse comsigo*)

¡Oh! Deus tremendo!
¡Quão demudado está! Ai! que sómente
pode o meu coração reconhecel-o! . . .
¡Frio suor lhe escorre a fronte! Os olhos
nas orbitas se encovam . . . ¡Lasso e oppresso
lhe arfa o peito! . . .
(*Desesperadamente*)
O regelo este é da morte;
é da morte o estertor . . . . . .
(*Com um grito*)
Camões!

Antonio (*interrompendo-a*)

¡Silencio
Pois que sabeis seu nome, sepultae-o
no coração bem fundo, irman. Se o ecco

o repetisse ao moribundo, ¡ai d'elle!
esquecido, esquecendo, quer ao menos
cerrar em paz seus olhos, sem lembranças
das grandezas, da altura luminosa,
d'onde a dor e a miseria o despenharam
nas trevas d'este abismo.

Catharina (*com enthusiasmo*)

Não: ¡que viva!...
¡Poeta, has-de viver!...

Antonio

¡Funesto augurio!
¿Para quê? Não tem já no mundo allivio.
Tel-o não póde. É-lhe esta terra esteril,
lugubre e muda, esqualida e deserta.
Os amigos, os raros, viu-os mortos
nas plagas africanas a seu lado,
e entre sombras, como ellas ficou sombra.
Volvendo á sua esplendida Lisboa,
achou-lhe o claro ceo fusco de nuvens,
e os cautos habitantes clausurados,
segredando a tremer tremulas phrases.
Se o nome illustre sussurrava algures,
dava apenas signal de conhecel-o
um aperto de mão secreto e longo,
um truncado suspiro, e a medo e a furto
alguma voz submissa murmurando:
—«Foge, foge, Camões, ao solo infesto.
O cantor dos *Lusiadas* não acha,
não póde achar abrigo nem guarida
entre os vendidos servos de Philippe.»—
E elle anciava fugir, afim de livre
no livre canto fulminar traidores,
preparando co'as iras a vingança...
¡Nem fugir poude!... Enfermo e mendicante,
soffreu... tudo soffreu... tudo... ¡até fome!...

(*Horrorisado*)
¡a fome! ¿ouvis?

(*Cobre o rosto com as mãos: depois descobre-o, e fita-a*).

¿Chorais? ¿Chorastes?

Catharina

Chóro,
mas não chóro por elle, que na fronte,
na augusta fronte cinge santamente
a aureola do martyrio, illuminando
a pobre estancia co'o esplendor da gloria;
e do triste refugio onde se esconde
o templo faz o monumento e o solio,
ante o qual hão-de vir ajolhar-se
as gerações e os seculos...
(*Com paixão*)
Pranteio
essa, que o grão cantor estremecia
d'um affecto sem mancha e sem limite,
a quem por dita coube tomar parte
no audaz scismar, nos agros desenganos
d'aquelle altivo espirito, e apontar-lhe,
nas horas em que a duvida lacera,
o Deus que tem os evos por ministros
das rigidas justiças...

Antonio (*interrompendo-a*)

Essa dama
não recordeis. Amou Camões, e poude,
¡poude esquecel-o! ¡Um mimo tão precioso
do ceo desconheceu!... Deplora-a elle
ha muito extincta... ¡Oh! ¡lagrimas baldadas!...
ella vive.

Catharina (*com força*)

¡E que vida! ¿Acaso a sabes?
¿Sabes tu—tu que a julgas—quaes tormentos
o coração convulso lhe espedaçam?
(*Em tom profundo*)
Disseste-o: vive; vive, sim; mas viva,
n'um tumulo os perversos a encerraram.
Com tal calumnia, Antonio, não n'a opprimas.
(*Levanta o veo*)

Antonio (*maravilhado*)

¡Tão alta dama aqui!

Catharina

Aqui só entra
do sagrado Sepulcro, irmão, a monja.

Esposa sou de Christo, e não receio
profanar-me no affecto casto e puro,
que o espirito engrandece. Longamente,
no desastre de Alcacer crendo-o morto,
tambem eu o chorei. Abençoava
a divina clemencia, que me abríra
ás memorias e aos prantos santo asylo
na sombra do mosteiro. Hoje, sentada
á solitaria adufa, a vista errante
espairecia em poz de solta nuvem,
em quanto para mim rememorava
um triste canto seu. Baixando os olhos
vi-te, vivo, em Lisboa, Antonio—«¡Vive!
¡elle vive tambem! ¡volveu á patria!»
disse commigo... e arrojo-me, e atravesso
os claustros, a ampla escada e os atrios amplos...
Detem-me o passo imperioso acêno...
¡Embalde! ¡embalde!... ¡livre está minh'alma!...
Meus thesoiros e joias com mão larga
profusamente espalho... As fataes portas
descerram-se por fim... indago, e corro,
(*Com paixão*)
¡e aqui venho... aqui estou!

Antonio

Perdão, senhora,
da acerba e injusta queixa vos supplico.
Pois que a parte melhor da sua vida
hoje lhe torna, ha-de tornar-lhe a esp'rança.

Camões (*sonhando*)

¡Oh! ¡Catharina!

Antonio (*a Catharina*)

¿Ouvis? Inda vos chama.
Esperava por vós.

Catharina (*com impeto*)

¡Eis-me a teu lado,
Camões!

Camões (*ainda mal desperto*)

¿Que voz é ésta? ¿Quem me busca?
(*Volta-se. Catharina abaixa o veo, e encosta-se-lhe ás espaldas da cadeira. Antonio inclina-se para elle. Camões observa attonito.*)

¿Estavas só, Antonio ?... ¡Oh ! ¡sonhos gratos !...
A amada voz, tão intima d'esta alma,
n'alma escutava...
(*Irado*)
E ousaste despertar-me...
¿por que me despertaste?... ¿Pois não vias
que em tal penar conforto me era o sonho?...
Responde: ¿estavas só?

Antonio (*hesitando*)

Só não estava.

Catharina (*affectuosamente*)

Ao ceo pedindo a paz e o lenitivo,
por vós férvida orava junto d'elle
do sargado Sepulcro a irman.

Camões

Piedosa
e bem piedosa foste. Deus vos pague.
¡Oh! falae-me outra vez. As vossas falas
no coração profundas se me entranham.
Um doce, desusado sobresalto,
por suas mortas fibras se propaga,
e o torna aos melancolicos enleios,
mysterio virginal da flor dos annos.
Este peso terrivel de ira e tedio
desejo, irman, desafogar comvosco
discorrendo com Deus.
(*A Antonio*)
Deixa-me, Antonio,
com ella a sós.

Antonio (*comsigo*)

¡Senhor, tornae-o forte
para os jubilos, como nos trabalhos!
(*Sai*)

SCENA III

CATHARINA E CAMÕES

Catharina (*comsigo*)

Eis o instante supremo. Aqui te espera,
meu pobre coração fraco e indefezo,

um combate mortal. ¡Ai se o não vences!
¿Mas que posso temer? ¿Que temo? Nada:
eu Catharina sou; Camões é elle.
(*Appoxima-se a Camões, e encosta se-lhe novamente às espaldas da cadeira*)

Camões (*depois de meditar*)

¿Sabeis vós o que seja a adversidade,
irman?

Catharina (*com inspiração*)

É dos magnanimos escóla,
aza do genio, prova formidavel
que os vulgares espiritos derranca,
e os grandes retempéra.

Camões (*com progressiva dor*)

¿Em vossos olhos
os prantos já de todo se estancaram?
¿do desengano o halito invernoso
já, flor a flor, vos esfolhou na fronte
o jucundo festão das esperanças?
¿Acaso já terrivel amargastes
da virtude modesta e desventura,
a vergonha do genio, e, gelo d'alma,
a solidão do amor?
(*Amargamente*)

¡Ai! já bradastes
em momentos de angustia e horror:—«Mentira,
virtude, genio, amor... mentira é tudo!»
¡Quem n'isso crê, delira!

Catharina (*com enthusiasmo*)

¡Oh! ¡não! Cá dentro
jamais a fé me desmaiou. Mais forte,
maior m'a fez a dor...
(*Mudando de tom*)

E todavia
muito soffri tambem, e chorei muito,
e foram essas lagrimas acerbás
as que travam mais fel, as derradeiras;
sulco profundo me rasgaram ellas
pelas faces ardentes, convertendo
em pedra os olhos meus...
(*Com força*)

¡Mas não, minh'alma!

¡No futuro acredito, que desdobra
já sobre ti as azas espaçosas,
e te sorri, e o seu Camões te chama!

Camões (*impetuosamente*)

É falso... Não: Camões não sou... repara.
Escrito vê meu nome n'essa porta.
Quem sou verás... o DEZ... ¡um traço e um zero!...
¡Aqui um homem já não vale um ente;
vale... uma coisa: contam-n-a!

Catharina

Poeta,
¡volve a ti! D'esse espirito sublime
a egregia claridade não deslustres
na imprecação feminea que te abate.
Cede ao vento haste humilde; o roble altivo
o vento affronta e fica. A Providencia
não baldada te deu alma de vate,
ânimo invicto, um estro fulgurante,
e livre e forte o pensamento ousado.
Campeões do porvir o Eterno fada
os seus poetas. Dá-lhes do perigo
o posto honroso, porque a luta é grave.
¡Vil quem d'elle deserta, e as armas larga,
e com trémula mão indigno esconde
o sello divinal que tem no rosto!
¿Queres tu desertar, cantor do Gama?
Desappareça o homem com seus males,
com as suas fraquezas e terrores.
co'a dubia contricção, e as baixas iras,
co'a incerta crença, e os votos inconstantes,
(*Com enthusiasmo*)
¡e surja emfim Camões!

Camões (*cuja physionomia se tem ido gradualmente illuminando ao ouvir as palavras de Catharina erguendo-se firme, com os olhos fitos no ceo*)

¡E surge! ¡Longe,
longe de mim, covardes desatinos!
(*Voltando-se para Catharina*)
¿E tu quem és? ¿Quem és que assim me falas?
Córar Camões fizeste. A vez primeira
(*Comsigo*)
hoje córei com pejo de mim mesmo.

(*De novo a Catharina*)
D'um longo e ferreo somno me acordaram
essas nobres palavras. Á minha alma
desceram como doce melodia,
grata nuncia de paz, e pouco a pouco
a vão purificando d'estes odios,
por tantos, tantos annos condensados!...
¿Tu quem ès? ¡essa voz, irman, conheço!...
(*Exaltado*)
¿Terá meu pranto commovido a morte?
¿És tu... dize me, és tu?...
(*Abatido*)
Não, não, que a lousa
o que encerrou não restitue.

Cathrina (*extremamente commovida, cobre o rosto com as mãos, e chora*)

Camões (*proseguindo*)

¿Tu choras?
Minha irman, obrigado.

Catharina

Compadeço
a chaga horrenda, que te gasta a vida.

Camões

Bem chaga, e bem horrenda... ¡é pavorosa!
Ouve: amar n'este mundo affirmam todos. .
¡Torpe jacancia! ¡Fabula impudente!...
não n-os creias, irman, ¡oh! ¡não n-os creias!...
O verdadeiro amor é tal mysterio,
tão divino, que a poucos escolhidos
em seu cabal poder fulgura inteiro;
poucos teem vista que lhe fite o disco
ethereo e deslumbrante...
(*Com exaltação*)
¡Quem confunde
o relampago, e o raio, não entende
a linguagem de Deus!

Catharina (*con enthusiasmo*)

¡Quem vê sómente
no sulco fumegante, que apoz deixa
esse fogo do ceo, ruina e morte,
mal conhece de amor a chamma intensa!

Camões (*profundamente commovido*)
¿Quem és? ¿Quem sois?

Catharina (*continuando arrebatada*)
¡Exhalação do eterno,
esta chamma sem fim devora e cria!

Camões (*cuja commoção, crescendo gradualmente, chegou ao auge, com força, procurando reconhecel-a*)
¿Quem sois, irman, quem sois? ¿O vosso nome?
Houve uma dama só que me entendesse
como vós me entendeis.

Catharina (*commovida*)
¿Era essa dama?...

Camões
¡Foi... Catharina d'Athayde!

(*Catharina levanta o veo; Camões encara-a fito, exprime n'um brado o excesso da sua alegria*)

¡Oh!... ¡Vives!...
¡És tu!... Reconheci-te... ¿Aqui?... ¡Deus mesmo,
o mesmo Deus me torna a minha lyra,
o meu anjo da guarda, a que inspirava
minhas feras canções de amor e gloria!
(*Com força*)
¡Oh! ¡traidores da patria, agora posso
a infamia eternisar-vos! ¡Mais um canto
do coração me irromperá! ¡Volveu-me,
(*Estreitando Catharina apaixonadamente ao peito*)
volveu-me Catharina!... Se és fantasma
do meu delirio, um pouco te demora;
detem-te ainda junto a mim, bem junto...
¡consente ao menos que eu prolongue o sonho!

Catharina
Não sonhas, não. Sou eu, eu que te falo,
a que sempre te amou na longa ausencia,
e pela eternidade a amar-te volve.
(*Com força*)
¿Ha potencia mortal que desengaste
dos orbes seus a lua namorada,

e a guarde em ferros longe do seu astro ?
¿Longe do foco ardente, aonde a invita,
e de cantinuo a atrae omnipotente
a voz do Creador ?
(*Com confiança*)
Ambos quebrámos
nossos duros grilhões. De oppostos polos
redemoinhando nos topámos ambos
fóra do mundo...
(*Com exaltação*)
¡A Deus já pertencemos !

Camões

¡Morrer!... ¡Jesus! ¡morrer tendo-te ao lado!...
¡e depois de rever-te!...
(*Suavemente*)
Ha pouco a morte
branda me parecia. — «Vou — pensava —
encontral-a no Ceo onde me espera;
vou-me a fruir o amor na eternidade
co'as bençãos do Senhor e a vista d'ella...»
(*Desesperadamente*)
¡Até n'estas fronteiras da existencia
o derradeiro jubilo se torna
uma atroz ironia! ¡Se te encontro,
é para te deixar e mais sentir-te!
Morrer não quero... Um dia, um dia, ao menos...
¡uma hora... mais outra de existencia !

Catharina (*com força*)

¡Não morrerás!

Camões (*com abatimento*)

Encara no meu rosto.
¿São estes, dize-me, os signaes da vida?
¿Não ouves como, instante e pressurosa,
negra adejando me requesta a morte?
Este lentor, que gélido me orvalha,
é seu beijo primeiro... Já me toca...
e me invade .. e me opprime... ¡Ai, bem a sinto!
commigo está. . ¿Não vês?... Ell-a...

Catharina (*com exaltação*)

Só vejo
o horizonte nas orlas arraiar-se

d'um suave fulgor. Ó meu poeta,
sorri... surges no porto... Em fim clarêa,
alvorece-te em fim a aurora eterna
do eterno dia de repoiso e gloria,
e na fronte sem nuvens te rutila...
¡Chora, mas por mim só, que sò me fico
rasgando os pés nas urzes do caminho!
Menos que tu soffri, menor direito
ao descanço ganhei. Colhe o teu premio.
¡E guarda-me! Teu genio o sabe: a morte
não separa, reune. ¡Em breve unidos
para sempre seremos!

Camões (*com voz profunda*)

¿E se tudo
sob a terra lethal emmudecesse?
¿o affecto? ¿a mesma dor? ¿até saudades?
¿se tudo quanto somos se extinguisse
co'o vil pó d'este corpo? ¿se o sepulcro
a meta fosse extrema, e além... mais nada?
¡ideia pavorosa!

Catharina

¡E entrou na mente
d'onde ao mundo os *Lusiadas* brotaram!
¿Não sentes em ti mesmo a eternidade?
¿Renegas o teu genio portentoso,
ingrato ao Deus, que o dá, ao Deus que o vinga,
e aos pés te prostra os seculos, e cobre
de loiros immortaes o humano ultraje?

Camões

Prosegue, Catharina... ¡oh! continúa...
Respiro a custo... Densa nevoa em torno
carregar-se-me sinto .. ¿Onde estás?... Dá-me...
¡ai! dá-me a tua mão... ¡Que eu morra ouvindo
a tua doce voz!...

Catharina (*comsigo vencida da commoção, que até aqui tem procurado esconder-lhe*)

¡Deus de bondade!
¡dae-me esforço, oh, meu Deus, para esforçal-o!

Camões (*com enthusiasmo*)

Assim sonhei, assim cantei ha muito
a mulher, fervorosa incitadora

dos grandes, dos magnanimos instinctos.
E em ti pensava então, de ti cantava,
ó Catharina... ¿Lembram-te os meus versos,
aquelles pobres versos, prenda occulta,
que tu só, mais ninguem, soube no mundo;
e que em teus labios me soavam cheios
de poesia tamanha?

Catharina (*com paixão*)

¡Se me lembram!

(*Declamando com muito affecto*)

¿Quem és, que passas férvida
nos ermos santuarios,
e exhalas casto effluvio
nos templos solitarios?

Camões (*continuando, como quem recorda presadas memorias*)

¿Quem és, que a extincta lampada
da fé voltando accendes,
e entre o delicto e o arbitro
piedosamente estendes
o veo das tuas lagrimas
que um Deus vão applacar?

(*Afrouxa-lhe a voz: faz signal a Catharina para que esta continue*)

Catharina (*proseguindo*)

¿Quem és, que passas candida
entre a vergonha e o pranto,
onde as humanas lastimas
se chegam, dão quebranto;
e ás vacilantes duvidas,
e aos labios resequidos...

Camões (*interronpendo-a, com muita commoção*)

a fronte chegas pallida
e os ergues convertidos;
¿e com teus puros osculos
os fazes esperar?

Bem vês... Morria aqui entre rancores.
Do Ceo me desces... morro bemdizendo.

Catharina

Alegra-te, poeta. Chega ovante
a justiça de Deus. Hoje começa
vida maior. Teu nome glorioso
pelos evos se alarga. A longes plagas
ha-de ir, além das serras e dos mares,
dos ventos sobre as azas transvoando.
Esta terra, que ousou negar-te ingrata
o pão do peregrino, virá dia
em que, altiva, dos povos no concilio
a fronte exalce, ufana de chamar-se
a patria de Camões.

Camões (*tristemente*)

¡A minha patria!
Perdoa-lhe, Senhor, a amarga taça
que ao filho seu brindou. Dos seus aggravos
torna-a briosa e fera vingadora.
Em prol dos foros seus arma-lhe o braço;
¡és justiceira espada de dois gumes!
¡A ti, ó minha patria, o adeus extremo
do teu poeta!...
(Delirando)
¡O meu laurel já vejo!
Dae-m'o que é meu... cingil-o quero á fronte...
¡Chegaste, amanheceste finalmente,
ó dia appetecido do triunpho!
¡Que turbas apertadas! ¡Quantos olhos
fitos em mim! ¡Repete-se o meu nome
no coração, nos labios, nos applausos!
¡Meu nome!... ¿E o d'esta?... Não, não vos esqueça.
Sem ella nada fôra. Só por ella
poeta sou... ¿Escutas, Catharina?
¡Que longa acclamação de ouvir teu nome!
¡Rendo-te a fama, os loiros!...
(*Inclinando-se em signal de preito*)
¡Honra e gloria
á musa de Camões!
(Fica n'esta attitude.)

SCENA ULTIMA

OS DITOS E ANTONIO

Antonio (*da porta*)

Os Castelhanos
entraram na cidade. ¡O reino inteiro
é provincia de Hespanha!

Camões (*erguendo-se firme*)

¡Os Castelhanos!..
A hora é de morrer... ¡Saúdo a morte!...
¡Adeus!... No ceo te espero, Catharina!
Dirás aos teus que portuguez eu morro,
¡e morro livre a abominar traidores!..
(*Cai nos braços de Antonio e de Catharina*)

Vozes (*dentro*)

¿Real por D. Filippe e por Castella?

Camões

¡Infame voz! ¡Comprados alaridos!
(*Arranca-se dos braços de Antonio e de Catharina, e arremeça-se á janella*)
¡Real real por Portugal!
(*Cai por terra e morre*)

Vozes (*dentro*)

¡Ávante
por D. Filippe!
(*Precipita-se em scena o tumulto dos homens de armas*)

Catharina (*estendendo a cruz, com voz e gesto imperioso*)

¡Atraz!... ¡Este é cadaver!
Os mortos respeitae: ¡Deus vol-o ordena!

NOTA XXI

Morada de Camões em Lisboa

(NOTA NOVA NA SEGUNDA EDIÇÃO)

(Tomo I pag. 177 linha 2 — *Aposento apertado e pobrissimo, onde assiste Camões, na visinhança da egreja de Sant'Anna.*)

No seu bello estudo sobre a vida e obras de Camões diz o snr. Visconde de Juromenha, a pag. 149, o seguinte:

«No tempo de Faria e Souza era a opinião mais seguida que fallecêra (Luiz de Camões) em uma pobre casa na rua de Sant'Anna. «Algunos dizen que el P. murio en un Hospital. Pero los mas dizen que el murio en una pobre casita en que vivia cerca del Convento de Monjas Franciscanas y vocacion de Santa Anna.» O padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, em uma biographia manuscrita, affirma que morrêra em uma *casa humilde* na dita rua junto ao arco de Santa Anna, e casa da Encarnação e pegada com a ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz. Accrescenta Faria e Souza, que esta casa da sua residencia nunca mais fôra habitada; é notavel que ainda hoje pesa o mesmo mau destino sobre esta habitação. Se alguma vez o leitor subir esta ingreme calçada, e fatigado parar no meio d'ella, observe á sua mão esquerda uma casa em ruinas sem habitador, que faz frente para a rua e para o beco de S. Luiz, e tem o numero de policia 52 a 54, e saiba que debaixo d'aquelles telhados porventura curtiu a mais cruel e acerba desventura o Cantor immortal da gloria dos portuguezes.»

O mesmo diligente biographo, na sua nota a pag. 510, voltando ao ponto, acrescenta:

«Por muito tempo se viu uma casa em ruinas junto á ermida do Senhor da Salvação e Paz, que está pegada á casa das Commendadeiras da En-

carnação, que tinha o numero de policia de 52 a 54, e com uma das frentes para o beco de S. Luiz, cuja casa era foreira a D. Aleixo de Menezes, e foi ultimamente reedificada; este predio, pela descripção da biographia do padre Fr. Francisco de Santo Agostinho, parece ter sido a habitação do nosso poeta.»

¿Seria grande custo para a Camara Municipal de Lisboa mandar embutir em pedra ou bronze na frontaria do predio um resumo d'esta noticia? Ha omissões que se não perdoam nem se explicam; uma d'ellas, e a mais vergonhosa, é esta.

NOTA XXII

LOGARES MEMORAVEIS

(Tomo. 1, pag. 189. linha 13.—
Tal patria não quer afeiro;
antes choral-a na gruta
de Macau.

Tudo que de perto ou de longe se refere ao viver de um grande homem, concita valentemente as attenções. D'ahi, a veneração dos tumulos; d'ahi, a santidade das reliquias; d'ahi, o feitiço irresistivel das antigualhas; d'ahi, o resguardarem-se os autographos como thesoiros; d'ahi, as honras dadas aos nomes de familia; d'ahi as exhibições em Londres, de alfaias de Napoleão; d'ahi, os milheiros de bengalas de Voltaire que passeiam por toda a superficie da terra. Devotos, poetas, namorados, amigos, estudiosos, todos teem esta superstição: é pois da natureza, e, se

da natureza é, para algum fim de utilidade nos foi dada. Em a nota, que já atraz fica, sobre honras posthumas, o aventámos, ao ponderar a virtude inspirativa de tumulos e estatuas.

Ha porém, além dos tumulos, cofres do pó que foi de heroes, e, além das estatuas, reminisencias de suas fórmas externas, muitas outras coisas suas, que não menos se devem salvar; assim para lhes augmentar a elles o culto, como para despertador a outros, e tambem para credito nacional: taes são os logares consagrados pela sua presença, trabalhos, e meditações. O que a alma assume de poesia, de brios, de fidalga emulação, aspirando ares já respirados por immortaes, poucos haverá que alguma vez o não experimentassem. Quanto a mim, por muitas vezes o tenho sentido, pois o extravagante e fantasioso acaso que preside a tudo que é meu, me tem levado a morar onde escritores de fama (mais ou menos merecida) haviam já assistido. Primeiro na quinta da *Madre de Deus* ao Seixal, casa outr'ora de recreação dos Jesuitas, onde é fama que estivera o Padre Antonio Vieira. Segundo em Lisboa no Hospicio dos Jesuitas do Maranhão junto á *Praça das Flores*, onde é provavel que o mesmo admiravel engenho habitaria. Terceiro na *Rua da Vinha*, ao Bairro Alto, no segundo andar das casas que fazem frente ao pequeno largo, nas quaes por annos viveu sósinho o auctor do *Hyssope* e das *Pindaricas*. Quarto na *Rua da Conceição*, tambem junto á *Praça das Flores*, nas casas que fazem angulo da dita rua com a do *Monte Olivete*, Hospi-

cio que fôra de Brancanes, e onde por isso costumava ficar, quando a Lisboa vinha, Frei José do Coração de Jesus, o Almeno, traductor das *Metamorphoses* de Ovidio antes de mim. Tudo isto na minha Lisboa. ¡Em todas estas vivendas, sem exceptuar a do barbaro Almeno, me corria, nas horas quietas, não sei que viração convidativa de meditações, não sei que fragrancia vaga de letras e poesia!

Outro tanto sentia eu quando, muitos annos depois da morte do meu eruditissimo mestre Antonio Ribeiro dos Santos, visitava como santuario as casas e jardim onde em menino o tinha ouvido, na *Rua do Sacramento da Lapa*. Outro tanto, quando entrei na casa abarracada, em que viveu de melancolia nos ultimos annos, e afinal falleceu, o Tolentino, na *Rua do Arco do Marquez*. Outro tanto, quando a miudo peregrinava de dormitorio em dormitorio, e de recanto em recanto, no convento e cerca dos Dominicos de Bemfica, amores, bemaventurança e gloria do nosso mellifluo Frei Luiz de Sousa. Outro tanto, em cada convento que percorri antes de profanados, e ainda muito mais depois de profanados, pois nenhum d'elles deixou de albergar varões muito insignes.

¿Quem frequentou nunca a Universidade de Coimbra, que algum'hora se não engrandecesse com as lembranças das dezenas de classicos que outr'ora a cursaram, e muitos dos quaes lá foram mestres: Diogo de Teive, Antonio Ferreira, Sá de Miranda, Luiz de Camões, Gabriel Pereira de Castro, Jeronymo Osorio, Antonio de Castilho? etc., etc; ¿e lá mesmo, fóra da Universidade, mas ainda

dentro d'essa feiticeira Coimbra, quem não viu em espirito, inteira e completa, a tragedia de Dona Maria Telles visitando em *Subripas* a antiga e veneranda casa de Templarios, e a de Dona Ignez de Castro vendo correr a fonte das lagrimas?!

Ora pois, se os sitios aprehendem alguma coisa dos seus moradores para o ficarem invidando por esses seculos fóra, e taes invites não são estereis; se o *Itinerario da Terra Santa* de Chateaubriand, e a *Viagem ao Oriente* de Lamartine não tiveram outra origem; se o mais gostado de Lord Byron são as suas reminiscencias por entre as ruinas da Grecia; se a *Corinna* de Madame de Stael brotou tão seductora do chão da Italia, só composta de suas brilhantes exhalações; se, n'uma palavra, em todos os escritores de maior alma as paginas mais attractivas lhes foram inspiradas pelas saudades, e as saudades pelos logares, testemunhas, e theatros das grandes coisas e pessoas do mundo preterito; e se é certo que esta invisivel mó do tempo vai desfazendo de continuo os edificios, as pedras, os nomes, e as memorias, ¿por que não havemos de disputar ao esquecimento o mais que possivel fôr d'essas mesmas memorias, mirrados frutos das edades extintas, mas germes, e, quando menos, adubio de bens e gozos no futuro?!

¡Quão sem custo não póde qualquer Municipio assignalar com uma lamina de metal esculpida com o nome da pessoa, e datas do seu nascimento e morte, a frontaria de cada casa em que haja nascido, vivido, ou acabado, um homem notavel nas sciencias, nas letras, n'uma arte, n'um mister, nas armas, nas vir-

tudes?! etc. (Os senhorios mesmos o deviam fazer por seu interesse). ¡Soubesse alguem hoje onde tinha assistido o Camões na *Travessa do Monturo do Collegio!* ¡por mais mesquinho que o predio fosse, veriamos se ficava nunca por arrendar, e por bom preço, e por boa gente!

Depois, os nomes das ruas tambem, se os corpos municipaes fossem mais curiosos, se podiam tornar premios muito lisonjeiros, e sem custarem um seitil. O Porto deu o exemplo, abrindo a *Rua de Ferreira Borges*; Lisboa fez o *Largo de Camões* e a *Praça de D. Pedro*; ¡por que não hão-de uma e outra cidade, e como ellas todas, seguir esses tres exemplos? Popularisar merecida fama, é sempre bom.

Venho já ao ponto. Muito naturalmente me influiu estas considerações a *Gruta de Macau*. Desejoso de poder com meus leitores visital-a, sequer em espirito, pedi a um amigo do poeta, e poeta elle mesmo, e meu amigo tambem, o ex.^mo^ snr. Frederico Leão Cabreira, uma descripção por escrito d'aquelle sacrario de inspirações, sempre venerado até de estrangeiros, e que a elle bem deliciosas as deu por certo. O snr. Conselheiro, portuguez dos bons tempos ainda hoje, e tão devoto de reliquias d'estas, que até comprou n'aquelle glorioso Oriente as ruinas da casa em que viveu S. Francisco Xavier, com alacridade acudiu ao meu empenho; e se com primor tambem, já se vai ver. De toda a sua resposta, só omitto o formoso comprimento em verso, com que o seu fanatismo de amigo m'a endereçou.

«O sempre grande epico portuguez viveu cerca de cinco annos de sua heroica e trabalhosa vida na cidade do Santo Nome de Deus de Macau na China, para onde fôra em 1556, e d'onde regressou a Goa em 1561. Na mesma cidade de Macau, ainda então nova, e mal povoada, elegeu a situação e gruta, de que vamos falar, para theatro de suas alti-sublimes meditações.

«Ali inspirado suavemente, compoz algumas de suas admiraveis poesias

—«Aquelle, cuja lyra sonorosa,»—
em altiloco accento sublimado,
com grande immortal brado,
a fama eternisou prodigiosa
da terra, e gente forte lusitana
a quem não venceu arte, ou força humana.

«Trataremos primeiro da situação (n'aquelles heroicos tempos ainda deserta e solitaria) e depois falaremos da gruta, que, tomando parte da celebridade do grande poeta, se ficou chamando

A Gruta de Camões

«Existe ella em uma pequena mas formosa quinta, na distancia de uns quinhentos passos da muralha da cidade, a que serve de limite pelo lado do norte; ligando-se a mesma quinta á bella casa do seu actual proprietario, o illustre cidadão Lourenço Marques, que a houve por casamento com uma sua proxima parenta, filha do fallecido Conselheiro Manuel Pereira, portuguez europeu estabelecido ha perto de um seculo na mesma cidade, aonde adquiriu consideravel fortuna, e a quem se attribue a erecção d'estes recommendaveis predios, ou ao menos a magnificencia, e formosura, que ao presente ostentam.

«A posição é elevada, e se communica com a cidade por uma curta rua, que, partindo de um espaçoso átrio quadrado, fronteiro á casa, desemboca no bonito largo da egreja de Santo Antonio, uma das tres parochiaes que a povoação contém. A mesma casa, sem muita elegancia exterior, tem grandes salas apparatosamente mobiladas, e vastas acommodações:

umas feitas de novo, e outras melhoradas n'estes proximos annos: mas pouco se vê de fóra, por estar precedida do lembrado átrio, e circumdada dos outros lados, por alto, copado, e frondifero arvoredo.

«Entra-se para a quinta, não só pelo interior da casa, mas tambem por um largo e rico portão de ferro, existente ao seu lado direito, no referido átrio; e d'esta entrada se utilisa o publico, porque os delicados proprietarios a facilitam a toda a sorte de pessoas. Comtudo, a curiosidade e o gosto são ao presente tão escaços entre nós, que bem pouca gente vai ali de ordinario recrear-se. ¡Por certo não acontecêra o mesmo se fosse propriedade de estrangeiros, dos quaes nunca deixa de ver-se algum gozando de tão agradavel passeio!!!... O terreno é bastante irregular, formando muitos e varios taboleiros, divididos por largas e vistosas ruas, guarnecidas de buxo, cuidadosamente aparado, entre regulares fileiras de bem plantadas e frondosas arvores de sombra, indigenas do paiz, ou levadas dos circumvisinhos, umas por outras, quasi sempre cobertas de suas naturaes, e odoriferas flores. Os taboleiros lateraes são occupados por pequenos pomares, ou bosques de arvoredo fructifero, cujas variadas producções atraem mais e mais a curiosidade do observador, pela differença de suas configurações, e viveza das cores.

«Alem d'estes formosos inamoviveis adornos, notam-se nas principaes ruas d'este pequeno paraiso extensas fileiras de vasos de porcelana do paiz, contendo exquisitas plantas, e lindas flores de jardinagem, de mistura com muitos em que se criam e permanecem bellissimas laranjeiras de até tres palmos de altura, carregadas de seus doirados succulentos pomos entre aprazivel verde-escura folhagem:

Aqui disputam Flora com Pomona
seu divinal poder, e galhardia...
aqui Zefiro alegre,
nutrido dos aromas mais mimosos,
convida os pensadores
ao brilho contemplar, e alta belleza
dos mimos que produz a Natureza.

«Não contém a quinta jardim algum, propriamente dito; e só ha na parte mais baixa d'ella uma boa

porção de terreno ajardinado, aonde se cultivam e produzem optimas hortaliças, para regalo dos seus dignos proprietarios, e dos muitos amigos a quem com ellas mimoseiam.

«A situação, elevada como já se notou, é em si mesma encantadora pelas bellas e variadas vistas que offerece. Descobrem-se de bastantes pontos d'ella os bonitos campos chamados de Mohá, até aos que servem de base ao alto, e destacado monte da Guia, o qual está continuamente recordando aos innumeros navegantes, que de largas distancias o avistam, nossas antigas glorias, devidamente simbolisadas, quaes as simbolisa

O bicolôr pendão das lusas Quinas
que tremulando ovante,
em alta e magestosa fortaleza,
do nome da montanha e sua c'roa
attesta, com seu brilho permanente
os feitos immortaes da lusa gente.

«Descobre-se mais quasi toda a ráda, ou porto maritimo da cidade, com algumas das escalvadas ilhas que o circumdam e abrigam. Descobrem-se os pagodes Novo e de Mohá vistosos templos da chineza idolatria. Vê-se muito de perto toda a povoação chim, denominada Patãne; e da mesma sorte o bairro portuguez, que se diz de Terrafeiro. Avista se todo o rio de Macau até á fortaleza da barra, com infinitos navios de todas as nações, e barcos chinezes de extravagantes construcções, e pintura, que ali continuamente surgem. Observa-se em pouca distancia a pequena insula chamada—Ilha verde—no indicado rio, a qual, sendo ainda no seculo passado um simples rochedo, com pouca terra tem sido em alguns annos convertida, pelos respeitaveis Padres Directores do Collegio de S. José das Missões da China, a quem agora pertence, em um dos mais frequentados passeios maritimos, e apraziveis logares de recreio para as familias da cidade. Avistam-se mais ao longe, na maior ilha, que forma a opposta margem do rio, as povoações chinezas a que dão os nomes de—Paq-san—e—Fac-san—com outras menores, e os terrenos que as circumdam. Avistam-se finalmente varias montanhas e montes destacados,

assim na mesma ilha em que a cidade existe, como nas outras circumvisinhas. Tudo isto apresenta ao observador curioso as mais gratas e pitturescas perspectivas.

«Todos os terrenos incultos que se avistam, comprehendidos os contiguos, pertencentes á cidade, estão desordenadamente semeados de sepulturas ou tumulos chinezes, cujas variadas formas, já pela elegancia d'uns, já pela esquisitice d'outros (são geralmente de alvenaria) dão materia bastante para melancolicas meditações, a quem da placida situação, que descrevemos, em todas as direcções os contempla.

Ali, tristes jazigos pavorosos
d'innumeros mortaes, já não lembrados,
em silencio pregoam
o quanto é transitoria a vida humana,
e mais nos certificam
que só não desce todo á sepultura
quem durador se acclama
por feitos immortaes, na voz da fama.

«Talvez com idéas semelhantes, e póde ser que em presença dos mesmos objectos, escrevesse o sublime epico no fim do 7.° canto do seu famoso poema tratando — *dos que por obras valorosas se iam da lei da morte libertando*,—os seguintes recommendaveis versos.

—D'aquelles sós direi, que aventuraram
por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
onde perdendo-a em fama a dilataram,
tão bem de suas obras merecida.—

«Quasi no centro, em um dos pontos mais elevados da deliciosa situação que acabâmos de descrever, se via um rochedo natural de pouco mais de quatro varas de altura, contendo na base uma abertura em forma d'arco irregular, de sete a oito pés de elevação interior, com pouco menor comprimento e largura, aberto por ambos os lados, como para deixar gozar, a quem ali se recolhesse, das encantadoras perspectivas que havemos esboçado Foi pois esta abertura, ou mais propriamente *gruta*, o logar que o sapiente e celebre poeta elegeu para se occupar solita-

rio em suas transcendentes meditações. Foi n'este ameno e contemplativo retiro, e todo entregue ao divinal desenvolvimento de suas vastissimas idéas, no remanço do socego, e quasi religiosa absorpção que demandam as sabias filhas de Jove, e da Memoria, para accender e activar seu sagrado fogo na mente dos illustres vates seus favorecidos, que este compoz algumas de suas sublimes producções. Foi ali que elle reuniu e preparou parte dos diamantinos materiaes para esse eterno padrão das glorias portuguezas — *Os Lusiadas* — com o qual transmittiu á mais remota posteridade, e fez em todo o mundo respeitados, os altos feitos dos seus illustres conterraneos, não menos que as permanentes excellencias da terra que o produzira. Foi finalmente ali, que elle — *cantando o peito illustre luzitano*—associou seu esclarecido nome e fama, á fama e nome, sempre respeitado

do grande Capitão Vasco da Gama,

e não menos aos de

Um Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terrivel, Castro forte,
e outros em quem poder não teve a morte.

«Uma das maiores provas de respeitosa consideração que deveriam tributar-se á esclarecida memoria do inclito poeta, seria sem duvida a conservação da gruta sua predilecta, no mesmo estado em que existia quando elle a frequentava. Não foi isto porém o que aconteceu, porque o antigo proprietario do logar, por falta de gosto seu, ou quiçá por mal aconselhado, a mandou aperfeiçoar por canteiros, desbastando as saliencias interiores da rocha, e rebocando de alvenaria suas naturaes cavidadcs. E por esta guisa a converteu em uma pequena, e quasi regular abobada, decorada ha pouco tempo com nm marmoreo busto do heroe, honrador das musas portuguezas.

«O mesmo aconteceu ao corpo do rochedo, o qual foi quasi todo revestido de alvenaria, erigindo-se-lhe na parte superior, correspondente á gruta, uma especie de caramachão, ou pavilhão chinez, tambem de alvenaria, e de acanhado gosto. Suas paredes

estão cheias de versos escritos em lapis, por diversos nacionaes, e estrangeiros, visitadores, mas não consta que se haja feito d'elles alguma collecção, que não deixaria de ser curiosa por sua variedade. Os mesmos visitadores, em geral, escrevem ali seus nomes, e a data em que examinaram aquelle quasi sagrado logar, para o qual, a maior parte dos nacionaes, olham como se fosse um objeto indifferente; o que não deve causar espanto, pois parece que o poeta assim o antevia, quando a respeito d'elles disse na est. 97, cant. 5 de sua preciosa epopeia:

Sem vergonha o não digo, que a razão
de algum não ser por versos excellente,
é não se ver presado o verso, e rima;
pois quem não sabe a arte não a estima.

Fazendo porém justiça ao actual possuidor, a quem tributâmos bem correspondida amisade, devemos diser que elle, com quanto fosse ainda joven, não se ha poupado a despezas e cuidado, para melhorar e ennobrecer cada vez mais aquelle recommendavel predio, e que o mau gosto que ali se nota em alguns objectos, não pode por forma alguma ser-lhe attribuido.

Ponta Delgada 13 de Dezembro de 1849.

FREDERICO LEÃO CABREIRA.

Oiçamos ainda sobre o mesmo assumpto o nosso amigo snr. Carlos José Caldeira, que egualmente conheceu o sitio e o frequentou muito mais modernamente. [1]

«A gruta está incluida na quinta, ou horta, como lhe chamam em Macau, da bella residencia do cidadão Lourenço Marques, morador d'aquella cidade. Esta quinta, ou antes vasto jardim, teria apreço mesmo nas primeiras capitaes da Europa, pelos caprichos e naturaes bellezas que encerra, e pela peri-

[1] *Arch. Pitt.* vol. 1 pag. 18 e seg.

cia com que a arte as realça. Contém um monticulo, que para a parte do rio ou porto interior de Macau é quasi cortada á pique, sobranceiro á povoação chineza de Patane, e para o outro lado é envolto por semi-circulos de enormes penedos. Da terra vegetal, em que assentam, brota infinidade de arvores de variadas especies, sempre virentes, formando lindo e copado bosque; destacando entre ellas, por sua corpulencia e majestade, as que chamam de pagode, a que na India denominam *banian-tree*, e *valete* nas ilhas Filippinas. Esta arvore adquire proporções gigantescas, e com suas raizes enlaça e cobre os rochedos proximos, vestindo-os como de uma tunica de fibras. Dos seus ramos flexiveis nascem delgadas raizes, que se debruçam ou pendem perpendicularmente, como attrahidas para o solo, onde, apenas tocam, se arreigam, e formam novos troncos ou columnatas ligadas á arvore principal.

«Enormes massas de rochedos impendentes em posições caprichosas parecem que só conservam o equilibrio pelos liames que sobre elles estende a formosa arvore de pagode, ameaçando perpetuamente com a sua quéda ao passeante que divaga pelos estreitos e pittorescos caminhos, que artisticamente cruzam este accidentado terreno.

«No cumulo d'este monticulo, um dos pontos mais elevados da cidade, ha uma pequena planura, e n'ella a célebre gruta de Camões, formada por tres grandes penhascos. Parece que mão de gigante ali adrede os collocára para abrigar aquelle outro gigante da intelligencia e da poesia.

«Dois dos rochedos formam como duas paredes parallelas, que distam entre si 135 centimetros, no prolongameuto de 322, e com a altura de 450. O terceiro assenta horisontalmente sobre aquelles em forma de tecto, que á maneira d'um alpendre fica saliente para a parte oriental da gruta.

«O actual proprietario, o mencionado cavalheiro Lourenco Marques, animado de não vulgar patriotismo, tem continuado a obra dos seus antecessores, esmerando-se em aformosear este sitio, já de si tão bello, no que tem feito consideraveis despezas, reparando constantemente os frequentes estragos occasionados pelos tufões. Pena é, a meu ver, que intentasse tambem embellezar a gruta de Camões

com os dois porticos de alvenaria que ornam as duas entradas correspondentes, fechadas por cancellas baixas de madeira; mas como para estas innovações de mau gosto não foram quebrados os rochedos, é facil fazel-as desapparecer, e restituir á gruta a sua rudeza e simplicidade primitivas.

«No centro da gruta ha um pedestal quadrilongo de 56 por 111 centimetros de base, e de 153 de alto, e nas faces correspondentes ás duas aberturas estão gravadas na pedra seis oitavas dos *Lusiadas*. Sobre o pedestal está o busto de Camões, moldado em greda, e bonzeado por artistas chinezes, lendo-se na base:

NASCEU	LUIZ	MORREU
1524	DE CAMÕES	1579

«Na architrave do portico principal estão esculpidas letras chins que significam—*O sabio por excellencia.*—Do mesmo modo nas pilastras, de alto a baixo, se vêem caracteres tambem chins, oito em cada uma, principiando a ler-se pelo lado direito do espectador e verticalmente, segundo o systema da escrita dos chins:

«—*Ki* (Seus) admiraveis ou sublimes —*Xè* versos —*ta* grandemente — *him* floresceram; (e agora) *li*—levantou-se-lhe —*pei* (este) monumento — *choan* (para) passal-o ás - *xè* gerações.—*Tsai*, (Em) talento (e)—*tóo* virtudes—*Chao* excedeu (o poeta) aos—*jen*, (mais) homens; (mas) — *in* por—*tu* inveja —*pi* foi— *nan* perseguido ou sofreu trabalhos.

«A traducção é perfeitamente literal, e feita recentemente pelo insigne interprete Martinho Marques, morador e natural de Macau. As palavras impressas em grifo são os sons das respectivas letras chinezas, lidas segundo a pronuncia do dialecto mandarim. As palavras entre parenthesis accresceatam-se para tornar o sentido completo acommodando a frase á indole das linguas enropeas. Eil-a seguidamente: *Em talento e virtudes excedeu o poeta aos demais homens mas por inveja foi perseguido. Seus admiraveis versos grandemente floresceram, e agora levantou-se-lhe este monumento para passal-o ás gerações.*

«É muito para notar que só passados quasi tres seculos depois da morte de Camões, é que se de-

dicasse este primeiro e humilde monumento á sua memoria, lá na Asia extrema, nos ultimos confins da monarchia, e com essa inscripção chineza de quasi ninguem comprehendida, mesmo entre os portuguezes de Macau; podendo dizer-se que simbolisa o ingrato esquecimento dos que fallavam a mesma linguagem, eternisada na terra pelo sublime poeta. Louvores mil ao benemerito cidadão Lourenço Marques, que primeiro, entre tantas gerações d'ingratos, remiu para si esta feia culpa nacional.

«Sobre a grande massa de granito, que forma o tecto da gruta, ha o mirante que representa a estampa, que remata lindamente o kiosque piramidal, e d'onde se desfructa deliciosa vista. Releve-se-me que reproduza aqui o que já escrevi n'outra parte, tratando d'este mesmo assumpto para dar idéa das impressões que o sitio pruduz:

«D'ali nas suaves horas da madrugada d'um bello dia, ou nos poeticos e saudosos instantes do occaso do sol, uma alma sensivel e melancolica póde gozar doces extasis; ora olhando os sacros rochedos que deram abrigo ao grão poeta, e os antigos troncos que lhe ministraram sombra; ora vendo as limpidas aguas e as ilhas verdejantes, os montes fronteiros e as varzeas graciosas, por onde triste dilatava os seus olhos; e por fim contemplando o formoso ceo que lhe inspirava os carmes!

«No murmurio das ondas, e no sussurrar do bosque; no gemer da brisa, e no canto da ave; os ouvidos d'alma parecem escutar o nome do cantor immortal. Na solidão da natureza e no recolhímento do espirito, tudo ali de Camões diz a saudade!

«A Natureza e a poesia parece terem feito d'este logar o templo do grande genio, onde é forçoso que lhe tribute poetica adoração todo aquelle que se preza de ter nascido na terra que elle tanto amou.

«¡Quão maviosas, quão tocantes soam ali aquellas palavras que um insigne poeta moderno poz na boca de Camões!

Oh gruta de Macau, soidão querida
onde tão doces horas de tristeza,
de saudade passei! gruta benigna
que escutaste meus languidos suspiros,
que ouviste minhas queixas namoradas,

oh fresquidão amena, oh grato asylo
onde me ia acoitar de acerbas magoas,
onde amor, onde a patria me inspiraram
os maviosos sons e os sons terriveis
que hão-de affrontar os tempos e a injustiça,
tu guardarás no seio os meus queixumes,
tu cantarás as porvindoiras eras,
os segredos d'amor que me escutaste,
e tu dirás a ingratos portuguezes
se portuguez eu fui, se amei a patria,
se além d'ella e d'amor por outro objecto
meu coração bateu, lutou meu braço,
ou modulou meu verso eternos carmes.

«Contiguo á gruta para o lado oriental estão esculpidos n'uma pedra, e em lettras doiradas, os versos seguintes:

Patané lieu charmant et si cher au poète
Je n'oublierai jamais ton illustre retraite;
Ici Camoens, au bruit du flot retentissant,
Mêla l'accord plaintif de son luth gémissant.
Au flambeau d'Apollon allumant son Génie
Il chanta les Heros de la Lusitanie:
Du Tage à l'urne d'or, loin de bords paternels
De Bellone il cueillit les lauriers immortels:
Malheureux exilé cet émule d'Homére
Acheta son Génie au prix de sa misère.
Il posséda, du moins, pour charmer ses douleurs,
Les baisers de l'amour et les chants des neuf sœurs.
Lusus et les chinois honorent sa mémoire:
Le temps qui détruit tout agrandira sa gloire.
Moi qui chéris ses vers, qui pleurai ses malheurs,
J'aimais à saluer ces bois inspirateurs.
Je visitais cent fois cet humble et noble asile;
Dans ta Grotte, ó Louis, mon cœur fut plus tranquille.
Agité plus que toi, je fuyais dans les champs
Et le monde et mon cœur, l'envie et les tyrans.

Au grand Louis de Camoens, portugais d'origine castillane
soldad religieux, voyageur et poète exilé;
l'humble Louis de Riensi, français d'origine romane,
voyageur religieux, soldat et poète expatrié.
30 Mars 1827.

«O logar em que foi construido o mirante, seria muito melhor aproveitado para collocar a estatua de Camões, á qual serviria como de majestoso pedestal o monticulo que já descrevemos, em cujo vertice está a gruta, e que parece a Natureza se esmerou em preparar para esta devida homenagem ao gran Cantor das nossas glorias. Hoje, que são prósperas as circumstancias de Macau, bem se poderia isto realizar por meio d'uma subscripção, appellando para o patriotismo e bizarria dos seus moradores, ou aliás pelo excedente de dinheiro que ha agora nos cofres publicos d'aquella possessão.

«A gruta de Camões tem inspirado varias poesias aos viajantes que a visitam. Algumas d'ellas publicaremos ainda.»

O nosso amigo snr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro, correspondeu primoroso ao convite que o proprietario da gruta lhe dirigiu, para que lh'a condecorasse com um busto de Camões, fundido em bronze. Esse retrato, maior que o natural, e de que possuimos, por favor do illustre artista, um exemplar em gesso, tem grangeado geralmente os gabos dos entendidos.

É um accrescimo de interesse, que ha de ficar d'ora ávante recommendando a gruta de Macau.

Ao mesmo snr. Bordallo se devia já a escultura de um interessante grupo — Camões e o Jau.

Terminaremos a nota suscitando novamente a curiosidade das Camaras Municipaes, dos senhorios, dos descendentes de portuguezes benemeritos, etc., etc., para que se preservem do esquecimento, mediante uma pobre chapa de metal gravada, os edificios em que nasceram, viveram, ou se finaram, varões ou damas memoraveis.

Ninguem diga que não urge esta homenagem tão facil, este incentivo tão energico. Cada dia desapparece um informador ou uma testemunha, e talvez a ultima, que ainda nos poderia informar para reconhecermos um d'esses logares memoraveis.

Se toda essa gente porém continuar a ser surda ou indifferente, o que não admiraria muito, acuda a pagar a divida de todos a já mui benemerita sociedade typographico-artistica, editora do *Archivo Pittoresco*. Os snrs. Castros, cuadjuvados pelos seus zelosissimos investigadores de antiguidades, Vilhena Barbosa e Silva Tullio, e pela sua tão auspiciosa e tão activa escola de gravura, podem perpetuar ao menos no seu jornal estas memorias, tão apagadiças de si, quanto formosas. D'esta vez sequer fica-nos certeza de não havermos prégado no deserto.

NOTA XXIII

DESPEDIDA

(No fim da primeira edição)

Acaba este volume de se escrever e imprimir, hoje 22 de Fevereiro de 1850 Não leva muitas outras notas, proventura de algum interesse pratico, por uma razão triste, que não será difficil de adivinhar, relendo-se o que o pobre Camões diz a pag, 151, linha 38 e 39 (Tom. 1 pag. 182, lin. 25 da presente edição.)

Este volume e o da *Felicidade pela Agricultura*, que tambem finalisa hoje, são os ul-

timos arrancos da typographia da *Rua das Artes em San-Miguel*; ámanhan estará muda, deserta, e trancada. Sempre cuidei que me ajudaria, a mim a viver para as Letras, e a ellas a desenvolverem-se um pouco mais nesta paragem, onde de certo não faltam bons engenhos...

Foi mais um castello de esperanças, que o vento dissipou. Vamos ver se n'outra parte os sonharei que durem mais. Ares portuguezes, já se vê que me não querem. Pois queria-lhes eu bastante. Algum dia se dirá por mim: «¡Amar a Patria, como aquelle!» Por talento, podia haver muitos mais dignos de celebrar os infortunios de Camões; por experiencia, ninguem. O quinto acto, especialmente, me sahiu todo cá de dentro; e contém muito mais historia, do que poderá parecer aos afortunados. ¡Praza a Deus que não contenha tambem profecias!

Ha vinte e sete dias cerrei meio seculo de existencia. Nessa pedra milliaria da vida, em que os mais dos homens se assentam para festejos e brindes, e até cans se coroam de verde, curti eu horas bem solitarias e melancolicas, olhando para o horizonte do nascente, e para o do occaso.

«¿Que mal fiz eu a esta Patria, para duas vezes a perder?—dizia eu entre mim—¿para desherdar d'ella aos innocentes do meu sangue que eu tanto me gloriava de chamar portuguezes?! Dei-lhe pouco; mas dei-lhe tudo, a ella: cantei com desvanecimento as suas glorias; defendi-lhe a sua Lingua; pugnei, com sacrificios, para a sua civilisação e lustre; não deneguei nunca os meus livros, os meus con-

selhos, as minhas horas, o meu affecto cordeal, e os meus applausos sem inveja, a quantos mancebos n'ella tratavam Letras; puz peito a que o estudo primario se facilitasse; e de joelhos agradeço á Providencia, porque juro que o consegui. Uma só recompensa ambicionava; e era dormir o meu somno ultimo em terra portugueza; e isso, que tantos logram sem trabalho, a despeito de todos os exforços não o logrei.» — O farto pão que um Soberano absoluto, o Senhor D. João VI, me liberalisára para toda a vida, como premio e animação aos meus exforços literarios, mudanças politicas m'o levaram. O meio pão que a munificencia nacional, com igual intuito, depois me decretou, reduziram-m'o a quasi nada, arrebanhando-me no que se chamou *Classe inactiva! Inactivo!*... só porque os trabalhos que eu fazia, os fazia espontaneamente, e não encarregado, nem obrigado por um Governo! ¡Oh! meu bom Camões, bem dizias tu:

¡Que exemplos a futuros escritores!

Apressemo-nos a pôr no livro a palavra:

FIM

NOTA XXIV

DESPEDIDA

D'ESTA SEGUNDA EDIÇÃO

O que ha doze annos me arrancava de dentro em hora cerrada de melancolias estas queixas magoadas, desfizeram-n-o em parte mudanças imprevistas da fortuna. Adormeço e acordo na terra do nascimento, sem já me arrecear de a perder. N'ella me gozo (posso dizer sem excepção) dos bons affectos de todos os nossos engenhos mais illustres. Componho d'elles uma segunda familia (¡e quão numerosa!). Tenho os filhos creados, e em caminho para o futuro; vejo a Literatura nacional medrada, frutuosa, florida, verde, e a desabrolhar a todas as horas, como nunca. Espairece-se a alma; está-se bem.

¡Assim tivessem já chegado á sua estação de produzir, os tantos alvitres patrioticos e facillimos, com tanta fé semeados ao longo d'essas notas!

Pode ser que doze annos mais nos hajam trazido melhores dias.

Lisboa,—no meu Tibur da Rua Nova de S. Francisco de Paula—21 de Abril de 1863.

FIM DO VOL. III